

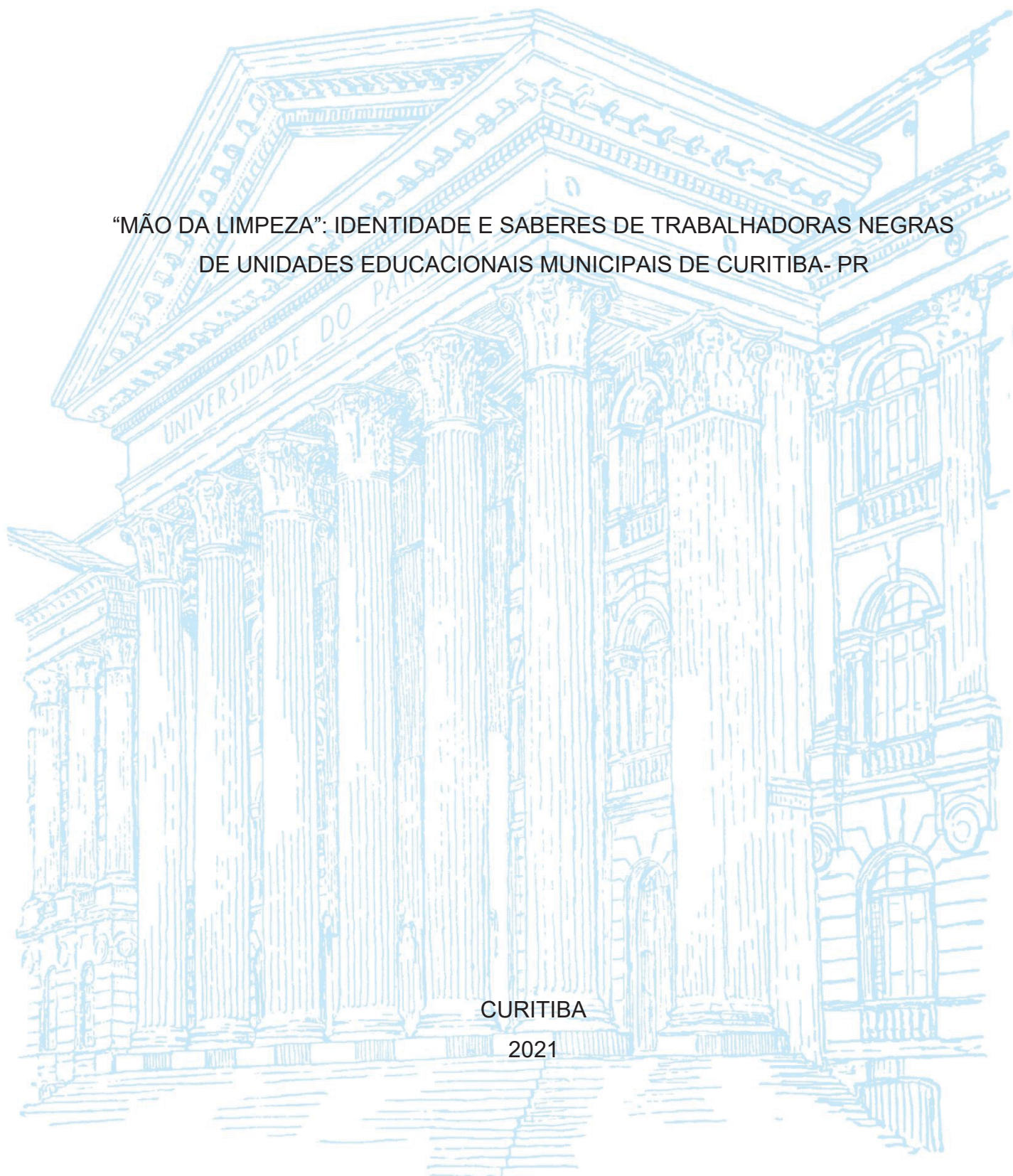
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIA HELENA XAVIER

“MÃO DA LIMPEZA”: IDENTIDADE E SABERES DE TRABALHADORAS NEGRAS
DE UNIDADES EDUCACIONAIS MUNICIPAIS DE CURITIBA- PR

CURITIBA

2021



LUCIA HELENA XAVIER

“MÃO DA LIMPEZA”: IDENTIDADE E SABERES DE TRABALHADORAS NEGRAS
DE UNIDADES EDUCACIONAIS MUNICIPAIS DE CURITIBA-PR

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Rosa Dias.

CURITIBA

2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Xavier, Lucia Helena

“Mão da limpeza” : identidade e saberes de trabalhadoras
negras de unidades educacionais municipais de Curitiba - PR /
Lucia Helena Xavier. – Curitiba, 2021.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Drª Lucimar Rosa Dias

1. Educação. 2. Mulheres negras. 3. Mulheres na educação.
4. Mulheres – Trabalho. 5. Escolas públicas – Curitiba (PR). I.
Dias, Lucimar Rosa. II. Universidade Federal do Paraná.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **LUCIA HELENA XAVIER** intitulada: **"MÃO DA LIMPEZA": IDENTIDADE E SABERES DE TRABALHADORAS NEGRAS DE UNIDADES EDUCACIONAIS MUNICIPAIS DE CURITIBA- PR**, sob orientação da Profa. Dra. LUCIMAR ROSA DIAS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 06 de Dezembro de 2021.

Assinatura Eletrônica

09/12/2021 17:36:28.0

LUCIMAR ROSA DIAS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

09/12/2021 12:05:09.0

JOANA CÉLIA DOS PASSOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

09/12/2021 12:49:29.0

MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico esta dissertação a Valéria Pereira Silva e Hosana Alves Prestes, mulheres que eu tive a oportunidade de me aproximar e que acrescentaram muito na minha compreensão de que experiências de resistência de mulheres negras são coletivas.

AGRADECIMENTOS

No momento em que concluo mais esta etapa da vida, é tempo de olhar para trás e ver o caminho que me trouxe até aqui. Não é difícil constatar que a forma como caminhei não se deve somente a mim, mas a todas as pessoas que me acompanharam, sinto-me acolhida e confortada por todas elas, portanto, esse momento não pertence só a mim, é um construir coletivo que define minha identidade.

À minha mãe, Maria Glassy, por ser um exemplo de que não existe luta perdida, que a cada queda tenho que levantar, traçar um novo plano e prosseguir.

À minha avó Maria das Dores e meu avô Aristides, por ajudarem minha mãe a me cuidar e proteger sempre que foi necessário.

À minha tia Lenir, que me encheu de amor e confiança.

À minhas amigas Rosi e Lilian, que sempre me incentivaram a entrar na pós-graduação e que me guiaram para um retorno à vida acadêmica.

Às quatro educadoras Fernanda, Jokasta, Renata e Luizene, que junto comigo formam o Quinteto, mulheres que lutam incansavelmente pelo direito à educação que contemple a todas/os. Foram as palavras delas que me fizeram acreditar que eu tinha condições de ser uma pesquisadora em educação.

A todas/os integrantes do Grupo de Estudos ErêYá pelas discussões e contribuições ao meu projeto de pesquisa.

Às/os colegas de turma de mestrado, especialmente Adriana, Roberta, Aldia, Diego e Marcos que, mesmo sem perder de vista todas as questões acadêmicas, me encheram de amor e carinho.

Às/os professoras/es das disciplinas de mestrado, Carolina dos Anjos de Borba, Catarina de Souza Moro, Jamil Cabral Sierra, Laura Ceretta Moreira, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Paulo Vinicius Baptista da Silva, Sonia Fatima Schwendler e Sueli de Fatima Fernandes, por dividirem seus conhecimentos de forma tão generosa.

À minha orientadora, Lucimar Rosa Dias, pela competente condução da formação de uma pesquisadora que tantas vezes não sabia para onde ir.

À minha banca de defesa de mestrado composta pelas professoras Joana Célia dos Passos e Megg Rayara Gomes de Oliveira, suas considerações sobre minha pesquisa expandiram meus conhecimentos e aprofundaram as análises que realizei.

Ao meu amigo Edson, que cuidou dos embaraços da minha vida pessoal e doméstica para que eu tivesse mais tempo disponível para estudar.

Ao meu amigo João, pelas longas conversas que sempre me provocaram intelectualmente e me encheram de ideias e coragem para escrever.

Enfim, como diz o provérbio yoruba, “uma árvore não faz a floresta”.

EPITÁFIO

Voz negra

*Tentaram me calar
Mas foi em vão
Minha voz se fez ouvir
Lá do porão
Sofri, chorei, sangrei,
Mas eis-me aqui
Falarei para o mundo inteiro então me ouvir
Sofri, chorei, sangrei,
Mas eis-me aqui
Essa voz negra me levou da tristeza
Então vivi*

Luana Bayô

Uma homenagem a Odete, uma das interlocutoras, que faleceu meses após ter compartilhado suas experiências de vida e ajudado a construir essa pesquisa.

RESUMO

Nesta pesquisa busquei, por intermédio da escuta de narrativas das histórias de vida de mulheres negras trabalhadoras em serviços de limpeza e conservação de unidades educacionais municipais de Curitiba, apresentar as lutas, anseios, conquistas e saberes dessas profissionais que contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento de todas as ações realizadas nos espaços educativos. Nesse sentido, meu objetivo geral foi compreender o impacto que o racismo, o sexismo e o elitismo de classe da sociedade brasileira incidem na vida dessas mulheres e as colocam em situação de vulnerabilidade, mas também como elas criam formas de resistências à subordinação social. Esta investigação tem como base o pensamento negro feminista a partir de autoras como: bell hooks (2013, 2014, 2019), Patricia Hill Collins (2015, 2016, 2019), Sueli Carneiro (2005, 2018), Kimberlé Crenshaw (2002, 2004). A metodologia escolhida trançou minha experiência de mulher negra e as experiências de minhas pares com base na história oral de Paul Thompson, (1992) e na escrevivência de Conceição Evaristo (2020). A análise das narrativas foi organizada a partir da Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos - ACNAS (DIAS, 2021), metodologia em construção no grupo de pesquisa ErêYá. Concluímos pelas narrativas dessas mulheres que, se de um lado as condições socioeconômicas lhes impuseram duras lutas, o que marcou suas vidas de modo indelével, por outro lado, elas desenvolveram estratégias de insurgência a processos de desumanização que o racismo, o sexismo e o elitismo de classe produzem por meio de laços de solidariedade e afetividade que lhes possibilitaram como adultas ressignificarem suas identidades de mulheres negras sob novos parâmetros. Nesse processo, construíram saberes que podem ser compartilhados nos espaços educativos em que atuam.

Palavras-Chave: Educação. História de Vida. Mulheres Negras. Trabalhadoras em Serviços Gerais. Unidades Educacionais de Curitiba.

ABSTRACT

In this research, I sought, through listening to narratives of the life stories of black women working in cleaning and conservation services of municipal educational units in Curitiba, to present the struggles, anxieties, achievements and knowledge of these professionals who effectively contribute to the development of all actions carried out in educational spaces. In this sense, my general objective was understanding the impact that racism, sexism and class elitism in Brazilian society have on the lives of these women and put them in a situation of vulnerability, but also how they create forms of resistance to social subordination. This investigation is based on black feminist thought from authors such as: bell hooks (2013, 2014, 2019), Patricia Hill Collins (2015, 2016, 2019), Sueli Carneiro (2005, 2018), Kimberlé Crenshaw (2002, 2004). The methodology chosen traced my experience as a black woman and the experiences of my peers based on the oral history of Paul Thompson (1992) and on the writing of Conceição Evaristo (2020). The analysis of the narrative s was organized from the Critical Analysis of Narratives and Attribution of Meanings - ACNAS (DIAS, 2021), a methodology under construction in the ErêYá research group. We conclude from the narratives of these women that, if, on the one hand, socioeconomic conditions imposed hard struggles on them, which indelibly marked their lives, on the other hand, they developed insurgency strategies against processes of dehumanization that racism, sexism and elitism class produce through bonds of solidarity and affection that enabled them as adults to reframe their identities as black women under new parameters. In this process, they built knowledges that can be shared on the educational spaces in which they work.

Keywords: Education. Life's history. Black women. Workers in General Services. Curitiba Educational Units.

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ACNAS	- Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos
ANPEd	- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil
ERER	- Educação das Relações Étnico-Raciais
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	- Ministério da Educação e Cultura
NEAB-UFPR	- Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Paraná
OCUPP	- Observatório de Culturas e Processos Político-Pedagógicos
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
SME	- Secretaria Municipal da Educação de Curitiba
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A MULHER NEGRA, IDENTIDADE E LUGAR NA SOCIEDADE BRASILEIRA ..	26
2.1 MULHERES TRABALHADORAS DE LIMPEZA NAS PESQUISAS	29
2.2 IDENTIDADE E LUGAR OCUPADO PELA MULHER NEGRA	36
2.3 MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO	40
3 A BUSCA POR HISTÓRIAS NÃO CONTADAS	43
3.1 O CORREIO NAGÔ	43
3.2 DIÁLOGO ENTRE MULHERES NEGRAS: A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA E AS HISTÓRIAS DE VIDA	51
4 A MÃO DA LIMPEZA: EXPERIÊNCIAS E IDENTIDADE	57
4.1 “A CRIANÇA QUE FUI”	65
4.2 “MEU PERCURSO PROFISSIONAL E O TRABALHO NAS UNIDADES EDUCACIONAIS”	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE 1 – TRANSCRIÇÕES DAS CONVERSAS	107
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE CONVERSA	181
ANEXO 1 - ALÉM DA MÃO DA LIMPEZA	182
PROTAGONISTAS NA LUTA PELOS DIREITOS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO BRASIL	182

1 INTRODUÇÃO

“Essa menina não serve para fazer o serviço, vai ter que estudar”. Essa frase foi dita pela minha avó¹, Maria das Dores, quando percebeu que, apesar das insistências que ela e minha mãe tinham em me habituar a fazer os serviços domésticos, eu não demonstrava interesse ou habilidades suficientes para, no futuro, exercer como profissão um trabalho relacionado à limpeza, como era tradição na família. Para minha avó, isso era motivo de muita preocupação, pois, para a sua geração essa era a principal possibilidade de uma mulher negra “ganhar a vida” de forma honesta.

O pensamento da minha avó faz parte de uma ideia comum na sociedade brasileira, de que o lugar profissional de mulher negra é em trabalhos domésticos. Isso se constitui como um dos legados da escravidão, que produziu socialmente a relação com este tipo de trabalho, mesmo o remunerado, como uma atividade subalterna.

A realidade econômica do Brasil em relação aos serviços domésticos remunerados demonstra que este é realizado por cerca de seis milhões de pessoas, sendo que destas, 92% são mulheres, particularmente negras, que respondem a 63% do total, com uma média de 8 anos de escolaridade. Esta realidade expressa a intersecção de três variáveis que estruturam a sociedade brasileira: a herança escravista, a formação patriarcal e a expressiva desigualdade de renda. (LUANA PINHEIRO² *et al.*, 2019).

Essa intersecção cria barreiras que, por um lado, “limitam a participação das mulheres em determinadas esferas e, por outro, limitam sua saída de outros espaços, como é o caso do trabalho doméstico” (PINHEIRO *et al.*, 2019, p.11). Por isso, a frase proferida pela minha avó veio como um veredito que marcou minha trajetória de vida.

Nasci na cidade de Curitiba, filha única de Maria Glassy, uma mulher negra, que começou a trabalhar na agricultura e posteriormente auxiliou minha avó em

¹ Ao contar minha história, destaco a importância que minha avó e minha mãe tiveram na minha vida, sem fazer referência à minha linhagem masculina para evidenciar a importância que as experiências e saberes ancestrais de mulheres negras têm na construção de identidades de suas descendentes.

² Nas citações presentes no texto, escrevo o nome completo das autoras/es na primeira vez que elas/eles aparecem, mesmo entre parênteses, inspirada pelas publicações da pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), com a intenção de utilizar uma linguagem inclusiva que demonstre que a produção acadêmica não é exclusivamente masculina. Posteriormente, as mesmas/os autoras/es serão tratadas/os apenas pelo sobrenome, conforme as normas da ABNT.

lavagens de roupas, ainda na infância, para ajudar suas/seus familiares. Quando engravidou, prometeu para si mesma que eu não teria o mesmo destino dela. Desse momento em diante, ela intensificou sua carga de trabalho, realizando serviços domésticos em residências para que eu pudesse percorrer outra trajetória. Dedicar-se a uma exaustiva carga de trabalho para garantir o sustento da filha fez com que a minha infância ficasse sob a responsabilidade da minha avó, com quem morei até os sete anos de idade.

A história da minha mãe expressa uma realidade comum na vida de mulheres negras, que, sozinhas, são chefes de família, de acordo com o documento Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, que apresenta dados desagregados por gênero e cor/raça, em uma série histórica que abrange o período de 1995 a 2015, 55,5% dos domicílios brasileiros são chefiados por elas. (IPEA, 2015). Essas mulheres veem-se obrigadas a contar com o auxílio de familiares, vizinhas/os ou amigas/os para atender a suas/seus filhas/os, enquanto se submetem a baixas remunerações para atender às necessidades de outras famílias que não as suas.

O trabalho precoce e a limitação de acesso à escola pública restringiram-lhe o direito à educação. Ela conseguiu concluir o Ensino Fundamental depois de adulta, e valorizava muito a escola como um meio de ascensão social. Por isso, quando comecei a ir para a escola, minha mãe pensou ser melhor que eu estivesse morando com ela, pois receava que minha avó, por não ter escolarização (não sabia ler nem escrever), não conseguisse acompanhar minha vida escolar.

Minha rotina mudou. Eu ficava uma parte do dia na escola e outra com minha mãe, nas casas onde ela trabalhava. Começava uma nova fase na minha vida, antes eram só as brincadeiras e os mimos da avó, agora, a convivência nessas casas, nas quais passei a ser a “filha da empregada”.

Ser a “filha da empregada” significava estar o tempo todo sob o olhar vigilante das/os patroas/patrões, que tentavam impor sua cultura e seu estilo de vida como os mais apropriados. Era permitido que eu brincasse com as crianças da casa, compartilhasse os alimentos, participasse dos eventos familiares como convidada. Mas, havia uma fronteira fortemente construída que separava o meu lugar e o delas/es. Por mais de uma vez, minha mãe foi alertada sobre o perigo que era a minha atitude insubmissa aos limites que me eram impostos. Questionamentos sobre os motivos pelos quais não me permitiam ir a determinados cômodos das casas, não ganhar os mesmos brinquedos, ter de ceder às vontades das/os filhas/os das/os

patroas/patrões, mesmo quando não achasse justo, faziam parte do meu cotidiano durante a infância.

As experiências e as formas de resistência desta fase da vida me proporcionaram aprendizados muito importantes, tanto para minha vida pessoal como acadêmica. Pois, perceber-me como uma “outsider within” – que Patrícia Collins (2016) definiu como: estrangeira de dentro, ou, nas palavras de Luciana Dias (2019), uma “quase da família”, ou seja, ao estar em uma posição de fronteira, em que grupos com poder desigual ocupavam os mesmos espaços –, permitiu-me observar de perto como se materializam as ideologias que estruturam as desigualdades sociais.

Se, por um lado, tive a oportunidade de vivenciar experiências diferentes de outras crianças da mesma origem que eu, de outro, precisei conviver com a imposição de estereótipos que estabeleciam qual era o meu lugar, ou melhor, qual era, na perspectiva delas/es, o lugar de gente como eu: o da subordinação.

De outro lado, participar das rotinas das famílias das patroas/patrões me proporcionou acesso a diferentes modos de viver, a frequentar bibliotecas, cinema, teatro, que ampliavam meu repertório cultural. Sempre recebia delas/es incentivos para me aplicar nos estudos. Quando surgia alguma dificuldade em relação à tarefa escolar não era difícil conseguir ajuda. Dessa forma, cheguei ao Magistério sem grandes problemas, fato pouco comum para pessoas de minha origem racial e social.

Porém, à medida que avançava na minha formação escolar, durante a adolescência, também adquiria consciência do que significava ser uma pessoa negra na sociedade brasileira. Não posso deixar de mencionar nesse momento a importância para minha vida da música de Gilberto Gil, “A mão da Limpeza”, lançada no álbum *Raça Humana*, em 1984. Quando a ouvi pela primeira vez, foi como se um novo universo se abrisse. Comecei a pensar sobre a situação que eu e minha mãe vivíamos, despertei para o racismo presente na nossa sociedade e brotava em mim um sentimento de não conformação com tudo isso, mesmo que ainda de forma pouco sistematizada, quase intuitiva, por isso fiz questão de usar o nome da música no título desta dissertação.

A percepção provocada em mim pela música e pelas minhas vivências foram, aos poucos, tomando corpo, mesmo que ainda se manifestando apenas como incômodo que não sabia explicar. Um dia fui convidada para fazer as refeições na sala de jantar, junto com os outros integrantes da família, afinal, eu já era uma professora, o que, na visão das/os empregadoras/es, me distinguia das empregadas domésticas

da casa, foi mais um momento para mim de melhor compreensão do vivido. A minha formação me possibilitava acessar outros espaços no ambiente doméstico. Eu rejeitei educadamente o convite, porque sabia que pertencia ao grupo que se alimentava na cozinha. O episódio representa bem o lugar de “quase da família”, pois, mesmo em momentos de manifestação de afetividade, os espaços na casa expressavam as desigualdades e estabeleciam as distâncias guardadas entre patroas/patrões e empregadas/os.

Mas, o trânsito pelos espaços foi ganhando novos contornos, por exemplo, meu primeiro trabalho como professora foi orientando as tarefas escolares das/os filhas/os das/os patroas/patrões da minha mãe. Entendo que essa iniciativa das/os empregadoras/es tinha um componente solidário, pois, foi uma forma de me ajudarem financeiramente, porém não deixava de reafirmar o nosso lugar naquele espaço, que era de servir a família, a ocupação que me foi destinada continuava relacionada ao cuidado de suas crianças, quase uma extensão do serviço doméstico.

Estudei em escolas públicas escolhidas por minha mãe, que usava dois critérios. O primeiro era ser uma escola considerada de “boa qualidade” e o outro que tivesse um trajeto que fosse acessível para uma criança fazer sozinha. O resultado foi que eu estudei em escolas que, de alguma forma, selecionavam estudantes que não teriam muitos problemas para conseguir um bom desempenho escolar. Uma escola assim não tem como padrão uma estudante negra e pobre, por isso, também nesse espaço não me reconhecia como pertencente.

A escola não está isolada do resto da sociedade. Os padrões curriculares, de conhecimento, de comportamento, em sua maioria são eurocêntricos e na minha infância mais ainda e não contribuem para a construção de uma autoimagem positiva das crianças negras. As histórias de protagonistas brancas/os e ricas/os, a história das/os negras/os no Brasil vinculadas apenas à escravização, o ocultamento da presença negra na cultura brasileira, a ausência de imagens positivas de pessoas negras nos livros didáticos e nas paredes das escolas fez parte do meu cotidiano acadêmico desde os anos iniciais até o curso superior, impedindo que a escola me ajudasse na construção de uma identidade negra afirmativa.

A necessidade de conviver em um ambiente escolar inóspito, onde meu pertencimento racial e de classe eram vistos como inferiores, levaram-me a desenvolver estratégias de resistência, que se expressavam em garantir boas notas e em apelar para a violência física cada vez que era vítima de apelidos pejorativos,

piadas ofensivas e xingamentos. Foi assim que prossegui na escola até chegar ao Ensino Superior. Esta estratégia é relatada por outras mulheres negras, Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), por exemplo, em sua tese de doutorado, ao narrar sua experiência escolar conta que,

Do fundo da sala de aula, da última carteira, eu observava atentamente tudo o que acontecia na sala e adotava posturas que pareciam atender às expectativas dos/as professores/as. Nos momentos em que o riso era autorizado, eu ria. Nos momentos em que o silêncio era exigido, eu me calava. Assim meu boletim, a materialização de uma encenação constante, era a prova de que o ajustamento proposto pela escola estava funcionando. (OLIVEIRA, 2017, p. 22).

Assim, resistindo cheguei à graduação, no curso de História, depois de enfrentar situações de racismo, o que era uma resistência quase intuitiva transformou-se em uma efetiva militância. Compreendi o peso do racismo estrutural, isto é, como a raça organiza todas as experiências vivenciadas na sociedade brasileira e a necessidade de uma luta política que reivindicasse ações efetivas de superação das desigualdades raciais. Nesse momento, tomei consciência definitivamente da minha identidade de mulher negra, como afirma Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1988), “saber-se negra é viver a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades, buscando mudanças que criem novas relações de poder na sociedade” (SILVA, 1988, p. 17).

Construir uma identidade de mulher negra disposta a enfrentar o racismo, o sexismo, o elitismo de classe transformou-se em uma bandeira política que definiu posicionamentos pessoais e uma postura como professora disposta a oferecer às/aos minhas/meus estudantes uma experiência diferente daquela que eu vivi na minha trajetória escolar. Nos meus planejamentos, não faltavam referências que mostrassem a presença das/os negras/os na construção da sociedade brasileira de forma positiva, por entender que a experiência escolar é fundamental na construção de identidade.

Tornei-me professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas estaduais e municipais no fim da década de 80, nesta época, sempre procurei trazer personagens de histórias infantis que rompessem com o padrão eurocêntrico, valorizava a estética de crianças negras, interferia em conflitos entre as crianças provocados por preconceito e discriminação racial. Quando passei a atuar nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, na década de 90, continuei buscando conteúdos que mostrassem a História da África e a história da população negra no Brasil.

Entrei em contato com o que viria a ser a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) – de acordo com o Parecer 03/2004 – durante as discussões que aconteceram no início da década de 90 para a elaboração dos projetos de lei que instituíram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei 9394/06, que substituiria a Lei 5692/71. Neste momento, por pressão do Movimento Negro, houve uma tentativa de incluir a obrigatoriedade da História da África e cultura afro-brasileira nos currículos escolares. Porém, apesar de a Lei 9394/96 ter sido aprovada sem essa obrigatoriedade³, eu estava absolutamente convencida da importância do tema e busquei mais conhecimento teórico para minha prática docente.

A aprovação da Lei 10639/03 (atualmente modificada pela Lei 11.645/08), provocou um intenso movimento de formação profissional para professoras/es da Educação Básica. Eu, como professora da rede municipal de ensino de Curitiba, procurei participar, sempre que possível, de todos os cursos ofertados pela Secretaria Municipal da Educação de Curitiba (SME) sobre ERER, buscando mais subsídios teóricos e segurança para desenvolver propostas pedagógicas sobre o tema.

Quando, no ano de 2006, foi constituída a Comissão de Educação e Diversidade Étnico-Racial, com representantes das escolas municipais, dos Núcleos Regionais da Educação e da SME, passei a integrá-la como representante da escola em que trabalhava. Essa comissão era instituída por portaria publicada em Diário Oficial do município e tinha como objetivo articular ações para implementar a Lei 10639/03 nas escolas. Nos anos subsequentes, continuei a fazer parte dessa comissão.

As práticas pedagógicas que eu realizava em sala de aula resultaram em um convite para trabalhar na SME no ano de 2013, onde trabalhei até 2018. Assumi um cargo técnico na equipe responsável por articular ações de Educação em Direitos Humanos. Minha função era auxiliar as unidades educacionais municipais a elaborar práticas pedagógicas, analisar materiais didáticos, fazer a formação continuada dos docentes que promovessem ações de enfrentamento ao preconceito, discriminação e de desigualdades sociais. Esse trabalho incluía o acompanhamento do trabalho das

³ A obrigatoriedade do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, só foi acrescida na LDB em 2003, com a aprovação da Lei 10639/03, que incluiu na LDB os artigos 26-A, 79-A e 79-B e normatizada pelo Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Comissões de Educação em Direitos Humanos⁴ (o nome da comissão foi instituído pela Portaria nº 7/2016, em Diário Oficial do município de Curitiba), composta por representantes de profissionais das escolas nomeados anualmente. Eu era a única mulher negra a trabalhar em um departamento com mais de cem pessoas, e passei a problematizar sobre as condições de vida e de trabalho que impediam o acesso de outras professoras negras a esta posição e a incentivar discussões sobre a EREER.

Estar neste cargo me possibilitou observar que, apesar dos esforços de muitas profissionais engajadas na superação das desigualdades presentes no cotidiano das escolas, as mudanças efetivas são poucas e frágeis. Assim, estamos longe de fazer da escola um local que promova uma cultura de direitos humanos.

De acordo com as Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos (2013), um ambiente educacional promotor de cultura de direitos humanos fortalece e estimula ações em que todas/os são reconhecidas/os como sujeitas/os de direitos, em uma troca mútua de respeito e reciprocidade. Portanto, ela deveria incluir todas/os aquelas/es que integram este ambiente.

Na minha experiência como professora de escola pública, observava no cotidiano que o trabalho realizado pelas mulheres trabalhadoras de limpeza carregava ainda fortes traços das relações servis do período de escravização, pois, ao realizarem um serviço considerado desqualificado e inferiorizado, espera-se delas uma postura silenciosa e de subserviência, visto que esta é a atitude considerada adequada para pessoas que executam esse tipo de trabalho. Isso me causava muitos questionamentos e inquietações, não percebia nenhum movimento que as reconhecessem como sujeitas de direitos, o que estava proposto nos documentos oficiais, parecia não se aplicar a essas profissionais. Desse modo, elas nunca participavam das reuniões, não eram incluídas nas atividades, seu trabalho só era

⁴ A Comissão de Educação e Diversidade Étnico-Racial formada em 2006, instituída anualmente desde então, foi incorporando novas temáticas e recebendo novas nomenclaturas. Em 2014, recebeu o nome de Comissão de Educação e Diversidades da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, incluindo, além de história da África e cultura afro-brasileira, história e cultura dos povos indígenas e diversidade de gênero e sexual. Em 2015, passou a ser chamada de Comissão de Educação e Direitos Humanos das Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, incluindo além das temáticas citadas anteriormente, outras que abrangessem educação para promoção, proteção, defesa e reparação de direitos humanos. Em 2016, recebe o nome de Comissão de Educação em Direitos Humanos das Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Finalmente, em 2017, incorpora os centros municipais de Educação Infantil e passa a ser denominada Comissão de Educação em Direitos Humanos das Unidades Educacionais da Secretaria Municipal da Educação de Curitiba. As comissões são instituídas anualmente por meio de portaria publicada em Diário Oficial do município.

citado quando havia algum ambiente da escola que não estava devidamente limpo, de acordo com a percepção das/os demais profissionais da instituição. Mesmo quando participavam das confraternizações de final de ano, ficavam isoladas do grupo de professoras/es, portanto, eu não percebia na relação entre essas profissionais e as/os demais integrantes da escola, uma troca de respeito e reciprocidade como afirmavam as Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos.

Novamente, minha percepção sobre as trabalhadoras de limpeza no período em que exerci função técnica na SME foi a de que na constituição das comissões e dos planos de ação elaborados pelas escolas que previam as atividades a serem desenvolvidas durante o ano letivo, nada indicava a presença dessas mulheres nas unidades e nenhuma ação previa o seu envolvimento nas práticas executadas pela instituição. Nunca eram mencionadas. Como justificativa, o pretexto era de que não podiam ser incluídas por serem terceirizadas e não estarem submetidas às mesmas regras trabalhistas das outras servidoras públicas.

Em 2018, ainda como técnica da SME, fui convidada pela professora Lucimar Rosa Dias a realizar, em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), um projeto de extensão de formação continuada de professoras/es em EREER. Assim, após o desenvolvimento do projeto, aproximei-me do grupo de pesquisas coordenado por ela, o Grupo ErêYá. Este grupo, vinculado ao Observatório de Culturas e Processos Político-Pedagógicos (OCUPP) e ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB-UFPR), ambos da Universidade Federal do Paraná, realiza estudos, pesquisas e práticas que buscam

compreender as tensões produzidas na estrutura racial brasileira considerando o racismo, a branquitude e as resistências empreendidas pelos sujeitos, cujo marcadores de diferença em distintos tempos e espaços territoriais sofreram opressões. (DIAS, 2019, p. 12).

A participação no grupo aguçou minhas reflexões sobre as formas como a discriminação racial e de gênero estão presentes no cotidiano das relações sociais, de forma explícita e implícita, estimulando a desigualdade e a negação de direitos.

A partir das discussões que aconteciam nos encontros do ErêYá, onde tive a oportunidade de acompanhar as apresentações dos projetos de pesquisa das mestrandas e doutorandas que integram o grupo, me senti estimulada a elaborar meu próprio projeto. Ao apresentá-lo para as membras do grupo e ouvir as sugestões e o apoio delas, tomei coragem para participar do processo seletivo para entrada no

mestrado da UFPR, realizando assim um antigo sonho, adiado por muito tempo, de cursar uma pós-graduação. Com a aprovação no mestrado veio a oportunidade de compartilhar minhas experiências pessoais, profissionais e minhas percepções sobre educação, identidade de mulheres negras, desigualdades sociais respaldada pelo conhecimento acadêmico.

Dessa forma, percorri um caminho que partiu do estatuto de “quase da família”, que me possibilitou reflexões sobre os padrões estabelecidos pela sociedade, o espaço destinado às mulheres como minha mãe e minha avó que me levou à necessidade de compreender representações, significações e interações presentes nas histórias de vida de trabalhadoras negras e como são determinadas as posições de privilégios ou subalternização definidas pela raça, gênero e classe na sociedade brasileira. E segui, desenhando os primeiros contornos da pesquisa, com a intenção de ampliar e aprofundar um diálogo que traga novas possibilidades de inclusão e garantia de direitos a essa parcela da população que realiza um serviço fundamental para o funcionamento das unidades educacionais e que, em muitas situações, estabelecem contatos educativos com as pessoas ali presentes.

Desse modo, as pesquisas em educação precisam dar mais atenção a essas profissionais, pois existe um número muito restrito de produção acadêmica que problematiza as diferentes discriminações sofridas por essas mulheres. Sendo assim, é muito importante conhecer as perspectivas delas sobre suas identidades, desmitificando um lugar de subalternidade de quem ocupa essas funções.

Então, por intermédio da escuta das narrativas das histórias de vida dessas mulheres, almejo mostrar as lutas, anseios, conquistas e saberes de profissionais que contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento de todas as ações realizadas nos espaços educativos. Pesquisar a partir de narrativas biográficas de mulheres negras significa voltar-me para um grupo ao qual pertenço, com a intenção de trazer um olhar singular para as múltiplas identidades e as estruturas de dominação a que estão submetidas as pessoas desse grupo. Isto significa assumir o compromisso de sair de um lugar de subjugação e assumir um lugar de sujeita capaz de produzir conhecimento, para, assim, ampliar e aprofundar um diálogo que traga novas possibilidades de inclusão e garantia de direitos dessa parcela da população.

Nesse sentido, minha perspectiva ao realizar esta pesquisa diz respeito à multiplicidade de opressões a que estão submetidas essas mulheres na sociedade brasileira. Isso não significa que discorrerei apenas sobre as dores e faltas nas suas

vidas, pois elas não são apenas vítimas, suas histórias expressam também superação, empoderamento e resistência. É também entender o lugar ocupado por elas a partir de uma análise interseccional, o que pode mostrar, de acordo com Kimberlé Williams Crenshaw (2002, p. 177), “dinâmicas variáveis que formam a subordinação de mulheres racialmente marcadas” e contribuir para um diálogo que possa desenvolver intervenções e proteções eficazes, para essas trabalhadoras negras.

Por conseguinte, a escuta dessas mulheres pode fornecer elementos para o entendimento das dinâmicas que movem as relações sociais dentro e fora da escola e como se constituem os processos de construção histórica e social, que geram grupos excluídos devido ao seu pertencimento. Essa escuta também propicia compreender como gênero, raça e classe influenciam os sentidos que essas mulheres atribuem as suas identidades.

Portanto, defini como problema de pesquisa compreender como a raça, o gênero e a classe marcam as identidades de mulheres negras que atuam como trabalhadoras de limpeza em unidades educacionais municipais de Curitiba. Nesse sentido, meu objetivo geral foi compreender o impacto que o racismo, o sexismo e o elitismo de classe⁵ da sociedade brasileira ocasionam nas interações de profissionais que atuam como auxiliares de serviços gerais em instituições educacionais de Curitiba.

Já em relação aos objetivos específicos, este estudo pretendeu identificar mulheres trabalhadoras negras que atuam na função de auxiliares de serviços gerais em unidades educacionais municipais de Curitiba; situar a posição dessas profissionais como trabalhadoras de empresas terceirizadas que prestam serviços de limpeza para as unidades; compreender como a raça, classe e o gênero marcam suas identidades; conhecer, por meio de suas vozes, como o trabalho realizado no espaço escolar impacta na construção de suas identidades; compreender que sentidos essas mulheres trabalhadoras negras atribuem às suas identidades.

A análise dessas questões colabora para que sejam estabelecidas conexões entre raça, gênero e classe. Essas variáveis criam as bases estruturais de dominação

⁵ O termo elitismo de classe é usado nesta pesquisa na perspectiva concebida por Sueli Carneiro que práticas sexistas e racistas resultam em uma seleção social que dá acesso preferencial a homens brancos às posições de classe que comportam maior remuneração, prestígio e autoridade, dando a eles benefícios econômicos e não econômicos. (CARNEIRO, 2018).

e subordinação presentes na sociedade que tentam moldar as identidades de mulheres negras.

Considero que as narrativas⁶ deslocam essas mulheres de um lugar de “mão da limpeza” para outro, onde elas são compreendidas como sujeitas com identidades marcadas por experiências vividas que precisam ser reconhecidas, valorizadas e respeitadas. Ao realizar uma investigação sobre mulheres negras da cidade de Curitiba que atuam profissionalmente em unidades educacionais como trabalhadoras de limpeza, realizei a escuta de uma parcela da população que comumente sofre discriminações, definidas por Sueli Carneiro (2003) como uma subalternização de gênero e raça construída historicamente que reproduzem “desvalorização social, estética e cultural de mulheres negras” instituída pela cultura hegemônica.

Essa construção histórica provoca a (in)visibilidade⁷ da mulher negra e pobre, daí a importância de se fazer uma pesquisa que considere a interseccionalidade das opressões de gênero, raça e classe.

Interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p.177).

Assim, este estudo que usa como recurso teórico-metodológico a interseccionalidade, leva em conta que existe a necessidade de entrelaçar as subordinações às quais estão submetidas as mulheres negras para entender os processos de dominações e opressões sociais provocadas por eles, bem como os modos de resistência para enfrentá-los. Nesse sentido, as múltiplas formas de opressões a que as mulheres negras estão sujeitas foram criadas a partir do entrecruzamento gênero, raça e classe. Logo, não se pode desprezar nenhuma delas para a compreensão das desigualdades nas sociedades.

⁶ Relatos orais obtidos em conversa com a pesquisadora sobre as experiências pessoais vivenciadas e narradas pelas trabalhadoras negras que colaboraram com a pesquisa. No capítulo 3, discorrerei teoricamente sobre os elementos que constituem essa metodologia de pesquisa.

⁷ Ao me referir à (in)visibilidade de mulheres negras me remeto ao fato de que na sociedade brasileira ou elas se tornam invisíveis por ocupar lugares subalternos considerados sem importância ou, quando se tornam visíveis, é comum que estejam associadas a imagens estereotipadas.

Esta ideia sustenta-se na necessidade de se pensar categorias de análise que entendam que as bases estruturais de dominação e subordinação estão imbricadas, provocando opressões de raça, classe e gênero simultaneamente na vida de mulheres negras (COLLINS, 2015).

Portanto, analisar narrativas de mulheres negras trabalhadoras de limpeza, representa problematizar as oportunidades e impedimentos que elas enfrentam nas suas vidas. Essas informações podem ser a base para o entendimento das condições que estruturam as realidades da vida de mulheres subalternizadas. (CRENSHAW, 2002).

O reconhecimento e a aceitação desse problema requerem que os protocolos interseccionais focalizem principalmente a análise contextual. Portanto, a atenção à subordinação interseccional exige uma estratégia que valorize a análise de baixo para cima, começando com o questionamento da maneira como as mulheres vivem suas vidas. A partir daí, a análise pode crescer, dando conta das várias influências que moldam a vida e as oportunidades das mulheres marginalizadas. (CRENSHAW, 2002, p. 182)

Para isso, o desenvolvimento desta pesquisa tem como base epistemologias feministas negras, a partir de autoras como bell hooks⁸ (2013, 2014, 2019), Patricia Hill Collins (2015, 2016, 2019, 2021), Sueli Carneiro (2003, 2005, 2018). Essas autoras possibilitam que eu apreenda, nas experiências das mulheres trabalhadoras negras em serviços de limpeza, formas de compreender aquelas que estão à margem para ampliar o entendimento das pluralidades de vivências e resistências que marcam as trajetórias de mulheres como estas.

Desse modo, as bases teóricas construídas por essas autoras permitem um diálogo que conecta as narrativas biográficas e as matrizes de dominação que se movem nas organizações sociais, dando origem e regulando as opressões concretizadas pelas instituições. Portanto, tomando como referência a epistemologia feminista negra, esta dissertação almeja contribuir para os diálogos entre as relações sociais de dominação e resistência.

A epistemologia feminista negra permite que eu, uma mulher negra, com uma identidade construída na resistência das opressões que me foram impostas por uma sociedade que subalterniza considerando raça, gênero, classe, entre outras, concilie

⁸ Gloria Jean Watkins, conhecida como bell hooks, adotou esse nome em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks e faz questão de que seja escrito em letras minúsculas para afirmar seu desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não a sua pessoa.

minhas experiências de vida e conhecimento acadêmico para me colocar como agente do conhecimento. Nesta perspectiva, segundo Collins (2019), essa identidade implica em defender argumentos não apenas nas produções acadêmicas, mas também nas minhas experiências vividas como critério de significado, ter vivido ou experimentado de alguma forma o material com que trabalho, estar disposta a dialogar sobre minhas descobertas com pessoas comuns e, finalmente, assumir a postura política de empoderamento de mulheres negras.

Sendo assim, a metodologia escolhida trança minha produção intelectual negra com minha vivência e as experiências de minhas pares e se assenta na história oral tendo como referência Paul Thompson (2000) e José Carlos Sebe Meihy (2002) e na escrevivência de Conceição Evaristo (2020), pela possibilidade de “nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas” (THOMPSON, 2000, p.16).

As histórias de vida das mulheres negras trabalhadoras em serviço de limpeza não são as histórias de todas as mulheres, porém, suas vivências individuais se entrelaçam com as experiências de outras mulheres negras, que passaram por situações semelhantes as quais foram fundamentais em seus processos de autoformação. Por isso, para o levantamento de histórias de vida, foi realizada a escuta de narrativas biográficas de 5 (cinco) profissionais que atuam como trabalhadoras de limpeza em instituições educacionais, que se autodeclaram como pardas ou pretas.

Na categorização e análise dos relatos, seguindo as definições de Maria Cecília de S. Minayo e Odécio Sanches (1993), a intenção foi fazer um estudo qualitativo relacionando as formas de organização das unidades educacionais, as memórias e histórias de vida de mulheres negras trabalhadoras de limpeza, os processos educacionais a que foram expostas e qual a percepção que elas têm de suas identidades a partir de suas vivências.

Para interpretação das narrativas, utilizou-se a metodologia denominada Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS), que está em construção no grupo ErêYá, e se inspira na análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016). Essa análise considera os dados a partir das dimensões contexto, experiência e sociedade e possui três etapas de aproximação do material e análise: tatear, marcar e transmutar que serão aprofundadas no capítulo de análise.

Quanto à organização da pesquisa, estruturo-a da seguinte forma: na seção 1, intitulada introdução, apresento alguns momentos da minha trajetória pessoal e indicativos do suporte teórico que me permitiram construir o caminho para realizar a pesquisa; na seção 2, intitulada A mulher negra, identidade e lugar na sociedade, trago elementos sobre a construção das bases estruturais da sociedade brasileira que tentam estabelecer para as mulheres negras um lugar determinado e as colocam em condições de vulnerabilidades sociais marcando suas identidades.

Já na seção 3, abordo a metodologia usada para encontrar as interlocutoras que participaram da pesquisa e detalho o uso da epistemologia feminista negra e da escrevivência como recurso para analisar as narrativas das mulheres trabalhadoras. Após isso, na sessão 4, apresento a organização e análise das categorias que foram estabelecidas após a escuta das narrativas de histórias de vida das mulheres negras trabalhadoras em serviços de limpeza de unidades educacionais municipais de Curitiba. Por fim, apresento as considerações finais sobre o impacto que o racismo, o sexismo e o elitismo de classe têm nos sentidos atribuídos às identidades de trabalhadoras negras que atuam em serviço de limpeza nas unidades educacionais municipais.

Assim, essa dissertação representa a minha resposta às preocupações e esforços de minha avó e de minha mãe para que eu ocupasse um lugar diferente daquele destinado a mulheres negras, o de ser “a mão da limpeza”. Mas também oferece uma oportunidade de mostrar as lutas, conquistas, saberes, visões de mundo de um grupo específico, que tem como ocupação profissional atividades em serviços de limpeza e conservação para garantir o sustento de suas famílias. Suas biografias, dessa maneira, em vários momentos, se coadunam com as das minhas ascendentes.

2 A MULHER NEGRA, IDENTIDADE E LUGAR NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Nesta seção apresento os elementos da epistemologia feminista negra e como esta corrente teórica se tornou uma ferramenta importante para estudos que discutem a identidade e o lugar da mulher negra na sociedade, inclusive a brasileira. É a partir dessa concepção que aponto alguns aspectos estruturais da sociedade que tentam estabelecer, para as mulheres negras, um lugar determinado colocando-as em condições de vulnerabilidades sociais que marcam profundamente a construção de suas identidades.

A discussão sobre o Feminismo Negro se encontra com a história dos movimentos sociais pós-década de 1970, que concentraram reivindicações pelo direito à diferença, respeito e reconhecimento de identidades. Essas pautas eram defendidas, especialmente, por movimentos feministas e pelo movimento negro, que influenciaram comportamentos, ações políticas e produções acadêmicas. Desse modo, ativistas de tais movimentos se insurgiram contra a perspectiva exclusivamente econômica nas análises das questões sociais no Brasil, passando a exigir que temas relacionados às desigualdades de gênero e de raça fossem consideradas nos debates promovidos pelos movimentos sociais, pela mídia e pela academia.

Esse foco dialoga diretamente com a concepção de raça que passou a ser debatida a partir de uma perspectiva histórica e não biológica, pois a Ciência, no século XX, comprovou que não existem raças entre a humanidade, senão sob aspecto sociológico, e a diversidade de grupos humanos existentes não é suficiente para uma diferenciação de raça. Para Kabengele Munanga (2003), raça passa a ser entendida como um conceito carregado de ideologia, determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam e usam-na como “uma categoria social de dominação e de exclusão” (MUNANGA, 2003, p. 6).

Dessa forma, a ideologia racial constrói a imagem do branco como modelo de cultura, civilização e humanidade. Estar fora do padrão branco significa ser o Outro, menos humano, racializado (NEUSA S. SOUZA, 1983). Criam-se hierarquias baseando-se em formações de grupos pelas características fenotípicas e colocando a população branca em posição superior a outros grupos, configurando-se no constructo conceitual do racismo. Esta inferiorização, ideologicamente construída,

mantém o racismo como um fator de produção contínuo de desigualdades sociais, sejam elas econômicas ou de outras ordens.

Para enfrentar esta racialização da população, o Movimento Negro, segundo Nilma Lino Gomes (2017), ressignifica e politiza afirmativamente a ideia de raça.

Ao politizar a raça, o Movimento Negro desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar de suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial. (GOMES, 2017, p. 22).

Também, há um processo de politização semelhante nas discussões que marcam o feminismo no mesmo período. O termo gênero passa a ser usado para desnaturalizar a condição da mulher na sociedade, desconstruir a ideia de que tudo aquilo que se refere a ela é parte de uma “natureza feminina” e está em sua carga genética. Há, portanto, um movimento de ruptura com a perspectiva biologizante e que sustenta hierarquias de poder baseadas em diferenças de sexo. Assim, a mulher é protagonista desta luta e atua como sujeita política, gênero passa a ser entendido como uma produção social, apreendida, representada, institucionalizada e transmitida ao longo do tempo, bem como uma forma de dar significado às relações de poder envolvendo homens e mulheres (NANCY LUZ *et al.*, 2009).

Esta conceituação de gênero é fundamental para as mulheres como coletivo e passa a orientar suas lutas políticas como um grupo homogêneo. Em um primeiro momento, todas são mulheres lutando contra a opressão de gênero, porém, muitas bandeiras desta luta desconsideraram outras variáveis importantes que também constituem a identidade delas, tais como: raça, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, o que fez com que o feminismo hegemônico com sua pauta genérica favorecesse “discursos e práticas voltados para as percepções e necessidades de mulheres brancas, heterossexuais, de classe média” (LUIZA BAIROS, 1995, p. 459).

Essa abordagem do feminismo hegemônico não prioriza as diferenças existentes entre as mulheres. A recusa em reconhecer as diferenças de raça, orientação sexual, classe, dificulta compreender as diversas opressões que mulheres que não se enquadram em um padrão universal enfrentam em seu cotidiano.

Como reação ao feminismo hegemônico, ativistas e teóricas passaram a defender a ideia de que as mulheres compartilham alguns problemas e outros não, portanto, não existe homogeneidade nesta categoria. Logo, apenas com a erradicação de padrões universalizantes é possível “elaborar maneiras de utilizar nossas diferenças para enriquecer nossos ideais e nossas lutas comuns”. (AUDRE LORDE, 2020 p. 152).

É no impasse entre uma luta comum e a luta pelas especificidades que se constrói o que se denomina como chave teórica de análise dos fenômenos sociais, o Feminismo Negro, ou seja, este movimento político e intelectual produzido por mulheres negras, que se estrutura na luta pelo reconhecimento de suas especificidades, tanto na luta feminista como no enfrentamento ao racismo. Nas palavras de Sueli Carneiro, “um feminismo negro construído no contexto de sociedades multirraciais e pluriculturais tem como principal eixo articulador, o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero.” (CARNEIRO, 2018, p.169).

Esta chave teórica permite analisar as estruturas da sociedade, desafiar os cânones acadêmicos e desenvolver teorias que abordem identidades que vão além da mulher branca de classe média, que comumente eram as aquelas reconhecidas como feministas e protagonistas da luta por igualdade de gênero. Essa concepção permite percorrer novos caminhos que articulam raça, gênero e classe.

A discussão sobre como raça e classe, por exemplo, são fundantes no debate sobre as desigualdades que atingem as mulheres, já foi apontada por Lélia Gonzalez no Brasil e Angela Davis nos Estados Unidos da América, também na década de 70. Porém, o feminismo das mulheres brancas não considerou importante este recorte. Contudo, tais questões expostas pelas feministas negras construíram arcabouço teórico para analisar as mulheres negras como sujeitas políticas e de direitos, com pautas próprias de reivindicações, calcadas em suas histórias.

Dessa forma, intelectuais negras romperam com teorias que criavam um modelo universal de mulher limitado à origem branca, eurocêntrica e de classe média. E, assim, passaram a pensar as experiências vividas por mulheres negras, constituindo a partir delas ferramentas para enfrentar as diferentes opressões a que estão submetidas e construindo as bases do pensamento feminista negro. De acordo com Collins (2019), esse pensamento feminista negro não é homogêneo, mas tem em comum quatro componentes básicos: conteúdo temático, referenciais interpretativos, abordagens epistemológicas e importância para o empoderamento.

Collins (2019) explicita que, em primeiro lugar, as mulheres negras devem estar à frente do pensamento feminista negro e explorar os temas relacionados às suas experiências. Em segundo lugar, usar um paradigma interpretativo que considere os estudos de raça, classe e gênero, substituindo modelos de opressão aditivos pelos interseccionais para examinar como a opressão afeta as mulheres negras. Além disso, usar abordagens epistemológicas que considerem pressupostos já existentes, sem desconsiderar a produção intelectual de outras mulheres negras, que contribuem para dotar as pessoas de modo a resistir a opressão e inspirá-las a fazê-lo. E, finalmente, promover o empoderamento de mulheres negras requer que domínios de poder que as limitam sejam especificados, bem como os modos de resistir a essa dominação.

Movendo-me pela lógica do pensamento feminista negro, as mulheres que são protagonistas desta pesquisa não se adequam a um padrão universal de mulheres, são negras, trabalhadoras, cisgênero, heterossexuais. Por tratar-se de um grupo que está na base da pirâmide ocupacional, suas experiências retratam os desafios cotidianos provocados pelos contrastes sociais.

Esse lugar da pirâmide ocupacional dá às pessoas que nela se encontram a responsabilidade de sustentar toda a estrutura da pirâmide. Sem uma base consistente, a pirâmide desmorona. A consistência dessa base se constrói no cotidiano, onde as rotinas vivenciadas por essas mulheres lhes impõem uma luta constante por sua existência, e convivem com situações de subjugação e resistência. Essa posição acarreta opressões e exclusões, que ao serem especificadas, podem contribuir para o empoderamento destas mulheres, assim como de outras que como elas pertencem a esta categoria profissional que se assemelha bastante a de trabalhadoras domésticas, porém encontra-se em outro âmbito. Para me aproximar do campo de pesquisas sobre este grupo busquei trabalhos acadêmicos que pudessem me amparar na análise posterior à escuta de mulheres com esta especificidade.

2.1 MULHERES TRABALHADORAS DE LIMPEZA NAS PESQUISAS

A fim de me aproximar do campo que investigo, realizei um mapeamento de pesquisas nas seguintes bases eletrônicas: Banco de Teses e Dissertações (CAPES), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Portal de Periódicos (CAPES) e *Scholar Google* (GOOGLE ACADÊMICO) no mês de maio de 2019, utilizando-me dos

seguintes descritores: auxiliar serviços gerais (sem aspas), auxiliar serviços gerais (com aspas) e serventes. Como procurava um grupo específico de profissionais que exercem suas atividades em unidades educacionais, optei por descritores que representassem sua profissão. Além disso, utilizei filtros nos bancos de dados utilizados considerando pesquisas no idioma português, produzidas de 2015 a 2019, entre artigos, dissertações e teses.

Para o mapeamento dos artigos em periódicos científicos e dissertações nos bancos de dados utilizados considerei os títulos, selecionando apenas aqueles que definiam como local de pesquisa unidades educacionais que tinham como sujeitas mulheres trabalhadoras em serviços de limpeza. A partir dos resumos, foi possível identificar oito produções acadêmicas que se aproximavam da minha pesquisa. Vale registrar que não encontrei nenhuma tese de doutorado que tratasse dessas trabalhadoras.

Depois da leitura dos trabalhos realizei uma categorização agrupando-os por temáticas:

1. Processos de terceirização como forma de precarização das condições de trabalho e restrição de direitos trabalhistas.
2. Alta rotatividade nos empregos de profissionais de limpeza.
3. Invisibilidade das trabalhadoras em seus locais de trabalho.
4. Falta de reconhecimento e valorização dessas trabalhadoras.
5. Experiências, aprendizagem e conhecimentos de profissionais de limpeza.

Na categoria 1, foram incluídos três estudos que abordam os processos de terceirização como forma de precarização das condições de trabalho e de restrição de direitos trabalhistas em órgãos de administração pública e em empresas privadas.

Na dissertação *Mulheres, Trabalho e Terceirização: uma análise dos discursos das trabalhadoras terceirizadas*, Jéssica de Martins Sampaio (2018) faz uma abordagem de gênero na perspectiva marxista e coloca a terceirização do trabalho administrativo e de limpeza como um dos agravantes para as desigualdades e discriminações de gênero provocadas pelo capitalismo e patriarcado na sociedade. A autora centra suas análises no capitalismo e na luta de classes e como esses fatores interferem nas relações de gênero. Seu trabalho não faz um recorte racial, deixando de abordar um marcador importante nas assimetrias sociais que existem no Brasil e que são fundamentais para o entendimento de como se estruturam as desigualdades no país.

Na dissertação *Terceirização no setor público: estudo de caso na Fundação Universidade de Brasília*, Magda Carneiro Ferreira (2017) analisa a terceirização de mão de obra de limpeza e vigilância numa perspectiva marxista, concluindo que a terceirização é uma forma encontrada para aumento dos lucros por meio da precarização do trabalho, com aumento da jornada, diminuição dos salários e aumento da rotatividade, voltado para as(os) trabalhadoras(es) de setores mais empobrecidos da população. A autora analisa documentos oficiais e dados estatísticos e em suas conclusões desconsidera as experiências de vida de trabalhadoras que estão submetidas ao regime de trabalho terceirizado.

As duas dissertações citadas trazem uma importante contribuição para compreender como o capitalismo afeta as vidas de trabalhadoras e suas análises evidenciam as opressões de classe. Na minha pesquisa, a análise também inclui a maneira como o fator classe social afeta a vida das mulheres trabalhadoras em serviços de limpeza, porém, acredito que a identidade de raça e gênero geram diferenças no status social, no comportamento e nos sentidos de percepção de si.

Ainda nesta categoria, no artigo, *Sujeito em terceiro plano: Uma reflexão crítica acerca da articulação entre a dinâmica da terceirização e processos de subjetivação*, Sérgio Dias Guimarães Junior e João Batista de Oliveira Ferreira (2018) apontam que a terceirização tende a abafar a capacidade inventiva das(os) sujeitas(os), conduzindo-as(os) ao sofrimento e à não criação. Este estudo foca suas análises nas relações dinâmicas entre a organização do trabalho que interferem nos modos de viver, de sentir, de pensar, de significar e de agir de homens e mulheres que trabalham em serviços de limpeza e vigilância na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa se concentram nas condições de trabalho terceirizado sem desagregar dados por gênero e raça.

Na categoria 2, inclui um trabalho que trata da alta rotatividade nos empregos de profissionais de limpeza.

No artigo *Relação entre significado do trabalho e rotatividade de serventes de limpeza*, de Mohana Kruger Oliveira, Amalia Raquel Pérez-Nebra e Carla Sabrina Antloga (2016), foi investigado, por meio de estudo de caso, a relação entre a rotatividade de serventes de limpeza e o significado do trabalho. Segundo as autoras, há maior rotatividade entre homens, relacionada à pouca identificação com o trabalho, falta de reconhecimento, desprezo e invisibilidade social.

As autoras apontam que o trabalho de limpeza carrega em seu significado a herança colonial que o relaciona ao trabalho de escravizadas/os, afirmando que a consequência disso é que esse trabalho é caracterizado socialmente como feminino, não qualificado e subalterno. Elas também ressaltam que o binarismo de gênero impacta na distribuição de tarefas, pois as mulheres fazem o trabalho considerado “delicado” e os homens fazem o serviço pesado. Suas conclusões avançam nas discussões sobre a importância em se considerar o gênero como um dos fatores fundamentais para se entender os impactos que esta profissão tem na constituição das identidades das/os profissionais, porém, não analisam a raça como um dos fatores importantes nessa constituição de identidades.

Na categoria 3, posicionei uma dissertação que trata da invisibilidade das trabalhadoras/es em seus locais de trabalho. Na dissertação *Formação dos profissionais da limpeza na perspectiva freiriana: a (in)visibilidade dos educadores não docentes*, Vanessa Barbato Rodrigues (2017) estuda quais elementos da pedagogia de Paulo Freire podem contribuir para a construção de um caminho investigativo e formativo que possibilite a profissionais não docentes se assumirem como educadoras/es na escola. Os resultados de sua pesquisa indicam que a formação profissional dessas/es sujeitas/os contribuiu para a superação da invisibilidade vivida por elas/es no cotidiano da escola, que os coloca em condições de desumanidade.

A autora traz como protagonistas as/os profissionais da limpeza, visando ao reconhecimento do seu papel educativo na escola. Esse trabalho apresenta as/os profissionais não como força de trabalho, mas como sujeitas/os de suas vidas. A minha pesquisa está em consonância com a perspectiva de Rodrigues (2017), pois, somente a partir do reconhecimento e respeito a essas trabalhadoras é possível respeitá-las em sua humanidade.

Um artigo foi incluído na categoria 4, por abordar a falta de reconhecimento e valorização das profissionais da limpeza. O artigo de autoria de Sandra Helena do Areal Barra Diógenes, Sueli Maria de Araújo Cavalcante e Joana D’Arc de Oliveira (2016), intitulado *Fatores determinantes de motivação de funcionários terceirizados no serviço público: o caso de uma instituição federal de ensino superior*, faz uma análise dos fatores de motivação das/os funcionárias/os terceirizados que prestam serviços de limpeza e higienização nos campi da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza. Elas constatarem que a falta de recompensas e oportunidades

afeta o processo de envolvimento das/os sujeitas/os pesquisadas/os com a qualidade dos serviços que realizam.

Ao pesquisar sobre os fatores de motivação e comprometimento organizacional das/os funcionárias/os, as autoras apresentam a terceirização como um processo que contribui para a melhoria dos serviços prestados pela universidade. Assim, o detalhamento que apresentam sobre as formas de recrutamento das empresas terceirizadas é importante para o entendimento desse processo de contratação por uma instituição pública. Porém, apesar de analisar depoimentos das/os trabalhadoras/es, as pesquisadoras fazem uma interpretação voltada para uma lógica empresarial, dando menos relevância às/aos sujeitas/os envolvidas/os no trabalho. Nesse sentido, elas constataam a falta de valorização e o preconceito a que estão submetidas/os essas/es trabalhadoras/es, mas, ao falar sobre motivação, desconsideram essas/es sujeitas/os, pensando nelas/es apenas como força de trabalho, que, se for motivada, terá um melhor desempenho. Essa abordagem se distancia muito da perspectiva da minha pesquisa, pois penso nessas trabalhadoras com múltiplas identidades e não apenas como força de trabalho.

Na categoria 5 foram incluídos dois artigos que apresentam as experiências, aprendizagem e conhecimentos dessas profissionais. Em *Reflexões sobre Água, Sabão e Conhecimento: Aprendizagem Organizacional na Prática das Serventes de Limpeza de uma Instituição de Ensino Federal*, Viviani Teodoro Santos e Marcio Pascoal Cassandre (2017) apresentam o processo de aprendizagem das serventes de limpeza terceirizadas de uma instituição pública de Ensino Superior. O artigo conclui que o conhecimento do grupo provém de uma prática cotidiana fortemente vinculada às suas histórias de vida. Isso se caracteriza como um saber construído no coletivo, por meio das interações sociais, mediada por artefatos físicos e simbólicos, e influenciada por uma cultura organizacional, “um juízo estético, um pensar vinculado ao fazer e uma capacidade transformadora da própria atividade por parte das sujeitas” (SANTOS; CASSANDRE, 2017, p 170).

No artigo, *A astúcia invisível de mulheres trabalhadoras de escola*, Jackeline Oliveira Silva, Nedir Santana de Melo e Ana Cláudia Leal de Vasconcelos (2015) concluem que o trabalho realizado por auxiliares de serviços gerais e merendeiras de escolas públicas é socialmente marcado pela invisibilidade e desvalorização, pois, são atividades consideradas manuais, domésticas e naturalizadas como atributos femininos. Para as autoras, essas profissionais têm um saber que vai além de normas

e prescrições, o que garante a realização de trabalhos essenciais ao funcionamento das escolas. No artigo, esses saberes são definidos como uma inteligência prática, desenvolvida durante a realização do trabalho que possibilita que elas reduzam possíveis descompensações psíquicas ou somáticas mesmo diante de condições precárias e deletérias.

As duas pesquisas incluídas nesta categoria valorizam o conhecimento das profissionais de limpeza como fundamentais para a organização dos seus locais de trabalho. Em suas análises, as/os autoras/es apresentam essas trabalhadoras como protagonistas, tanto no âmbito profissional como no pessoal. Ao ressaltar seus conhecimentos, as/os pesquisadoras/es reconhecem a humanidade dessas trabalhadoras. Esse tipo de pesquisa produz o que Collins (2019) chama de empoderamento dessas mulheres.

Constatei, durante o levantamento dos estudos realizados, que as áreas que têm se voltado para pesquisar profissionais de limpeza e conservação são a Administração e a Psicologia, encontrei também um trabalho na área de Economia. A escassez de pesquisas sobre o tema na área da Educação (encontrei apenas uma) pode demonstrar a ausência da percepção pelo campo de pesquisa educacional dessa categoria profissional nos espaços educacionais, como agentes de trabalho educativo das escolas, embora existam várias produções que indiquem que o espaço educacional é por si só educador e todas as profissionais que nele atuam também exercem papel educativo, o que me possibilita indicar que o fato de serem em sua maioria negras contribui para que o campo não as tenham como importantes sujeitas em pesquisas que tratam de educação.

Referências ao papel educador de profissionais não-docentes em escolas, incluindo as/os de limpeza e conservação, são encontradas em estudos que abordam temas como formação profissional e gestão democrática. Nesse sentido, o documento produzido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação: em cena, os funcionários de escola (MEC, 2004), enfatiza a necessidade de superação do preconceito de se considerar trabalhadores não docentes apenas como realizadoras/es de trabalhos braçais, sem nenhum vínculo com as ações pedagógicas e sem reconhecer suas funções como de uma/um educadora/educador que atua no ambiente educativo. O documento indica também que essa mudança de perspectiva só é possível a partir da construção de uma nova identidade profissional, que pode ser adquirida em processos de formação

que ofereçam conhecimentos e que possibilitem a valorização das funções que ocupam.

Profissionais não docentes que tenham o domínio dos conceitos, espaços e materiais educacionais são muito importantes no processo educacional e possuem condições de enriquecer e fomentar as discussões inerentes às ações pedagógicas da escola. Portanto, a efetivação de um trabalho coletivo que permita um processo de democratização da gestão na escola só é possível com a formação, reconhecimento e valorização das/os profissionais não docentes na escola.

A ausência na análise destas pesquisas da categoria gênero e raça como uma variável importante para compreender o lugar que ocupam as trabalhadoras de limpeza confirma o que Crenshaw (2002) chama de invisibilidade interseccional. Essa lacuna impede que experiências específicas sejam consideradas para se compreender as desigualdades. Ao negligenciarem essas categorias, acabam por reproduzir a ideia de uma mulher universal. Além disso,

desprezar a variável racial na temática de gênero é deixar de aprofundar a compreensão de fatores culturais racistas e preconceituosos determinantes nas violações dos direitos humanos das mulheres no Brasil que estão intimamente articulados com a visão segundo a qual há seres humanos menos humanos do que outros e portanto aceita-se complacentemente que estes não sejam tratados como detentores de direitos. (CARNEIRO, 2018, p. 167).

Concordando com Carneiro (2018), foram elementos comuns nas pesquisas: a discriminação, a invisibilidade, a desvalorização e falta de reconhecimento a que essas profissionais são submetidas nos ambientes de trabalho. A partir dessas considerações, esta pesquisa corrobora a importância de discutir como as opressões de raça, gênero e classe são fundamentais para o entendimento da posição subalternizada ocupada por mulheres negras na sociedade e a necessária escuta delas. Assim, as experiências vividas por mulheres trabalhadoras negras e os modos como elas se percebem diante da opressão interseccional é um modo de enfrentar esta subordinação.

Nesta perspectiva, o espaço escolar é mais que um local onde acontecem práticas de ensino-aprendizagem, penso nele como um lugar contextualizado como uma das instituições da sociedade onde histórias pessoais são construídas.

Consolidar o espaço educativo como local onde se enfrentam as subordinações causadas pelas opressões de gênero, raça e classe exige um

ambiente com práticas que ultrapassem práticas excludentes, que considerem protagonistas do processo educativo todos os integrantes da escola, tornando-se um espaço formador da cidadania. Dessa forma, é possível contar com um grupo de profissionais efetivamente respeitados, reconhecidos e valorizados.

2.2 IDENTIDADE E LUGAR OCUPADO PELA MULHER NEGRA

Como ponto de partida, considero que não exista um modelo único de ser mulher negra, mas sim, uma pluralidade de identidades. Para pensar sobre quem é a mulher negra na sociedade brasileira, parti de algumas considerações de Stuart Hall (2003, 2006) sobre identidade. De acordo com esse autor, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades” (HALL, 2006, p.12). Logo, refletir sobre identidade da mulher negra não pode se pautar em um modelo engessado, estático e universal. O autor compreende a identidade como uma costura em posições e contextos, e não como uma essência ou substância fixa. Ele argumenta, ainda, que “as identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera” (HALL, 2006, p. 44).

Nesta perspectiva, ao referir-me à identidade de mulher negra, não pretendo uma conceituação que leve a uma concepção universal de mulher negra, mas sim, a reflexão sobre identidades construídas historicamente, a partir das relações estabelecidas com o outro. Este outro pode ser aquele pertencente a um grupo dominante, que pretende definir e hierarquizar as diferenças, ou também com seus próprios pares, o que possibilita a constituição de uma identidade positivada, que leva a ruptura com a subordinação.

A contraposição às marcações definidas por um grupo dominante é o que coloco em pauta ao discutir os sentidos atribuídos à identidade de trabalhadoras em serviços de limpeza em unidades educacionais. As narrativas dessas mulheres trabalhadoras podem romper com a ideia de uma identidade subalternizada e possibilitar concepções politizadas de identidades construídas historicamente para serem subalternas. É a partir dessa perspectiva que compreendo a mulher negra na sociedade brasileira e tomo como referência, sobretudo, as teóricas que se debruçam sobre as temáticas do Feminismo Negro, para o qual, o lugar e a identidade das

mulheres negras na atualidade só podem ser entendidos a partir de uma lógica do sistema colonial que estabeleceu as estruturas de dominação que produz, por consequência, as profundas desigualdades mantidas no Brasil.

Estruturas de dominação construídas em uma sociedade do passado escravista criaram um racismo e sexismo estrutural, colocando a mulher negra em um lugar de subordinação, no qual ela é considerada como ferramenta de trabalho, como um corpo exótico a ser desprezado ou erotizado e atualmente mantém-se na sociedade contemporânea, pois cumpre a função no capitalismo de reprodução das hierarquias sociais. Na sociedade colonial, “a teoria de superioridade racial teve na subordinação feminina seu elemento complementar” (CARNEIRO, 2018, p. 154), constituindo uma lógica racista, sexista e classista que estabelece como natural a subordinação da mulher negra.

Essas subordinações persistem e tornam-se um impedimento para o pleno exercício de direitos da maioria da população, sobretudo de mulheres negras. Pesquisar sobre essas desigualdades configura-se em uma ação política que questiona a hegemonia de uma minoria privilegiada e evidencia os obstáculos existentes para a consolidação de um país democrático.

Vencer esses obstáculos exige uma militância contra processos de exclusões interseccionais que exigem da mulher negra uma postura política de enfrentamento a preconceitos, discriminações e de empoderamento para criar uma autoimagem positiva e transformar as desigualdades às quais estão submetidas, em reivindicações concretas para uma vida cidadã. A identidade de mulher negra se materializa na história brasileira por meio de diferentes nomes, entre eles, o de Marielle Franco.

Marielle Franco, é uma mulher negra, feminista, lésbica, que cresceu na favela. Graduiu-se em Sociologia e fez mestrado em Administração Pública. Foi eleita vereadora do Rio de Janeiro no ano de 2016. Sua atividade política foi marcada pela defesa dos direitos humanos, políticas públicas para negros, mulheres e Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT). Sua militância foi interrompida no dia 14 de março de 2018, quando foi assassinada. O ativismo de Marielle Franco exemplifica possibilidades de resistência a hierarquizações estabelecidas pelo patriarcado, racismo e situação de classe.

O patriarcado é “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça”.

(hooks, 1981, p. 64). Para a sociedade concebida nesta perspectiva, a mulher (branca) é frágil, delicada e incapaz de se manter sem um homem (branco). Por isso, ela precisa de um homem forte e produtivo para garantir-lhe a sobrevivência.

Porém, mulheres negras que foram escravizadas, nunca se adaptaram a este padrão universalizante, eurocêntrico, pois realizavam os mesmos trabalhos que os homens. Elas mostraram-se “capazes de realizar o chamado trabalho másculo, suportavam as adversidades, dor e privações que lhes eram impostas, mas também podiam realizar as tarefas classificadas como “femininas” de cuidar da casa, cozinhar e criar as crianças.” (hooks, 2014, p. 52).

Portanto, a experiência histórica vivida pelas mulheres negras escravizadas destoava do lugar estabelecido para as mulheres pelo patriarcado, ao mesmo tempo que as distanciava das experiências das mulheres brancas, quando estas lutavam por direitos, como alertou Sojourner Truth, em seu discurso na Convenção dos Direitos da Mulher, em Akron, em 1851, nos Estados Unidos da América, que discutia o voto feminino nas eleições daquele país.

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, e que têm que ser erguidas para passarem sobre poças e terem os melhores assentos em qualquer lugar. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama e nem me deu o melhor lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço! [E ela ergueu o punho para revelar sua tremenda força muscular].

Sojourner Truth expõe as diferenças das vivências das mulheres negras e das brancas, ao mesmo tempo em que questiona o argumento sexista de que as mulheres são o “sexo frágil” e que são inferiores. Sua fala evidencia que a raça e a situação econômica de mulheres negras não anulam sua condição de mulher.

Portanto, a noção binária de homem e mulher que foi utilizada para descaracterizar as negras como mulheres foi mais uma ação utilizada pelo sexismo aliado ao racismo para colocá-las como “criaturas sub-humanas masculinizadas” (hooks, 2014, p. 52), que agiam de forma não usual e incomum para a espécie humana, logo, não eram mulheres reais. Portanto, ser mulher negra significa entender-se como uma sujeita da diáspora africana, com uma identidade anterior negada, a qual tentou forjar a coisificação, escravizando-a e rejeitando sua condição humana.

Dessa forma, assumir a identidade de mulher negra é uma atitude política de enfrentamento às dominações patriarcal e racista fundantes da sociedade brasileira,

que criaram as condições históricas adversas que persistem. Isso significa desfazer o lugar de subalternidade e erguer a voz (hooks, 2019) contra discriminações históricas, posto que, quando o assunto é racismo, a perspectiva universal de mulher dificulta que se compreenda o efeito que o sexismo somado ao racismo provoca na condição da mulher negra.

Discutir sobre as mulheres negras representa falar de cerca de 25% da população brasileira, um contingente de mais de cinquenta milhões de pessoas que estão submetidas a condições específicas de desigualdades sociais. A publicação Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil (2018) analisa indicadores sociais a partir de dados produzidos em pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e traz informações importantes que ajudam a entender o lugar ocupado pelas mulheres negras na sociedade brasileira. Destaco alguns que possibilitam uma comparação entre a situação de mulheres negras e brancas.

Na educação constata-se a desigualdade entre mulheres quando desagregados os dados por raça/cor. O percentual de mulheres brancas com ensino superior completo é mais do que o dobro do calculado para as mulheres negras, isto é, 2,3 vezes maior. Mesmo com uma crescente escolarização da população, a desvantagem educacional entre brancas e negras prevalece nas taxas de frequência escolar no Ensino Médio, as brancas apresentam uma frequência de 80,1% e as negras de 69,3%. Essa situação influencia o estabelecimento de assimetrias sociais, visto que a escolaridade interfere no tratamento entre as pessoas e na igualdade de oportunidades.

As diferenças perceptíveis na trajetória escolar entre brancas e negras persistem no uso de tecnologias digitais. As estatísticas demonstram que 82% das mulheres brancas possuem telefone móvel celular enquanto para as mulheres negras esse índice é de 75,1%. Em relação ao acesso à *internet*, a percentagem é de 71% das mulheres brancas e apenas 60,8% para mulheres negras. A disparidade na inclusão digital repercute nas possibilidades de independência e autonomia de mulheres negras para tratar de assuntos pessoais e profissionais.

Embora os dados apresentados comparem apenas as distâncias entre as condições de vida de mulheres brancas e negras, pode-se afirmar que ser mulher na sociedade brasileira restringe o acesso ao pleno exercício da cidadania, e quando os dados são desagregados por raça/cor, percebe-se que as mulheres negras são as

que estão mais expostas às desigualdades existentes no Brasil. De acordo com Carneiro (2018),

É válida a afirmação de que o racismo rebaixa o status de gênero. Ao fazê-lo, institui como primeiro degrau de equalização social a igualdade intragênero, tendo como parâmetro os padrões de realização social alcançados pelos gêneros racialmente dominantes. Por isso, para as mulheres negras atingirem os mesmos níveis de desigualdades existentes entre homens e mulheres brancos significaria experimentar uma extraordinária mobilidade social, uma vez que os homens negros, na maioria dos indicadores sociais, encontram-se abaixo das mulheres brancas. (CARNEIRO, 2018, p.199).

Por fim, é possível constatar que muitos lugares ocupados por mulheres negras são determinados pelos modos como se interconectam os sistemas de opressão, estabelecendo uma matriz de dominação em que diferentes expressões de poder contribuem para colocá-las em condições específicas de vulnerabilidade social que dificultam que muitas usufruam de direitos como cidadãs.

2.3 MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO

A vulnerabilidade a que são expostas as mulheres negras se estende também ao mercado de trabalho. São elas que realizam atividades profissionais de menor prestígio, em ocupações que exigem pouca qualificação e que são subalternizadas. (APARECIDA BENTO, 2000, p. 301), situando-as na base da hierarquia social, penalizadas em relação a oportunidades e mobilidade na estrutura ocupacional.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)⁹, em 2019, mostra que 19,1% das mulheres negras trabalham em serviços domésticos e que 7,6% estão ocupadas em postos de trabalho em serviços de limpeza em estabelecimentos. São ocupações desvalorizadas nas empresas e organizações, como trabalhos de menor importância.

A mesma pesquisa constata que são as mulheres negras que mais sofrem com o desemprego, 16,6%, enquanto para mulheres brancas esse índice é de 11%. A pesquisa mostra ainda que o desemprego por desalento atinge 1,89% de mulheres negras, enquanto para mulheres brancas esse índice é de 0,67%. Quando empregadas, a diferença entre o rendimento médio mensal é de R\$ 1476,00 para

⁹ Esta pesquisa traz dados referentes apenas a mulheres cisgêneros.

mulheres negras e R\$ 2529,00 para mulheres brancas, o que expressa, mais uma vez, a desigualdade no mercado de trabalho.

Esses dados refletem o resultado de processos de seleção de empresas baseados em uma construção cultural, a qual naturaliza o lugar da mulher negra em atividades manuais somadas às desvantagens educacionais, que impedem uma maior escolaridade e o acesso a ocupações que exigem um contato direto com o público ou com maior qualificação.

Nesse cenário de baixo *status* e rendimentos, confirmam-se as desvantagens que determinam o lugar de trabalhadoras negras na estratificação social brasileira. Isto posto, é possível afirmar que a posição dessas mulheres em relação à classe social está atrelada, não apenas a sua relação com os meios de produção, mas às intersecções de raça e de gênero, que provocam desigualdades em diferentes ordens.

Por essa razão, optei por usar na pesquisa a concepção de classe proposta por Max Weber (1974) quando afirma que:

Podemos falar de uma “classe” quando: 1) certo número de pessoas tem em comum um componente causal específico em suas oportunidades de vida, e na medida em que 2) esse componente é representado exclusivamente pelos interesses econômicos da posse de bens e oportunidades de renda, e 3) é representado sob as condições de mercado de produtos ou mercado de trabalho.[Esses pontos referem-se à “situação de classe”, que podemos expressar mais sucintamente como a oportunidade típica de uma oferta de bens, de condições de vida exteriores e experiências pessoais de vida, e na medida em que essa oportunidade é determinada pelo volume e tipo de poder, ou falta deles, de dispor de bens ou habilidades em benefício de renda de uma determinada ordem econômica. A palavra “classe” refere-se a qualquer grupo de pessoas que se encontrem na mesma situação de classe.]. (WEBER, 1974, p. 212).

Considerando o exposto acima, podemos afirmar que, no Brasil, a construção histórica e social manteve estereótipos instituídos durante a escravização, naturalizando a posição de mulheres negras como aquelas que limpam, cuidam e se submetem e reiterou-as no sistema capitalista. Isso reflete o pensamento cultural ocidental racista e patriarcal, criando barreiras para a ascensão econômica e cultural destas mulheres. Desse modo, partilho a ideia de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2015) que:

a passagem do trabalho escravo para o trabalho livre não foi capaz de anular os efeitos materiais da racialização, portanto, pode-se afirmar que as classes se compõem não apenas de indivíduos, mas de diferentes grupos sociais (burguesia negra e branca; operariado negro e branco), denotando realidades interativas distintas, porque a discriminação racial impediu que etnias e raças

desaparecessem, engolfadas por forte solidariedade de classes. A simetria entre raça e classe, ou seja, a homogeneidade racial de segmentos inteiros de classes sociais, pode ensejar a segregação racial por simples mecanismos de mercado. (GUIMARÃES, 2015, p.174).

As concepções explanadas sobre gênero, raça e classe apresentadas nesta sessão é que conduzem esta pesquisa, orientada pela perspectiva interseccional. Pois, ao se sobrepor o grupo das mulheres com o das pessoas negras e o das pessoas pobres, “são as mulheres de pele mais escura e as que tendem a ser as mais excluídas das práticas tradicionais de direitos civis e humanos” (CRENSHAW, 2004, p. 10). Isso situa os sentidos que trabalhadoras negras em serviço de limpeza das unidades educacionais do município de Curitiba atribuem à identidade racial, pois conexões entre raça, gênero e classe são as bases estruturais das tentativas de dominação e subordinação nas construções das identidades dessas mulheres. Porém, não se pode desconsiderar a potência de resistência e recriação que as mulheres negras constroem nas mais variadas classes sociais e assinam novas perspectivas em suas biografias individuais e coletivas.

3 A BUSCA POR HISTÓRIAS NÃO CONTADAS

Tava durumindo cangoma me chamou
Tava durumindo cangoma me chamou
Disse levante povo cativo já acabou
(Clementina de Jesus, 1966)¹⁰

3.1 O CORREIO NAGÔ¹¹

O jongo “Cangoma me chamou”¹² eternizado pela voz de Clementina de Jesus me remete ao caminho escolhido para contornar o que considerava uma dificuldade: contatar as interlocutoras que participariam desta pesquisa. Um impedimento se colocava, o acesso às trabalhadoras negras de limpeza e conservação nas unidades educacionais municipais curitibanas, pois havia alguns desafios: conseguir um cadastro que as localizasse nas unidades e ainda com dados desagregados que permitissem saber o pertencimento racial delas.

Contatá-las por meio das empresas terceirizadas que as contratam ou pela Secretaria Municipal da Educação de Curitiba parecia infrutífero, pois comumente essas instituições não têm dados sobre o pertencimento racial das trabalhadoras e porque não queria vincular a participação delas na pesquisa às suas empregadoras, pois podia inibi-las a narrar alguns fatos de suas experiências de vida.

Diante disso, para localizá-las, me foi sugerido pela orientadora que as encontrasse utilizando a técnica, por ela chamada de “Correio Nagô”¹³. Segundo Lucimar Rosa Dias, seria uma alteração no que chamam alguns de técnica Bola de Neve¹⁴. Porém, ela não havia produzido nenhuma formulação teórica e que me

¹⁰ A cantora Clementina de Jesus lançou, em 1966, o seu primeiro álbum pela gravadora Odeon. Neste álbum ela canta “Cangoma me chamou”, um jongo de domínio público que ela se recordava de ouvir desde a infância sua mãe cantar.

¹¹ A palavra nagô refere-se a vários povos de língua e cultura iorubá que foram capturados na África e trazidos para o Brasil da região do Golfo da Guiné. Entre esses povos estavam os oyó, ijexá, ketu, ijebu, egbá, ifé, oxogbô. In: PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro**: etnia, identidade, religião. São Paulo. 2000.

¹² Cangoma significa tambor de mina ou festa dos tambores e fazer uma cangoma é o mesmo que festejar. Fonte: <http://centroculturalcangoma.blogspot.com.br/>. Acesso em: 9 ago. 2020.

¹³ O nome Correio Nagô também é usado para designar um veículo de comunicação do Instituto Mídia Étnica.

¹⁴ A ideia de rebatizar a técnica comumente chamada de “Bola de Neve”, proposta por Nelma Baldin e Elvira Bagatin, relaciona-se com a perspectiva de pesquisa que trazem narrativas que se coadunam com um pensamento feminista negro, ou seja, uma pesquisa sobre mulheres negras deveria dialogar com ferramentas de matriz africana, sempre que possível, e sem dúvida nenhuma, a técnica Correio Nagô atende a esta proposta.

caberia fazê-lo. Assumi prontamente a tarefa. A proposta surge, então, inspirada em uma tradição de culturas africanas que usam o som de tambores como meio de comunicação. Em depoimento para o vídeo *Atunko Ilú Obá De Min*¹⁵, Isaías Lemos, vice-presidente da Associação Angolana dos Antropólogos explica que,

Os tambores quando soam na minha terra há sempre uma informação para dar, mas os tambores que eu ouvi aqui, a informação era convidativa para uma festa. O grito dos tambores na minha terra diz sempre alguma coisa, ou seja, quando nascemos, no momento que nasce o indivíduo, a festa e o tambor aparecem. Quando vamos a uma iniciação masculina ou feminina, a festa e o tambor aparecem. Quando morremos, a festa e o tambor aparecem. Quer dizer o tambor tá na vida do povo africano. (LE MOS, 2019).

No Brasil, o Candomblé usa os tambores, que nesta religião de matriz africana são chamados de atabaques¹⁶, como meio de comunicação e configuram-se como um instrumento sagrado. De acordo com Maria Stella de Azevedo Santos (2014), os escravizados trouxeram essa tradição africana e continuaram a usá-los, sendo reforçada pela dificuldade de se expressarem livremente por meio da palavra falada. Dessa forma, espalhavam as notícias usando o som dos tambores.

Atualmente no Brasil usa-se a expressão “Correio Nagô”, especialmente entre ativistas do movimento negro, para indicar que uma notícia ou informação foi ou poderá ser transmitida de “boca em boca”. Ela é muito usada nos terreiros de candomblé. Ao emitir sons, os tambores africanos contam histórias. Porém, não basta tocar os tambores, é necessário que o ressoar deles encontre receptores/as que entendam a sua mensagem. No caso desta pesquisa, o som dos tambores ecoava um pedido de ajuda na busca de mulheres trabalhadoras negras que executavam os serviços de limpeza nas unidades educacionais municipais de Curitiba.

As pessoas que responderam à mensagem foram aquelas que, assim como eu, percebiam a importância das mulheres trabalhadoras negras que ocupam a função de serviços gerais nas unidades educacionais e reconheciam que suas narrativas carregavam muitos saberes e se comprometeram a intermediar o contato. Essas pessoas, todas elas servidoras públicas no município de Curitiba, reverberaram o som

¹⁵ Depoimento de Isaías Lemos no vídeo: *Atunko Ilú Obá De Min* - Ep 9. Conhecer e Ir Mais Longe. Direção: Daiane Pettine. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jltCaFwlczc>. Acesso: 10 ago. 2020.

¹⁶ Termo genérico para vários tambores cônicos abertos e de membrana simples. Nos rituais do candomblé baiano e em outras partes do Nordeste, eles são conhecidos como rum (maior), rumpi, e lê. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/labeet/contents/acervos/categorias/membranofones/atabaque>. Acesso em: 20 out. 2021.

dos tambores. Imediatamente conversaram com as trabalhadoras que conheciam e indicaram alguns nomes.

Portanto, a técnica Correio Nagô, utilizada nesta pesquisa para chegar até as interlocutoras, parte da mesma premissa da expressão, ou seja, se consistiu em espalhar a notícia, de “boca em boca”, que eu procurava trabalhadoras negras de limpeza e conservação de unidades educacionais municipais de Curitiba que estivessem dispostas a compartilhar suas experiências de vida. Fiz contato com as servidoras de modo informal em diferentes espaços do meu convívio e por um aplicativo de mensagens instantâneas, fazendo a seguinte pergunta: Você conhece alguma trabalhadora negra de limpeza e conservação que atue em escolas ou Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Curitiba? Quando as respostas eram afirmativas, explicava o objetivo da pesquisa e pedia que sondassem o interesse da pessoa conhecida em participar da pesquisa.

Durante o processo de busca por meio do Correio Nagô, três reações das pessoas me chamaram a atenção fazendo-me perceber que o som dos tambores não era compreendido por todas. A primeira foi o questionamento se tinha mesmo que ser da limpeza, se não podia ser professora ou inspetora. Esta reação me fez pensar que talvez não considerassem estas trabalhadoras importantes para uma pesquisa em educação. A outra foi o espanto quando eram perguntadas sobre este perfil de pessoa, dando a impressão de que nunca tinham se dado conta de que elas faziam parte do ambiente educativo. E uma terceira que se apresentou foi a incerteza sobre o pertencimento racial das trabalhadoras, se eram negras ou não, e algumas disseram que isso não tinha nenhuma relevância. Esta dificuldade das pessoas no Brasil em explicitarem a raça/cor de outras pessoas pode ser compreendida pelo que Oracy Nogueira (2006) chamou de “etiqueta das relações raciais”, ou seja, as pessoas nomeiam umas as outras em relação ao pertencimento racial, no entanto, ao serem solicitadas a identificar alguém isso “gera insegurança e uma necessidade de medir as palavras para não soar preconceituosa, ratificando, desde muito cedo, a etiqueta racial presente nos discursos das pessoas em contexto brasileiro”. (ARAÚJO; DIAS, 2019, p.7).

As servidoras públicas municipais que responderam ao chamado tornaram-se parceiras na pesquisa. Estabeleceram uma ponte entre a pesquisadora e as interlocutoras. Ao mesmo tempo em que traziam informações sobre as interlocutoras, levavam informações sobre a pesquisadora. Mais uma vez a analogia com os

tambores africanos se fez valer, pois, quando um tambor é tocado a longa distância, para garantir a transmissão, há tambores intermediários auxiliando no que se pretende comunicar.

Elas convenceram suas conhecidas a participarem, mediante uma “fiança”, ou seja, garantiram pessoalmente que eu era uma pessoa séria, uma pesquisadora negra, com origem próxima a delas, que tinha por objetivo reconhecer e valorizar suas histórias. Ao mesmo tempo, explicavam para as trabalhadoras os procedimentos de uma pesquisa acadêmica e me traziam informações sobre as vivências dessas interlocutoras. Apenas depois dessa intermediação é que me aproximei delas.

O movimento das servidoras públicas que possibilitou minha aproximação com as interlocutoras demonstra que uma pesquisa não é um ato isolado e solitário, exige parcerias e o envolvimento de outras pessoas. Ao se comprometerem em intermediar o contato com as mulheres trabalhadoras de limpeza e conservação, elas demonstraram que, assim como eu, reconheciam a importância da atuação dessas mulheres no ambiente educativo, além de valorizar as histórias de vida dessas profissionais. A solidariedade demonstrada por elas se faz também por reconhecerem a importância de realizar a escuta de grupos socialmente subjugados. Não eram negras e ocupam outras funções, porém perceberam que a pesquisa era uma oportunidade para que as mulheres trabalhadoras de limpeza e conservação fossem consideradas sujeitas no espaço educativo.

A busca pelas interlocutoras iniciou em junho de 2019. A indicação dos nomes não ocorreu todos ao mesmo tempo. Recebi sete indicações, mas duas se recusaram a participar, uma respondeu apenas que não tinha interesse, a outra que não tinha tempo para realizar a conversa. Portanto, as cinco interlocutoras que participaram da pesquisa foram aquelas que assumiram com as servidoras e comigo o compromisso de mostrar as vivências e saberes da “mão da limpeza”. Cabe frisar que todas as conversas foram realizadas antes da pandemia do Covid-19, possibilitando que o contato presencial fosse viável.

A importância da intermediação destas parceiras ficou marcada na fala de uma das interlocutoras que, ao me receber, quando lhe apresentei o objetivo da pesquisa, demonstrou que a servidora que a indicou já tinha lhe explicado como se realiza uma conversa com finalidade acadêmica: “Eu não gosto de contar a minha

vida. Eu tô contando pra você porque é uma pesquisa. Quando a Laís¹⁷ ligou e falou pra mim, eu disse, não tem problema”. (NAIR¹⁸, conversa realizada no dia 05/10/19).

Foi por meio da indicação que eu consegui me aproximar de cada uma das interlocutoras, nomeadas como: Odete, Nair, Nina, Mirtes e Sandra. Assim que recebi a indicação e a confirmação, fiz contato telefônico com cada uma e marquei um encontro. Foi assim que essas cinco mulheres entraram na minha vida.

Ao me dirigir para os encontros, me muni de um gravador e de um roteiro para conversar com elas. Ao estabelecer um roteiro e não uma entrevista semiestruturada tinha o intuito de estabelecer uma conversa em que a interlocutora pudesse se expressar livremente sobre suas histórias de vida, mergulhar em suas memórias e escolher as experiências mais marcantes de sua vida. Portanto, o roteiro que teve seis grandes eixos: perfil, infância, escola, família, identidade racial e de gênero, trabalho, não pretendia uma diretividade que limitasse as narrativas para um foco, mas que fosse um fio condutor que auxiliasse as interlocutoras a recuperar detalhes em sua memória e narrá-los. Para construí-lo, embasei-me em orientações de Meihy (2002) e Thompson (1992) sobre entrevista em história oral.

O roteiro foi elaborado e orientou uma conversa anterior com uma trabalhadora negra de serviços gerais que atuava na Universidade Federal do Paraná cujo o texto foi apresentado como comunicação oral na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em julho de 2021, no evento 12 Fazendo Gênero: lugares de fala, direitos, diversidade e afeto sob o título de “... A gente vive lutando para tirar as nossas correntes dos nossos pés”: narrativas de uma trabalhadora negra em espaço educacional”, na sessão temática: ST 047: Educação, gênero e relações raciais: ações afirmativas em tempos de retrocessos.

Foi importante este processo para que colaborasse com o planejado, mas não impediu a tensão que se impõe o desconhecido. Tomei todos os cuidados para que tudo estivesse adequado para o momento, porém a maior preocupação não era com os recursos materiais, mas se eu conseguiria corresponder às expectativas. Afinal, a

¹⁷ Nome fictício usado para manter o anonimato da servidora pública que indicou uma das trabalhadoras de limpeza e conservação de uma unidade educacional municipal de Curitiba.

¹⁸ Os nomes das interlocutoras também são fictícios para manter o anonimato. Eles foram escolhidos inspirados em empregadas domésticas reais que lutam pelos seus direitos como trabalhadoras e, acredito, são inspiração para todas as mulheres negras brasileiras. A escolha por esses nomes se deu para homenagear mulheres majoritariamente negras, que exercem uma profissão que se aproxima da ocupação das interlocutoras da pesquisa e que também é de extrema importância e pouco reconhecida pela sociedade.

credibilidade depositada em mim pelas servidoras que fizeram as indicações me dava uma imensa responsabilidade, além daquelas de uma pesquisadora, a de corresponder pessoalmente a confiança daquelas que fizeram as indicações e das interlocutoras. No momento de preparo para o encontro com cada uma havia sempre em uma certa tensão, pois precisava como pesquisadora me manter atenta às questões que me levaram até estas mulheres e, ao mesmo tempo, me sentia muito próxima delas com pontos comuns na história de vida sendo necessário em alguns momentos uma atenção redobrada para não perder meu foco e ficar apenas na troca que foi muito intensa ao ouvi-las. Foi assim que me dirigi ao encontro com Odete, Nair, Nina, Mirtes e Sandra.

É importante registrar que realizei os encontros com as interlocutoras sem a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR. Essa decisão foi tomada depois que submeti, sem sucesso, o projeto de pesquisa a este comitê, mesmo realizando ajustes no projeto para atender às suas solicitações. Essas tentativas duraram de junho de 2019 até novembro do mesmo ano. Após cumprir os protocolos que eram exigidos, alguns questionamentos sobre a justificativa da importância da pesquisa, sobre a classificação étnico-racial das interlocutoras que participariam da pesquisa e a exigência da presença de um profissional da área de Psicologia para acompanhar as conversas, percebi que o distanciamento entre um Comitê de Ética em Pesquisas da área de Saúde e pesquisas em educação dificultava o entendimento que todas/os as/os profissionais das unidades educacionais têm um papel educador e podem ser sujeitas/os de pesquisa, que a classificação étnico-racial utilizada no Brasil que compreende pretos e pardos como a população negra brasileira já está consolidada por pesquisas acadêmicas que discutem relações raciais no país e, finalmente, que o uso da metodologia da história oral exige uma cumplicidade entre pesquisadora e pesquisada ou melhor interlocutoras, portanto a presença de outras pessoas no momento do encontro pode inibir a/o narrador/a ao contar episódios de sua vida. Dessa forma, afirmo que, mesmo sem a aprovação do Comitê de Ética, esta pesquisa atende aos princípios éticos de assentimento e consentimento, confidencialidade, arquivamento de dados, integridade na coleta, produção e análise de dados, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado por todas as interlocutoras, e seguem os princípios gerais que devem orientar as pesquisas em educação, segundo Jefferson Mainardes e Carlos Roberto

Jamil Cury (2019), em documento produzido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) que são:

- a) todas as pesquisas que envolvam seres humanos devem ter como princípio fundante a dignidade da pessoa humana. Isso implica no respeito aos participantes, consentimento, avaliação cuidadosa de potenciais riscos aos participantes, compromisso com o benefício individual, social e coletivo das pesquisas;
- b) respeito aos direitos humanos e à autonomia da vontade;
- c) emprego de padrões elevados de pesquisa, integridade, honestidade, transparência e verdade;
- d) defesa dos valores democráticos, da justiça e da equidade; e
- e) responsabilidade social. (MAINARDES; CURY, 2019, p. 27).

Foi seguindo esses princípios que parti para os encontros.

Minha primeira conversa foi com Odete¹⁹, em 21 de setembro de 2019. Ela estava muito apreensiva com nosso encontro, pois não se achava capaz de ter algo para contribuir com a minha pesquisa, duvidava que seus conhecimentos poderiam ser úteis. Devido a sua insegurança, para deixá-la mais à vontade, combinamos que a conversa aconteceria na casa da servidora que fez a indicação. Depois de um café, retiramo-nos para um escritório onde conversamos. Ela tem 49 anos, trabalha em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), é solteira e mãe de dois filhos, nascida na cidade de Assis Chateaubriand, no estado do Paraná, mudou-se para Curitiba quando tinha 5 anos. Durante a realização desta pesquisa recebi a triste notícia do seu falecimento, no dia 17 de janeiro de 2021, o que me causou muita comoção.

A segunda conversa foi com Nair²⁰, em 05 de outubro de 2019. Fui recebida em sua residência, que se localiza em um bairro da periferia de um município da Região Metropolitana de Curitiba. Quando cheguei lá, antes da nossa conversa, havia uma mesa de café preparada para me receber. Ela tem 49 anos, trabalha em CMEI, é casada, mãe de 2 filhas e 3 filhos, nasceu na cidade de Bandeirantes, no estado do Paraná e cresceu na cidade de Santo Antônio da Platina-PR, mudando-se para Curitiba-PR quando tinha 19 anos.

Meu terceiro e quarto encontros aconteceram no dia 16 de outubro de 2019, com Nina e Mirtes. Fui recebida em seus locais de trabalho. Ambas trabalham na

¹⁹ Homenagem a Odete Maria da Conceição, fundadora do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas do município do Rio de Janeiro.

²⁰ Homenagem a Nair Jane de Castro Lima que presidiu a Associação Profissional das Empregadas Domésticas do Rio de Janeiro na década de 1970, participou de sua transformação em sindicato, do qual se tornou a primeira presidenta em 1988.

mesma unidade educacional. Só foi possível realizar a conversa nesse espaço devido ao esforço da servidora que as indicou, pois ela negociou com a equipe gestora da unidade para que permitissem que eu pudesse conversar com as trabalhadoras na instituição. A conversa aconteceu no ambiente reservado às trabalhadoras de limpeza. Foi impossível não comparar o local de descanso delas com as salas de professoras que eu conhecia bem, depois de atuar como docente em diferentes unidades educacionais municipais. Nas salas de professoras havia sempre um local específico para fazer os lanches, um sofá confortável, pelo menos um computador. No “quartinho da limpeza” como chamavam, os lanches, marmitas, roupas usadas para chegar no trabalho ocupavam o mesmo espaço apertado dos produtos de limpeza, vassouras e panos. A meu ver, esse local não era apropriado nem para realizar um lanche e nem para descansar nos intervalos permitidos. Era reprodução do “quartinho da empregada”²¹ na escola.

Nina²² tem 63 anos, trabalha em escola, é casada, mãe de 2 filhos, nasceu em Caculé, no estado da Bahia, mudou-se para Curitiba-PR já adulta, porém não lembra em que idade. Mirtes²³ tem 35 anos, trabalha em escola, é casada, mãe de dois filhos, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo e mudou-se para Curitiba-PR com 34 anos.

O último encontro foi com Sandra²⁴, no dia 23 de fevereiro de 2020. Nossa conversa aconteceu na casa dela, que fica em um bairro distante da região central de Curitiba formado a partir de uma ocupação, que ainda não está totalmente urbanizado. Ela tem 38 anos, trabalha em escola, é casada, mãe de uma filha, nasceu em Curitiba e sempre morou nesta cidade.

Essas mulheres fazem parte do grupo que representa, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2015), 29,17% da população feminina que reside

²¹ O quarto de empregada faz parte de uma tradição arquitetônica brasileira, de segregação, que remonta ao período de escravidão. Ele surge como uma solução para separar empregados e patrões que permaneceram vivendo juntos após a abolição, em 1888. (PAULA GOMES, 2016). Este espaço representa uma permanência da mentalidade presente na sociedade desde o período colonial que atribui às/aos trabalhadoras/es, principalmente as/os domésticas/os, uma imagem de ferramenta de trabalho, reproduzindo um ambiente que pode ser associado às senzalas.

²² Homenagem a Laudelina de Campos Mello que usa este apelido. Ela é fundadora do primeiro sindicato de empregadas domésticas do país.

²³ Homenagem a Mirtes Renata Santana Souza, mãe de Miguel Otávio, perdeu seu filho, que ficou aos cuidados da sua empregadora enquanto ela trabalhava. Por negligência da patroa, o menino caiu de um prédio e morreu. Mirtes luta para que a patroa seja responsabilizada pelo crime.

²⁴ Homenagem à empregada doméstica Sandra Soares, referência na luta pela quarentena remunerada das empregadas domésticas durante a pandemia provocada pelo Covid-19 em 2020.

no Paraná e estão entre as 6,8% das mulheres residentes no estado, na faixa etária de 30 a 64 anos. Com exceção de Sandra, todas as outras vieram morar em Curitiba buscando encontrar oportunidades de melhorar suas condições de vida.

Ao sair de cada um dos encontros, a percepção de que a vida dessas mulheres foi profundamente afetada pelas desigualdades de gênero, raça e classe se fortalecia e que as conexões que provocavam essas desigualdades e as formas como elas elaboraram estratégias de resistência para sobreviver, podem ser entendidas a partir da epistemologia feminista negra.

3.2 DIÁLOGO ENTRE MULHERES NEGRAS: A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA E AS HISTÓRIAS DE VIDA

A escuta das narrativas das mulheres negras trabalhadoras de limpeza das unidades educacionais de Curitiba fortaleceu minha convicção de que apesar de não existir um modelo único de mulher negra, existe uma experiência coletiva que é compartilhada por elas que torna o diálogo entre as interlocutoras, a pesquisadora e as teóricas do pensamento feminista negro, um movimento que denuncia os sistemas de dominação e subordinação, bem como ressalta as estratégias de luta e resistências que marcam a vida e, portanto, a identidade dessas mulheres negras.

Esse diálogo tem como centro as narrativas das mulheres negras trabalhadoras que, a partir de uma singularidade individual, validam conhecimentos originados das suas experiências vividas. Apresentar e analisar essas narrativas envolvem uma ética de responsabilidade pessoal, na qual mulheres negras expõem como as opressões interseccionais de gênero, raça e classe se organizam, como prejudicam suas vidas, provocam desigualdades sociais e como são enfrentadas. É neste diálogo que busco um elo entre teoria e prática visto que,

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (hooks, 2013, p. 86).

É nessa reciprocidade que procuro uma sabedoria coletiva construída entre aquelas que foram afetadas de alguma maneira por opressões interseccionais de raça, gênero e classe como alternativa para entender os sentidos atribuídos as suas identidades. O termo sabedoria coletiva sustenta-se nos estudos de Collins (2019), ao

indicar que as experiências coletivas e as visões de mundo construídas diante das situações históricas enfrentadas pelas mulheres negras quando compartilhadas e transmitidas constituem um conjunto de princípios que pode ser chamado de epistemologia feminista negra. Essa epistemologia usa como dimensões, a experiência vivida como critério de significado, o uso do diálogo, a ética da responsabilidade pessoal e a ética do cuidar para a validação do conhecimento.

Dessa forma, o diálogo entre as mulheres negras envolvidas nesta pesquisa pretende uma conexão em que a ética do cuidar manifestada na “expressividade pessoal, as emoções e a empatia” (COLLINS, 2019, p. 419) esteja presente para se compreender o impacto que o racismo, o sexismo e o elitismo de classe da sociedade brasileira ocasionam nas interações de trabalhadoras que atuam como auxiliares de serviços gerais em instituições educacionais de Curitiba.

Nessa perspectiva, me utilizo da interseccionalidade como um recurso teórico-metodológico que reconhece as desigualdades sociais a que estão submetidas as mulheres negras como resultado de relações de poder que envolvem raça, gênero e classe, os quais agem mutuamente ou se cruzam em diferentes contextos sociais provocando privações de direitos e desvantagens para as mulheres trabalhadoras negras de limpeza e conservação das unidades educacionais municipais de Curitiba.

Portanto, amparada pela possibilidade trazida pela epistemologia feminista negra, considero que conhecer as vivências das trabalhadoras de limpeza contribui com as pesquisas em educação na medida em que suas histórias de vida revelam os modos como as estruturas sociais se movem e como essas sujeitas integrantes do ambiente escolar estão presentes com seus corpos, seus conhecimentos e atuam de forma intensa nestes espaços, mas são pouco reconhecidas como parte da comunidade educacional. Penso que a escuta destas mulheres colabora para “promover e encorajar o ato de erguer a voz” (hooks, 2019, p. 17) deste grupo socialmente subalternizado de modo a torná-las cada vez mais presentes nos espaços educacionais e como parte das relações educacionais que se constroem nestes locais.

Deslocá-las no espaço da escola do lugar no qual são vistas apenas como um corpo que realiza a limpeza e colocá-las em uma posição de detentoras de conhecimento demonstra que a escola é composta de outras/os atoras/es, além de estudantes e professoras/es e que a educação escolar não se dá apenas no espaço da sala de aula, mas também nas relações interpessoais.

Reconhecê-las neste lugar reinterpreta a posição dessas mulheres em oposição aos paradigmas tradicionais, pois revela sua importância tanto para a sociedade como para o espaço escolar, portanto trata-se de reconhecimento dos outros saberes presentes na escola.

Assim, proponho pensar uma prática escolar que desconstrua práticas excludentes e hierarquizantes de gênero, raça e classe para além dos materiais didáticos, das práticas pedagógicas, dos currículos formais e volte-se para questões cotidianas que levem a outros parâmetros epistemológicos e educativos e reconheça todas as pessoas presentes nestes espaços.

Dar centralidade às falas dessas interlocutoras é admitir que elas têm “o direito de definir sua própria realidade, estabelecer suas próprias identidades, nomear sua história”. (hooks, 2019, p. 79), entendê-las não como fonte, mas como agentes de conhecimento, que ao usarem a sabedoria adquirida pela experiência vivida para garantir sua sobrevivência, em meio às opressões interseccionais, produzem conhecimentos que podem enriquecer o diálogo sobre o planejamento e a execução dos processos de educação, de ensino e de aprendizagem, pois a posição que ocupam lhes dá uma perspectiva ímpar do que acontece no interior das escolas.

Ao fazer essa análise, situo as trabalhadoras negras de limpeza como intelectuais, que mesmo não tendo uma produção escrita reconhecida como acadêmica, têm posições alternativas, visões de mundo e experiências pessoais construídas em suas histórias de vida que geram conhecimento. Portanto, são também intelectuais, pois de acordo com Collins (2019, p. 51), “as intelectuais negras não necessariamente são acadêmicas nem apenas da classe média negra”.

Logo, a interlocução estabelecida nesta dissertação busca uma conexão entre a sabedoria prática produzida a partir de experiências vividas de mulheres negras trabalhadoras da limpeza e os conhecimentos produzidos por mulheres negras pesquisadoras, que mesmo dominando os conhecimentos acadêmicos estão submetidas a estereótipos que as colocam como inferiores e raramente são reconhecidas como produtoras de conhecimento. Para hooks (2020),

o conhecimento enraizado em experiência molda o que valorizamos e, conseqüentemente, como sabemos o que sabemos — e, da mesma forma, como usamos o que sabemos. Quando criamos um mundo em que há união entre teoria e prática, conseguimos nos engajar livremente com as ideias. Nossos pensamentos, então, não são ideias comuns, insignificantes e abstratas, de uso somente para quem busca viver a vida do pensamento em

um ambiente acadêmico, afastado dos modos e funcionamentos da vida cotidiana. (hooks, 2020, p. 231).

Diante disso, trata-se da produção de um conhecimento forjado na resistência que une acadêmicas e não acadêmicas em um esforço para transgredir, transpor as fronteiras que separam quem pode e quem não pode ser chamada de intelectual, posto que isto é uma invenção imposta pelo eurocentrismo, que ao considerar como legítimo apenas o conhecimento produzido de forma escrita, nos ambientes acadêmicos, a partir de referenciais teóricos europeus ou ocidentais, produzidos por homens brancos, cis heteronormativos, inferioriza outros saberes.

Considerar as concepções estabelecidas pela epistemologia feminista negra significa afirmar que,

Para aquelas entre nós que escrevem, é necessário esmiuçar apenas a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos. Para as demais, é necessário compartilhar e espalhar também as palavras que nos são significativas. Mas o mais importante para todas nós é a necessidade de ensinarmos a partir da vivência, de falarmos as verdades nas quais acreditamos e as quais conhecemos, para além daquilo que compreendemos. Porque somente assim podemos sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento. (LORDE, 2020, p. 55).

Trilhar um caminho no qual mulheres negras compartilham e espalham palavras, como aponta Audre Lorde (2020), me levou a escolher, a princípio, como metodologia de pesquisa, a história oral de vida, porém no decorrer da escuta das narrativas foi inevitável uma aproximação com o conceito de escrevivência construído por Conceição Evaristo (2020).

Ao ir a campo para escuta dos relatos da história pessoal contada a partir de uma narrativa construída e organizada pela memória como propõe a metodologia de história oral de vida (JOSÉ CARLOS SEBE MEIHY, 2002), organizei um roteiro que serviria como auxílio para orientar a narrativa sem a intenção de ser um guia rígido. Esse roteiro previa eixos que buscavam pistas para estabelecer, a partir das narrativas, conexões entre raça, gênero e classe e como estes elementos marcam as identidades das trabalhadoras negras de limpeza e conservação de unidades educacionais municipais de Curitiba. Foi elaborado de modo a permitir que as interlocutoras se sentissem à vontade para conversar tendo pontos disparadores do diálogo, encadeando pensamentos e organizando a narrativa de seu próprio jeito. Além do roteiro, foi significativo perceber as expressões corporais, os silêncios,

observar os ambientes onde os encontros se realizaram, enfim aspectos que não estão registrados nas gravações, mas que também compõem as análises desta pesquisa.

A escuta das narrativas permitiu-me compreender como acontecimentos significativos de vivências individuais revelam também processos coletivos de interação na sociedade. Logo, as histórias de vida das trabalhadoras e as experiências vividas por elas apresentam critérios que validam conhecimento coletivos de luta e resistência que não são individuais, mas coletivos. Portanto, nesse momento percebi que, no meu caso, a referência teórica não se assentava apenas de história oral de vida, conforme formulou Thompson (1992), mas sim de escrevivência consoante apresenta Evaristo (2020).

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Depoimento de Conceição Evaristo, sobre o livro *A escrita de nós*, p. 30, 2020).

Isto posto, ao me encontrar em uma posição de escuta dessas trabalhadoras, percebi que a potência de emissão transmitida por meio da oralidade se encaminhava para “desfazer uma imagem do passado” construída desde a escravização, que controlava o “corpo-voz” de mulheres negras e que escrever sobre essas histórias de vida criava uma cumplicidade na medida em que suas histórias se confundiam com a minha, logo esse movimento coletivo pode se expressar no traçar de uma escrevivência. Minha constatação se concretiza na fala de Nina, quando no momento anterior à gravação da conversa, ao lhe explicar como seria, ela me respondeu:

Será que você vai ter paciência de ouvir? Minha história é longa, aconteceu tanta coisa que dá até um livro. (Nina, conversa realizada no dia 16 de outubro de 2019).

Nina costura o que eu alinhavava a partir do conceito de escrevivência, quando reconhece que a história de sua vida tem tanta potência que pode ser registrada em um livro. Ela traz em sua fala a ideia de livro como um registro escrito

de algo que merece ser compartilhado e publicado. Embora minha escuta não tivesse como objetivo a produção de um livro, meu compromisso de registrar a história dela de forma escrita, deslindar significados de suas experiências de vida, documentar histórias comumente excluídas ou esquecidas e aprender com elas, me fazem compreender que a escrita desta dissertação não é só minha, mas que pertence a todas nós, logo configura-se como um ato de escrevivência.

Esse ato de escrevivência foi se esculpindo desde o primeiro momento do encontro, mesmo antes de se iniciar as gravações, por meio da troca de olhares, das perguntas que as interlocutoras me fizeram sobre minha vida pessoal, das informações sobre o bairro onde moram ou sobre as pessoas que estavam presentes nos locais onde as conversas foram realizadas. Uma cumplicidade se estabeleceu fazendo emergir um patrimônio pessoal que oferece novas possibilidades interpretativas sobre infância, educação, trabalho, resistência e resiliência e identidade de mulheres negras, temas esses elencados por mim nas seguintes categorias: “a criança que fui”, “eu trabalhadora em educação, vida profissional e trabalho nas unidades educacionais”, que serão apresentadas a seguir com base nas narrativas das trabalhadoras em serviço de limpeza das unidades educacionais municipais de Curitiba.

4 A MÃO DA LIMPEZA: EXPERIÊNCIAS E IDENTIDADE

Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei
(CIDADE NEGRA, 1999).²⁵

Ao escrever o projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação fui movida pelo sentimento de afeto, respeito e admiração que sempre tive por minha mãe e minha avó, que eram trabalhadoras em serviços de limpeza e conservação. As vivências delas me levaram a indagar sobre quais eram as histórias que outras mulheres que exercem a mesma profissão tinham para contar, que saberes elas não tiveram a oportunidade de compartilhar por serem vistas apenas como a “mão da limpeza” em seus locais de trabalho. Quando minha subjetividade se transformou formalmente em uma pesquisa de mestrado, no cumprimento de um protocolo acadêmico, busquei referenciais teóricos que pudessem me amparar nesta caminhada.

Para além das questões subjetivas iniciais e da minha escolha teórica, durante o processo de escrita fui impactada pelos fatos históricos provocados por atos racistas e reações antirracistas que ocorreram no mundo durante o ano de 2020. Este ano foi marcado pela divulgação em diferentes canais de comunicação de notícias que escancararam a permanência do racismo estrutural na sociedade e que ganharam repercussão global. Os acontecimentos mencionados neste texto não foram os únicos, escolhi alguns entre aqueles que tiveram muita ressonância na sociedade. Apesar de me fixar em acontecimentos ocorridos no Brasil, não posso deixar de citar como disparador das discussões sobre racismo no ano de 2020, o assassinato do afro-americano George Floyd por um policial de Mineápolis, nos Estados Unidos²⁶, o que provocou manifestações de ruas e nas redes sociais, dando mais visibilidade à

²⁵ A Estrada é uma música da banda brasileira Cidade Negra, do álbum Quanto Mais Curtido Melhor. Composta por Toni Garrido, Bino, Lazão e Da Ghama em 1998.

²⁶ George Floyd foi morto por estrangulamento por um policial branco ao ser abordado como suspeito de cometer um crime, no dia 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.htm>. Acesso em: 1 mar. 2021.

hashtag #BlackLivesMatter (Vidas Negras Importam, em tradução livre) e que atraiu a atenção de muitas pessoas para o racismo estrutural que opera no dia a dia na sociedade e que nem sempre é denunciado.

As mídias também destacaram amplamente algumas situações de racismo ocorridas no Brasil como: ameaças de morte a vereadoras negras eleitas de forma democrática nas eleições municipais de 2020, entre elas, Ana Lúcia Martins, eleita vereadora na cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina e Carol Dartora, eleita vereadora na cidade de Curitiba, no estado do Paraná.

Em pesquisa²⁷ realizada pelo Instituto Marielle Franco foi constatado que foram eleitas nove mil mulheres em todo o país, destas 142 são negras, sendo que 5% delas se identificaram como mulheres trans ou travesti, enquanto 95% das participantes identificaram-se como mulheres cisgêneros. Em relação à orientação sexual, 27% das participantes são LBT+²⁸, sendo 20% bissexuais, 6% lésbicas e 1% pansexuais. Apenas 1% não se sentiu à vontade para responder à pergunta sobre orientação sexual, enquanto 72% das participantes se declaram heterossexuais. 18% delas afirmaram que receberam mensagens racistas em suas redes sociais, por e-mail ou aplicativos de mensagens, 8% que foram vítimas de ataques com conteúdo racista durante eventos virtuais públicos. Além disso, 60% delas foram insultadas, ofendidas ou humilhadas em decorrência da sua atividade política nas eleições. Em 45% dos casos de violência virtual e moral a agressão foi feita por indivíduo ou grupo não identificado, fato que dificulta as denúncias e aumenta a impunidade nos casos deste tipo de agressão.

Outro acontecimento que causou muita comoção foi a morte do menino Miguel Otávio Santana da Silva, criança de 5 anos que morreu ao cair de um prédio de luxo no Recife no dia 2 de junho, enquanto sua mãe, Mirtes Renata Souza Santana, empregada doméstica, levou o cachorro da patroa para passear. O menino ficou aos cuidados desta, que permitiu que ele saísse sozinho no elevador e sofresse o acidente causador de sua morte.

²⁷ A pesquisa Violência política contra mulheres negras foi publicada pelo Instituto Marielle Franco, após as eleições de 2020 e está disponível digitalmente através do site violenciapolitica.org. Acesso em: 04 jan. 2021.

²⁸ A sigla LBT+ refere-se a mulheres lésbicas, bissexuais, transsexuais e +. Mantive a sigla para respeitar a forma como os dados foram usados na fonte que utilizei.

a taxa de homicídios de mulheres não negras caiu 11,7%, enquanto a taxa entre as mulheres negras aumentou 12,4%.

Em que pese este quadro evidente de desigualdade, convivemos atualmente com pessoas como Sérgio Nascimento, presidente da Fundação Cultural Palmares,³⁴ que retirou alguns nomes da lista de personalidades negras homenageadas pelo *site* da instituição, numa tentativa de apagamento da participação de negras(os) na História do Brasil. Além disso, divulgou, no dia 10 de junho de 2021, em suas redes sociais que excluiria do acervo da instituição livros que, na opinião dele, representam o marxismo cultural, a perversão sexual e o banditismo, lesando um patrimônio que pertence ao povo brasileiro. Essa ação foi impedida por decisão da Justiça Federal do Rio de Janeiro, que proibiu a doação de obras do acervo do órgão.

Ao mesmo tempo em que denúncias de racismo se espalharam pela imprensa, também não foram esquecidos os movimentos de apoio à luta antirracista. Para cada caso desses citados, houve passeatas, manifestações de artistas, intelectuais, esportistas, políticos e anônimos em eventos públicos e nas redes sociais que se pronunciaram a favor de ações que suprimam o racismo da sociedade. A empresa Google, responsável pela ferramenta de busca mais utilizada no Brasil, anunciou que em 2020 as pesquisas sobre racismo tiveram um interesse recorde. A ferramenta de busca da empresa mede o grau de interesse por termos em uma escala de 0 a 100. Em média, o termo "racismo" atingia 23 pontos, mas no oitavo mês deste ano chegou aos 100 pontos³⁵.

Outra iniciativa importante foi a criação da Coalização Negra por direitos, formada por 200 organizações, entidades, grupos e coletivos do movimento negro brasileiro com o objetivo de enfrentar o racismo, que estrutura a sociedade e produz desigualdades que atingem principalmente vidas negras. Essa coalização é a responsável pela campanha "Se tem gente com fome, dá de comer", que tem

³⁴ De acordo com o site, a instituição pública foi criada em 1988 com o compromisso de combater ao racismo, promover a igualdade, a valorização, difusão e preservação da cultura negra e reconhecer a diversidade e o respeito às identidades culturais do povo brasileiro. O atual presidente, tem feito declarações polêmicas que não estão de acordo com os propósitos estabelecidos para esta instituição. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acesso em: 1 mar. 2021.

³⁵ A matéria Brasileiro nunca pesquisou tanto na internet sobre racismo, foi publicada no dia 5 de setembro de 2020.. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/09/05/brasileiro-nunca-pesquisou-tanto-na-internet-sobre-racismo-quanto-em-2020.htm>. Acesso em: 1 fev. 2021.

distribuído alimentos para pessoas em vulnerabilidade social por todo o Brasil, em uma tentativa de amenizar os efeitos causados pela pandemia do Covid-19.³⁶

Foi impossível acompanhar tudo isso sem chegar às lágrimas por todas as dores a que está submetida a população negra, mas também, fui invadida por um sentimento coletivo de luta e orgulho em assistir a todas essas reações (mesmo que isolada em casa, devido à necessidade de distanciamento social provocada pela pandemia do Covid-19), com esperança de que possamos cada vez mais apontar as desigualdades presentes no nosso país e encontrar soluções para superá-las.

Dando continuidade ao contexto, quero destacar a crise mundial causada pela pandemia do Covid-19³⁷, que provocou a morte de 4.871.841 no mundo, sendo destas, 601.398 mortes de brasileiros. Este contexto de pandemia impactou minha pesquisa, mesmo com todos os dados de análise já coletados anteriormente. Por um lado, pude perceber a importância da ciência e a capacidade da academia em produzir muito conhecimento em um curto espaço de tempo para buscar soluções para a sociedade, por outro lado, convivi com o negacionismo de grupos que influenciam pessoas que ocupam cargos de poder e o aumento das desigualdades sociais. Esses dois fatos, mais o excesso de informações recebido da mídia, isolada em casa, causaram-me insegurança e uma sensação de solidão, além de uma sobrecarga de atividades realizadas de forma remota que indubitavelmente afetaram as análises que realizei nesta fase. A necessidade imposta a todas/os nesse momento histórico de se reinventar e rever formas de viver e pensar me provocam a ousar imaginar um futuro mais humanizado e igualitário.

Vivenciar esses momentos históricos me atinge profundamente e me levam a pensar no meu compromisso como pesquisadora que produz conhecimento em meio a tantos acontecimentos de tamanha importância. Por tais reflexões, concluo que escrever sobre as histórias de vida de mulheres trabalhadoras negras de limpeza das unidades municipais de Curitiba é fazer o caminho inverso do atual dirigente da Fundação Cultural Palmares, e ao invés de tentar o ocultamento de pessoas negras,

³⁶ Informações obtidas na página da organização. Disponível em: <https://coalizaonegrapordireitos.org.br/>. Acesso em: 2 jul. 2021.

³⁷ Em 11 de março de 2020, a COVID-19, doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença. Esta doença vitimou pessoas em todo o mundo. Foram 4.871.841 no mundo sendo destas 601.398 mortes no Brasil. Fonte: Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 14 out. 2021.

trago à tona a história de sujeitas que atuam de forma efetiva nos rumos da sociedade e mais especificamente na educação. É uma forma de resistência.

Evidenciar os modos pelos quais estas mulheres negras se constituem como cidadãs e possibilitar que as pessoas conheçam suas trajetórias de vida contribui para que saibamos que a história da sociedade brasileira é construída por muitas mulheres negras que ficam no anonimato, subsumidas pelas narrativas contadas por quem domina os meios de comunicação, a produção literária ou dos livros didáticos. É raro que se escape a este processo de apagamento, como ocorreu com Carolina Maria de Jesus.

Todo esse contexto político e social justamente quando me volto para a análise dos dados obtidos nas narrativas das interlocutoras, me conduzem para uma metodologia em construção no Grupo ErêYá, que está se constituindo inspirada na análise de conteúdo de Bardin (2016) e que está sendo nomeada como técnica para Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS). O grupo a partir das pesquisadoras sentiu necessidade de sistematizar como estavam enfrentando a tarefa de construir uma referência de análise de dados, pois, embora Bardin (2016) inicialmente tenha sido a referência, havia por parte de algumas pesquisadoras uma certa insatisfação com o caráter quantitativo da técnica e, por outro lado, não existia interesse em nos filarmos a uma escola da Análise de Discurso. Animadas pela perspectiva de que a produção de conhecimento está sempre aberta à construção, nos debruçamos a estudar tanto o campo da análise de conteúdo quanto da análise de discurso e concluímos que era o momento de sistematizarmos os caminhos que nossas experiências como pesquisadoras nos indicavam para constituir uma técnica que atendesse de modo mais concreto àquilo que dominamos e o que fazíamos.

Essa técnica de análise considera os dados a partir das dimensões: Contexto, Experiência e Sociedade. Nesta perspectiva, contexto refere-se ao espaço e tempo em que os dados foram produzidos. A experiência diz respeito às vivências de todas as pessoas envolvidas e a interação entre elas, tanto de quem pesquisa quanto as interlocutoras da pesquisa, no meu caso. E sociedade diz respeito aos tensionamentos políticos, sociais, culturais, econômicos presentes no momento histórico em que a pesquisa se desenvolveu. Essas três dimensões possibilitarão

análises únicas para os dados produzidos (DIAS, 2020³⁸) e será a ACNAS, que orientará a interpretação dos dados desta pesquisa, cujo corpus é formado pelas narrativas coletadas e transcritas.

A interpretação das narrativas, além das dimensões propostas pela ACNAS, dialoga com a interseccionalidade para reconhecer como as opressões de gênero, raça e classe moldam as experiências vividas pelas interlocutoras. A adoção da interseccionalidade como recurso metodológico permite, de acordo com Patricia Collins e Sirma Bilge (2021), entender as experiências e lutas de pessoas em privação de direitos, bem como, pode auxiliar no empoderamento de comunidade e indivíduos. Logo, em todas as fases de análise da ACNAS esteve presente a interseccionalidade.

A primeira fase é denominada **Tatear**:

É a fase em que a pesquisadora de posse de todo o material empírico da pesquisa irá sobretudo “ler, ouvir, sentir” seus dados, estabelecerá com eles um diálogo e não um monólogo, pois os dados formaram um conjunto de informações a partir da ação da pesquisadora que elegeu aqueles e não outros para dar ênfase, mas também é verdade que independente de sua vontade aqueles dados de algum modo se colocaram no seu caminho, ou seja, há uma agência da pesquisadora e uma existência concreta dos dados. (DIAS, 2020, p.2).

Nesta pesquisa, esta fase ocorreu durante a escuta e realização das transcrições na qual foi possível estabelecer um diálogo que me aproximou paulatinamente das histórias de vida das interlocutoras e construiu uma familiaridade que se aprofundou durante as transcrições e depois com a leitura do material. As primeiras leituras foram acompanhadas da audição da gravação da conversa para conferir a fidedignidade da transcrição e para perceber, a partir do tom de voz, das pausas, que emoções estavam expressas junto às palavras proferidas. Outras leituras foram realizadas até que conseguisse ter uma proximidade tal com as narrativas que me permitissem formar um panorama do perfil e das histórias de cada uma das interlocutoras, criando de fato um vínculo intenso com as experiências de vida que vinham à tona nas narrativas.

³⁸ Texto não publicado ainda, com uso restrito aos membros/as do grupo de estudos e pesquisas ErêYá. A referência citada sobre a ACNAS é atribuída à professora Lucimar Rosa Dias, nesta dissertação, pois ela sistematizou as reflexões coletivas que o grupo vem fazendo, porém, a proposta é que possamos escrever a muitas mãos e publicar em breve. Esta é a 1ª dissertação que está trabalhando com a proposta, e o Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia UFPR de Gabriela Aparecida da Silva (2020) intitulado Literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira: o que as crianças pensam a respeito das ilustrações?, também o fez.

De acordo com a proposta, cheguei à etapa intitulada **Marcar**, nela “A pesquisadora aguça seus sentidos, sente os aromas que os dados exalam e os persegue a fim de capturar a resposta à sua pergunta ou outras respostas que nem estavam previstas” (DIAS, 2020, p. 3). Foi a partir das mensagens que aparecem no material empírico transcrito que busquei perceber se eles poderiam responder ao problema de pesquisa que se constitui em compreender como a raça, o gênero e a classe marcam as identidades de mulheres negras que atuam como trabalhadoras de limpeza em unidades educacionais municipais de Curitiba. Nesta fase, as narrativas apareceram como um grande desafio, pois a partir do narrado por elas fui constituindo um diálogo entre os dados estatísticos, meus referenciais teóricos, minhas vivências de mulher negra e as significações foram tomando corpo. Para Dias,

Novamente os sentidos se farão presentes. É necessário ler, tocar, ouvir o material empírico, no entanto nesta fase dada intimidade que se tem é possível que se saiba quem, onde, e como o entrevistado disse determinada frase – se análise for de entrevista por exemplo, ou onde exatamente está determinado objetivo se o que se analisa são imagens ou vídeos. A pesquisadora vai marcando o material e sendo marcada por ele. Nesta interação o material já não é mais o mesmo. (DIAS, 2020, p.3).

Nesta segunda fase da técnica, o “Marcar”, foi possível perceber que as trajetórias de vida apresentavam similaridades, sentimentos aproximados e discrepâncias, expressas nos relatos das interlocutoras permitindo a organização de quatro categorias na análise de dados: “a criança que fui”; “eu trabalhadora em educação, vida profissional e trabalho nas unidades educacionais”.

Para análise da 1ª categoria, “**a criança que fui**”, foram considerados aspectos como origem familiar, condições de vida na infância, vida escolar. Busquei analisar as condições de vida a que essas mulheres foram submetidas na infância e na trajetória escolar que influenciaram a formação de suas identidades. Na 2ª categoria, “**meu percurso profissional e o trabalho nas unidades educacionais**”, analiso o percurso profissional das mulheres, as condições de trabalho e suas percepções sobre o local onde atuam.

Após o estabelecimento das categorias, parti para a terceira fase da análise de dados chamada de “**Transmudar**”,

ou seja, não é mais o material inicial. Ele agora carregará as digitais da pesquisadora e sobretudo sua voz. Será reorganizado a partir de elementos-chave que possam corroborar para compreensão do que resultou do diálogo

estabelecido com o material empírico e de que modo ele se relaciona ao problema da pesquisa. (DIAS, 2020, p.3).

Analiso o material empírico a partir das referências teóricas que escolhi para dialogar, imprimindo minhas inferências sobre o diálogo com as interlocutoras e o problema de pesquisa e são elas que apresento na próxima seção.

4.1 “A CRIANÇA QUE FUI”

Nas narrativas das trabalhadoras, as experiências que viveram na infância estiveram presentes em todas as conversas. Falar sobre essa etapa da vida foi uma resposta a uma questão levantada por mim a partir do roteiro que serviu como orientador da conversa, mas que não foi seguido rigidamente, pois no decorrer do encontro a conversa se conduziu principalmente pelas experiências que as interlocutoras consideravam mais importante contar. Perguntar sobre a infância foi uma forma de desfazer a tensão provocada pela apreensão da parte delas no decorrer da conversa, percebi que falar sobre o assunto foi um bom caminho para deixá-las mais à vontade.

Dessa forma, as memórias sobre “a criança que fui” foram um elemento presente em todas as narrativas, transformando-se em uma categoria de análise, que incorpora subcategorias como origem familiar, condições de vida na infância, vida escolar. Em relação à origem familiar, constatei que todas elas nasceram em famílias matrimoniais, constituídas por meio de casamento, formada por pai, mãe, irmãs e irmãos. Quatro das cinco interlocutoras narraram que suas famílias eram de região rural e uma delas de região urbana. Todas são filhas de mães e pais da classe trabalhadora, que contavam com baixos rendimentos para sustentar a família.

Essa origem familiar influenciou diretamente a construção da identidade das interlocutoras, pois as interações vividas entre as/os membras/os da família durante a infância foram fundamentais para a formação de hábitos, costumes, atitudes, opiniões e valores que dão suporte para que elas se situem no mundo. As relações afetivas, a situação econômica, as brincadeiras desta fase da vida ficaram marcadas nas trajetórias dessas mulheres.

Nas narrativas de Mirtes, Sandra e Odete, as brincadeiras informais ficam marcadas em suas infâncias, como sua principal atividade. Elas contam que:

A minha infância foi boa graças a Deus, na roça, com mamãe e papai, a gente brincava muito, foi bem boa. Naquela época a gente tomava banho de rio, brincava muito, brincava na roça de capinar, fazia tudo com eles. (Mirtes, conversa realizada em 16/10/2019).

Sempre com as brincadeiras de criança mesmo, ficava brincando na rua, de bets, de vôlei. (Sandra, conversa realizada em 23/02/2020).

Ah, de brincadeira assim me lembro que eu pulava elástico, amarelinha, água, essas brincadeiras eu lembro, de Roda Cutia. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

Quando falam sobre as brincadeiras, registram que não brincavam sozinhas, suas/seus parceiras/os eram as irmãs e irmãos, o que estreitou os laços de afeto e confiança que se estenderam durante a vida adulta. Segundo Reimy Solange Chagas³⁹ (2017), esses laços são fundamentais para unir os integrantes da família negra, construindo laços de solidariedade que aumentam as possibilidades de superação de dificuldades e sentimentos de pertencimento quando enfrentam obstáculos na vida.

Apesar das interlocutoras não declararem explicitamente, fica evidenciada que sustentar a família não era uma tarefa fácil. Como relata Odete, ao ser questionada sobre se a família tinha o básico e indispensável para sobrevivência: “Bem difícil. Passar (necessidade) eu posso dizer que não, mas era bem difícil” ou se reflete na forma como Sandra se manifesta a esse respeito: “Éramos em três filhos né, tinha coisas que meu pai podia dar, tinha coisas que não, meu pai e minha mãe sempre se esforçaram bastante para dar o melhor para nós, na medida do possível”. Odete também expressa como a ocupação dos familiares na busca por sustento não impedia a atenção e o cuidado com os filhos e filhas, diz ela:

*O pai era bem rígido, a mãe era pessoa boa.
Pesquisadora: O que ele exigia de vocês, o pai?
O pai? Ah que estudasse, que não ficasse na rua, não conversar com qualquer um, esse negócio de pai, pai e mãe, que antigamente não tinha esse negócio de violência, mas ele já não gostava muito que levasse a criança para dentro de casa, coisa assim. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).*

A socialização das interlocutoras durante suas infâncias indica como as desigualdades de renda atuam na interação entre os familiares.

³⁹ Programa Famílias Negras no Brasil: Protagonismo de histórias da TV PUC, exibido em 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WRaIKXHaxgU>. Acesso em: 4 jun. 2021.

Rafael Guerreiro Osorio (2009), ao analisar a desigualdade racial de renda⁴⁰ no período de 1976 a 2006, justamente o período em que se deu a infância de quatro das interlocutoras, aponta que a mobilidade social depende das condições que a geração anterior teve para proporcionar, locais adequados de moradia e acesso a escolas e bens de consumo na medida em que eles impõem restrições de acesso a bens e direitos. Osorio (2009) conclui que a origem social é o principal determinante da reprodução da desigualdade racial de renda provocada pela interação entre classe, origem social e raça que produzem a persistência da desigualdade entre as gerações.

Outra pesquisa que analisa período posterior, feita pelo IBGE (2019), demonstra que a persistência da desigualdade racial de renda ainda permanece na sociedade brasileira, visto que, em 2018 as famílias negras possuíam uma renda 53% menor que famílias brancas. Essa diferença de renda incide nos gastos essenciais das famílias como alimentação, habitação, assistência à saúde e aumento de patrimônio. Ao comparar os gastos per capita com alimentação em famílias com “chefes⁴¹ brancos” verificaram que era de R\$ 269,44 e R\$ 181,60 entre as famílias com “chefes negros”. Na habitação, a despesa entre os brancos alcançava R\$ 644,31, enquanto para negros era R\$ 330,72. Na assistência à saúde, a diferença também era acentuada, de R\$ 183,94 entre os brancos e R\$ 94,99 entre os negros. Nas famílias lideradas por brancos, a verba de R\$ 103,46 per capita destinada a aumentar o patrimônio superava em mais de três vezes o montante obtido pelos negros para esta mesma finalidade, apenas R\$ 33,27.

A partir dos dados apresentados por Osório e pelo IBGE (2019) pode-se afirmar que filhos e filhas de famílias negras não têm o mesmo acesso a bens como: segurança alimentar, moradia, a assistência à saúde que filhos e filhas de famílias brancas, provocando desvantagens cumulativas que influenciam a vida adulta, pois

⁴⁰ O termo desigualdade racial de renda, segundo Osório (2009), refere-se às desigualdades de renda domiciliar per capita entre negros e brancos e sua persistência por meio de gerações da mesma família provocada por diferenças de forma e de nível entre suas distribuições.

⁴¹ Mantive os termos “chefes brancos” e “chefes negros” para seguir a nomenclatura escolhida pelo IBGE. O instituto emprega o termo chefe de família ao se referir àquela pessoa que tem atribuições e deveres diferenciados com relação às pessoas conviventes. A decisão sobre quem é o chefe ou responsável é uma decisão tomada no âmbito da família ou do domicílio quando a pesquisa é realizada, independentemente do senso comum, da situação marital, de valores culturais, do maior ou menor grau de educação, renda e gênero. Historicamente, recebe essa denominação o membro da família que é a principal fonte de sustento dela. (SONIA OLIVEIRA *et al.*, 2002).

interferem nas oportunidades para melhoria de renda futura e resultam na baixa mobilidade social entre as gerações da mesma família.

Nesta perspectiva, ao analisar a origem familiar das interlocutoras e a condição econômica, percebe-se que não houve mobilidade social entre elas e a geração anterior. Assim como sua mãe e seu pai, elas continuam submetidas a atividades manuais pouco reconhecidas e com baixa remuneração. Isso dificulta a garantia de recursos suficientes para que suas famílias possam usufruir de oportunidades em condições de igualdade com outros grupos étnico-raciais, mantendo as desvantagens históricas impostas pela estrutura social brasileira para a população negra.

As condições de vida durante a infância das interlocutoras se aproximaram quando observada a situação econômica, mas se diferenciam em relação ao afeto e proteção oferecidos a elas pelas famílias. Mirtes, Sandra e Odete cresceram em famílias com poucos recursos financeiros e relatam o quanto receberam afeto e proteção durante a infância. Apresentaram em suas narrativas uma experiência positiva sobre o cuidado que seus familiares tiveram com elas.

Nair e Nina foram entregues para outras famílias ainda na infância e demonstram as marcas da dor por esta condição, tendo se sentido abandonadas por suas famílias. Nina diz,

Eu não sei o que é amor de pai, porque meu pai ele morreu, eu já fiquei muito nova com sete anos de idade, então eu não tive aquele calor de pai, até 6 anos eu só apanhava dele, também porque ele era ruim, oh negão ruim danado, mas isso também eu fazia muita arte né e a minha mãe ela não me batia, mas também ela deu um castigo assim que foi pior que surra, porque me deixar abandonada, ela abandonou né e eu não tenho assim aquele sentimento de mãe e de pai. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Ao falarem sobre esta vivência, os olhos encheram-se de lágrimas, os corpos ficaram tensos, além das palavras foi possível perceber como o sentimento de perda ainda está presente em suas histórias, como podemos constatar na voz de Nair,

*Eu tinha seis anos quando a minha mãe me doou, fui adotada por uma família de fazendeiros com seis anos, minha mãe me levou e me deixou lá e nunca mais voltou. Foi me ver umas três vezes e nunca mais voltou me ver, aí meu pai foi me ver duas vezes também, ele disse que tava preso e que minha mãe tinha feito sacanagem para ele, prendeu ele, foi duas vezes me ver e também eu nem nunca mais vi ele.
Eu quero saber por que ela me abandonou, o que foi que eu fiz.*

Ela pegou cinco crianças e levou embora para São Paulo, a sexta criança ela deixou.

A sexta criança ela deixou, ela só levou cinco crianças com ela; ela foi duas, três vezes me visitar, a primeira vez foi numa boa, a segunda foi numa boa e na terceira ela disse “a mãe não vai poder mais vim te visitar” e não voltou nunca mais, nunca mais, eu estava esperando ela até o ano passado, sabe o que esperar de uma pessoa que vai num lugar que te deixou e diz “a mãe vai ali e já volta” e nunca mais voltar, eu esperava ela, todos os dias exatamente desse jeito, eu cresci, trabalhei, tive filhos, mas na minha memória, na minha mente eu estava sentadinha naquele lugar esperando ela me buscar. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

Nina e Nair nunca mais encontraram suas mães, portanto, nunca tiveram oportunidade de ouvir as versões delas para os motivos que as levaram ao que chamaram de “doação”. Por isso, buscam entender quais foram os motivos, e as questões social e econômica não aparecem como uma possível explicação. Elas dizem que os motivos para a doação foram:

Porque ele falou para ela que tinha ido na casa do meu padrinho, falar com meu padrinho que quando ele fosse embora era para ele ficar só comigo, porque era só eu que era filha dele, então ela colocou na cabeça dela, já que eu era filha dele e os outros são meus, então deixou o dele e ficou com os dela entendeu? Então foi isso o fio da meada, como ele falou que só eu era filha dele então ela pegou os dela e não ficou com a filha dele, eu não tiro por razão dela, eu não tenho raiva dela, só não procurei e não vou procurar por que da mesma maneira que ela me deixou eu não vou ficar correndo atrás. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Ela já tinha mandado prender o meu pai por estupro e era mentira, porque ela não aguentava apanhar do meu pai.

Hoje eu entendo o porquê ela fez isso comigo, pois eu sabia da verdade, eu sabia que o meu pai não tinha feito nada para a Maria, que não tinha estupro, e porque ela que levava a menina para se prostituir com outros homens e ela quis incriminar meu pai, ele bateu nela e ela quis recriminar o pai e ela mandou prender meu pai. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

Diante do contexto apresentado pelas interlocutoras sobre as motivações que levaram suas mães a lhes deixar com outras famílias, fica evidente que as mães estavam expostas a situações de violência psicológica nos casamentos e, no caso da mãe de Nair, também a violência física. Quando se viram sozinhas com a responsabilidade de criar os filhos e filhas, encontraram como saída deixar suas filhas aos cuidados de outras famílias. Fatores sociais, econômicos, emocionais podem ter influenciado essa decisão. Estudos como o de Karla Menezes (2007), Gabriella Valentim e Ana Flavia Cortez (2014), demonstram que não existe um motivo único para que as mães “doem” seus filhos e filhas, porém a falta de condições materiais

para criá-los, a ausência de políticas públicas de assistência às famílias, exposição a situações de violência ou inexistência do desejo de maternar levam a esta decisão.

As consequências dessa decisão afetaram as infâncias e interferiram na forma como Nina e Nair constituíram suas famílias na vida adulta. Além do impacto emocional provocado pela “doação”, essas duas mulheres passaram ainda pelos efeitos provocados pela sujeição ao trabalho infantil.

Eu fiquei lá com 7 anos, trabalhando em uma casa que ela tinha me dado lá, cuidando de quatro crianças, tirando água de poço, lascando lenha. Apanhava até por dentro dos olhos, eles tiravam tudo, as louças dos armários, eles faziam quatro pilhas de louça e eu tinha que lavar tudo aquilo até 10 horas, tinha que limpar a cozinha, ir lá no lenheiro lascar lenha, escolher feijão, deixar tudo pronto para o outro dia, aí no outro dia 6 horas eu tinha que levantar, colocar a lenha, esquentar a água para fazer o café e, assim por diante, e a minha comida era resto. O resto, raspa os pratos e daí colocava farinha no prato, isso é real, verdade, isso foi o que eu passei, raspava os pratos aí colocava farinha, aí ia lá no pote não tinha água encanada, nem torneira, aí eles iam lá naquele pote pegava água e colocava no prato e dava para mim comer, aí eu comia para não passar fome, a minha vida foi assim, a minha infância foi assim. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Daí, fiquei nessa fazenda trabalhando desde a infância, já trabalhando, fiquei até os meus 17 anos, mas eu sofria muito, trabalho bem duro mesmo, um serviço árduo, tratava os porcos, cuidava de galinha, varria o terreiro, ajudava com as vacas, cavalos, assim um trabalho bem escravizado e eu não ganhava nada por isso, e trabalhava no pesado, a gente acordava três horas da madrugada todos os dias, frio, geada, chuva, todos os dias. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

A “doação” feita pelas suas mães não foi realizada de maneira formal para que possamos chamar de adoção, de acordo com normas estabelecidas juridicamente. Seguiu-se um modelo praticado com frequência no país, conhecido como “pegar para criar”, quando a família biológica entrega seu filho ou filha para outra família sem o conhecimento do poder público, acreditando que a criança estará mais segura e protegida do que com sua família biológica. Essa prática ocorre geralmente entre parentes e vizinhos, com melhores condições financeiras que a família biológica (VALDELENA C. ALVES, s/d), ou entre famílias pobres e famílias com melhores condições financeiras e quase sempre há um componente racial neste processo, as primeiras são negras e as segundas brancas.

Segundo Alves (s/d), esta prática está presente no Brasil desde o período colonial e acontece principalmente com meninas em idade entre 6 e 11 anos, que descobrem quando chegam às suas novas casas que serão tratadas como empregadas (para não dizer escravizadas contemporâneas) e não como filhas. A

partir daí, passam a ter uma rotina de afazeres domésticos, sem receber nenhuma remuneração, sem direito a horário de descanso, obrigadas a trabalhar em troca de comida, um lugar para dormir e roupas para vestir. Nessa situação enfrentam humilhações e ocupam dentro da nova casa, um lugar de submissão.

Esse tipo de “adoção” mascara o trabalho infantil, por acontecer dentro das casas e, no caso das interlocutoras, em área rural, o que dificulta mais ainda o combate desse tipo de exploração. O trabalho infantil impede a criança de brincar, criar histórias e fantasiar, impossibilitando sua formação integral, criando obstáculos para o pleno desenvolvimento. Dessa forma, o trabalho infantil contribui para manter as desigualdades, pois as crianças que estão submetidas a ele têm acesso limitado a bens culturais, como expressa Nair, ao afirmar que,

Eu não conhecia rádio, não conhecia televisão, eu nunca tinha assistido a televisão, nunca tinha ouvido rádio, até os 17 anos, eu nunca tinha visto nada disso na minha vida, eu parecia aqueles “burro tapado” que só olha para frente e anda direcionado por alguém. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

Diante das narrativas fica evidente que a vulnerabilidade financeira a que suas famílias estavam expostas incidiu diretamente em suas infâncias, pois reduziram o acesso a bens materiais e culturais e, no caso de Nina e Nair, a cuidado e proteção. Suas experiências familiares marcaram suas identidades na medida em que forçaram uma entrada precoce no mercado de trabalho, provocaram um sentimento de insegurança sobre o afeto de sua mãe e seu pai por elas, contribuíram para a persistência das dificuldades econômicas a que está exposta a população negra.

A situação agrava-se pelas restrições que enfrentaram para acessar a escola limitando ainda mais suas alternativas para buscar oportunidades diferentes daquelas que viviam. Nas narrativas sobre a infância, outro aspecto que apareceu com destaque foi a vida escolar das interlocutoras. Neste item foi possível dividi-las em dois grupos, pois o ano de seu nascimento interferiu na sua trajetória escolar de maneira diferente. O primeiro grupo foi constituído por Nina, Nair e Odete que nasceram respectivamente em 1957, 1969 e 1971. Elas frequentaram a escola, porém nenhuma concluiu o Ensino Fundamental. Nina conta assim sua entrada na escola,

Quando eu fui para escola eu tinha 10 anos, 10 para 11, que eu fui pegar o primeiro abc. Escola rural, aí isso que eu entrei na escola porque o meu pai adotivo tirou um dos filhos dele, porque ele estava aprontando, jogando os

amigos na barragem, pegava o chinelo do amigo jogava lá na barragem e fazia um amigo lá buscar, aí contaram para ele. Então aí eu vou colocar a Nina eu falei “graças a Deus porque eu tô na escola”. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Essas interlocutoras não contaram com a proteção do Estado para assegurar sua matrícula e frequência na escola visto que não havia obrigação formal de garantir a educação a todas/os. “O ensino público era tratado como uma assistência, um amparo dado àqueles que não podiam pagar” (BENIGNO NUÑEZ; ANTONIO R. P. MOTA. 2019).

O segundo grupo foi constituído por Mirtes que nasceu em 1985 e Sandra em 1982, ambas concluíram o Ensino Médio. O grupo 2 frequentou a escola em um período em que legislações regulamentaram o direito à educação e exigiram o estabelecimento de políticas públicas voltadas à garantia de direitos de crianças e adolescentes antes inexistentes.

A década de 80 foi marcada por ações da sociedade civil organizada que exigiam o fim da Ditadura Militar. Nesse processo, diferentes grupos forjaram sua identidade com formas de atuação, discursos e pauta de reivindicações específicas que os diferenciavam, constituindo movimentos sociais que buscaram espaços para influenciar nas decisões políticas e na construção da Constituinte de 1988. A mobilização desses grupos culminou na promulgação da Constituição de 1988, que possibilitou a concessão e ampliação de direitos para todas/os as/os cidadãs/ãos, inclusive aqueles que haviam sido esquecidos em legislações anteriores.

A intensa participação dos movimentos sociais nesse momento histórico teve um papel importante na conquista de muitos direitos, entre eles, direito das crianças e adolescentes e o direito à educação. Esses direitos são evidenciados nos art. 6º e art. 205 da Constituição Federal de 1988, que aparecem com a seguinte redação:

Art. 6º. São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

A regulamentação do que está proposto nestes artigos veio posteriormente em leis como a Lei 8069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e pela Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

A distinção geracional entre os dois grupos impactou de forma muito distinta a vida dessas mulheres. Nina, por exemplo, atribui sua dificuldade de aprender a ela própria, como se suas dificuldades na escola fossem causadas por suas limitações.

Mas como eu tenho um bloqueio na mente por causa de tudo que eu passei, eu não aprendi nada na escola, nada, nada nada, entrava aqui, saía por aqui eu aprendi é nada, aí cheguei lá depois de uma semana eu li tudo abc. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Na fala de Nina está presente uma ideia recorrente que atribui às/aos estudantes, suas famílias, seu repertório cultural, um suposto fracasso escolar e redime a escola da cultura da exclusão⁴² que comumente se manifesta nas instituições escolares.

Dessa forma, se atribui aos grupos não hegemônicos a responsabilidade pela posição de vulnerabilidade em que se encontram, conferindo a eles uma falta de interesse, esforço ou competência para assumir outras posições na sociedade, eximindo as instituições educacionais do compromisso em oferecer oportunidades igualitárias. Essa visão legitima as segregações econômicas, sociais, de raça, de classe, de sexualidade (MIGUEL ARROYO, 1992).

Ora, se Nina, mesmo depois de ter passado por tantas violações, conseguiu em uma semana dominar os grafemas que possibilitariam o domínio da escrita, a dificuldade que ela encontrou para se alfabetizar não era individual, mas é o resultado de uma escola que exclui todas/os aquelas/es que recebem o estigma de inadequados para o domínio dos conhecimentos escolares, construindo marcas que “terminam sendo interiorizados pelos alunos e passam a ser componentes de sua autoimagem e de suas posturas frente ao próprio rendimento” (ARROYO, 1992, p.49).

O depoimento de Nina é muito importante para a discussão sobre a função da escola e a responsabilidade das(os) profissionais da educação em relação aos grupos subalternizados e a produção de uma educação que agregue em suas práticas a história e os saberes dos segregados acumulados nas lutas e conquistas por direitos que foram negados, enfim, que mostrem suas identidades de forma afirmativa.

⁴² O conceito cultura da exclusão é usado aqui amparado em Arroyo (1992), que ao se referir a fracasso escolar parte do pressuposto que este faz parte de uma lógica e política de todas as instituições sociais ao longo da história do Brasil, inclusive da escola, para reforçar uma sociedade desigual e excludente. “Essa cultura escolar legitima condutas, currículos, avaliações, grades, séries, disciplinas, tornando os tradicionais processos de exclusão de crianças e adolescentes que não fazem parte de grupos dominantes, explicáveis e legítimos, pedagógica e socialmente”. (ARROYO, 1992, p.48).

Isso representa mudar práticas baseadas em um currículo generalista e “incluir os estudos que enfatizam o papel central do conhecimento nos processos de sua inferiorização, segregação ao longo de nossa história colonizadora e capitalista” (ARROYO, 2015, p. 62), que coloca trabalhadores, povos do campo, indígenas, quilombolas, pessoas LGBT, surdos, negras e negros ou qualquer outro grupo que não se enquadre nos padrões dos grupos dominantes como desiguais, relegados a um lugar de não saber, destituído de qualidades que propiciem a aprendizagem na escola.

Nesta perspectiva, o bloqueio a que Ana se refere não diz respeito a uma limitação pessoal, mas o resultado da violência a que estava submetida agravada pela falta de consideração aos saberes que ela trazia consigo, fazendo-a sentir-se inadequada e incapaz de adquirir os saberes escolares.

Passei no abc e fui para cartilha, mas quando chegou na prova, menina do céu, eu ia fazer a prova, letrinha tudo bonitinha, caprichava aqui, professora olhava assim, olhava para minha cara e rasgava a prova e aquilo foi mais ainda porque se eles ensinam assim, não assim tá errado, é assim que você tem que fazer, mais não, eles pegavam rasgavam e jogava fora e a minha mente foi fechando cada vez mais fechando e fechando, eu não aprendo nada no meio de multidão. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

A atitude da professora de Nina reforçou os processos de exclusão a que esteve submetida desde o seu nascimento, indicando que a escola é um espaço que não pertence a pessoas como ela. A hostilidade com que foi tratada explícita a discriminação imposta a uma criança negra e pobre, tornando a escola mais um espaço de reprodução de dominação e subordinação que reforça a desigualdade presente na sociedade.

Dessa forma, a escola auxilia na produção da exclusão e expulsão compulsória quando não discute a pluralidade existente e realiza currículos que dão ênfase ao saber dos grupos dominantes, não respeitam as diferenças e, tampouco, os direitos dos estudantes.

A expulsão compulsória identificada no relato de Ana pode ser percebida a partir das ideias de Arroyo (1992), Berenice Bento (2011), Gersa Faria Rodrigues (2018) e Célia Ratusniak (2019), que mesmo voltando seus olhares para aspectos diferenciados presentes na estrutura e na organização do espaço escolar, constataram que as práticas presentes neste ambiente estão muito atreladas a valores hegemônicos que limitam as possibilidades de estudantes consideradas/os fora do

padrão. Nesse movimento, estudantes que não correspondem aos padrões esperados de gênero, raça, classe, sexualidade, são vistos como inadequados e acabam sendo expulsos da escola após serem submetidos a processos excludentes e seletivos geradores de desigualdades. Dessa forma, “a cultura escolar os estigmatiza e os rotula como diferentes, incapazes, inferiores, menos-dotados para o domínio das habilidades pretendidas e exigidas pelo processo de ensino-aprendizagem”. (ARROYO, 1992, p. 49).

No caso das mulheres negras, as pesquisas atestam que o racismo que estrutura a sociedade brasileira incide sobre a vida das pessoas negras em diferentes dimensões como nas ocupações profissionais, na exposição à violência, no acesso às tecnologias digitais, na geração de renda, como apresentamos nos capítulos anteriores, tem um papel fundamental na exclusão e expulsão compulsória de crianças negras. Como atestou Nina, a escola falhou com ela quando diz,

O que eu aprendi ler e escrever foi a minha patroa lá em São Paulo, que me ensinou ler e escrever tudo, ela me ensinou tudo que eu sei, eu agradeço a ela que me ensinou. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Nina só conseguiu se alfabetizar fora da escola, depois de adulta. A escola não foi capaz de cumprir sua função social, ou seja, a garantia da aprendizagem. Essa função foi cumprida pela sua patroa que lhe deu acolhida e segurança suficientes para que ela aprendesse.

*Ela toda noite dizia: “vem aqui Nina”
 “eu não quero”
 “vem Nina”
 Ela ia com todo carinho...
 “vem aqui, senta aqui que eu vou te ensinar a ler”. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).*

Esta relação humanizadora que se revela nestas memórias de Nina evidencia o que Paulo Freire (1987) defendeu como necessário na atividade do ensinar-aprender, a chamada amorosidade, ou seja, a pedagogia do oprimido apontava que a “educação é um ato de amor”. Para ensinar uma criança a ler é imprescindível reconhecer sua humanidade, sem isso, a escola produz a morte do sujeito cognoscente.

Para Sueli Carneiro (2005), o dispositivo de racialidade/biopoder⁴³ que são “formas de assujeitamento associadas a técnicas de extermínio mediado por saberes instituídos sobre a racialidade” (CARNEIRO, 2005, p. 292), produz o epistemicídio que invalida os conhecimentos das populações subalternizadas, seus modos de ser, de pensar, de saber e de viver e de tudo que se distancia do que considera a normatividade. Nesse contexto, se consolida o epistemicídio como forma de manter as hierarquias.

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

O epistemicídio articulado ao dispositivo de racialidade/biopoder estabelece saberes hegemônicos que distanciaram mulheres negras, como Nina e Odete, de atividades intelectuais, utilizando práticas discriminatórias que limitaram suas oportunidades educacionais que incidirão diretamente em suas possibilidades de trabalho e renda na vida adulta. Como Carneiro (2005) nos apresenta, o epistemicídio incide diretamente na vida das pessoas que Nina tão veemente revela,

*Ah, Dona Helena, eu não consigo aprender, eu não consigo, não entra na minha mente não.
Vai entrar sim.
O segredo é que hoje eu leio, eu escrevo, faço conta, tudo ela que me ensinou. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).*

Ao mesmo tempo é possível constatar que, ao reconhecer a humanidade das pessoas, todo o contexto se transforma e a mesma pessoa que não acreditava na sua capacidade de aprender é rapidamente modificada e seu modo de se ver no mundo ganha novos contornos.

⁴³ Em sua tese, Sueli Carneiro (2005) aplica o conceito “dispositivo de racialidade/biopoder” a partir de reflexões sobre o pensamento de Michel Foucault e Boaventura Sousa Santos, para demonstrar a existência de um dispositivo de racialidade/biopoder operando na sociedade brasileira, que produz saberes, poderes e subjetividades com repercussões sobre a educação.

Infelizmente, “o segredo” relatado por Nina é conhecido pelos grupos de poder na sociedade brasileira e não à toa disputa com ferocidade o campo curricular, a formação de professores/as e a organização do trabalho pedagógico, inclusive precarizando de modo intenso o trabalho dos/as professores/as para que este elo entre o educador/a e o educando/a não se estabeleça, dando continuidade às desigualdades na educação.

A história de Nina não é a única, o que realça a importância de que suas histórias de vidas compõem um contexto sociológico que nos permite pensar que as narrativas dessas mulheres negras que estão em instituições educacionais trabalhando na limpeza podem contribuir com a educação atual visto que, em seus relatos sobre suas experiências escolares, percebe-se que a falta de oportunidade provocada pelas opressões interseccionais a que estiveram expostas foram interpretadas como falta de interesse ou dificuldade de aprendizagem. Ainda hoje na escola é comum que crianças negras e pobres como elas enfrentem obstáculos similares e sejam rotuladas como inadequadas para adquirir os saberes escolares. Seguramente, se elas tivessem a oportunidade de compartilhar suas histórias em seus ambientes de trabalho, abririam novas possibilidades de interpretação para se entender as condições de estudantes que são colocados na mesma posição em que elas estiveram na escola. É bem evidente que as provocações que estas experiências nos trazem e, assim como para Nina, a escola para Odete não foi suficientemente receptiva para cumprir sua função social. Segundo ela,

Esse eu estudei pouquinho. Até o segundo ano....

Esse foi pouco.

Ler leio tudo, na escrita num vai. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

Quando foi questionada por que não deu continuidade na escolarização, a resposta foi “de preguiça né”, também aqui ela toma para si a responsabilidade pela expulsão compulsória da escola. Os mecanismos de expulsão desenvolvidos pela escola são muito eficientes e operam a partir de ações cotidianas ao naturalizar a violência, a pobreza, os problemas de saúde e não estranhar a falta de acesso à proteção básica a que foram expostas as estudantes Nina e Odete. Esse posicionamento da escola implica em se ignorar as vulnerabilidades sociais de grupos excluídos e esperar que eles superem por si próprios essa situação, se isso não

acontecer é porque eles não quiseram, tornando a permanência difícil para estudantes negros e pobres.

A narrativa de Nina e Odete expressa como o conceito criado por Carneiro (2005) atua na trajetória escolar gerando nelas insegurança em relação a sua capacidade intelectual. Seus relatos expõem como a escola produz a inferioridade intelectual que provoca processos de exclusão que discriminam, rebaixam e desvalorizam as pessoas que estão submetidas a ele.

A expulsão compulsória praticada pela escola é um dos fatores que limita suas oportunidades profissionais na vida adulta. Diante da dificuldade de garantir empregos que paguem salários que assegurem uma renda melhor, Odete e Nair pensam em voltar para escola.

Pois é agora está me dando vontade de voltar, mas não sei se tenho coragem. Porque quando eu tive meu filho eu achei que não ia, porque meu filho era pequeno, agora já dá para deixar em casa sossegado, que dá para confiar deixar ele só, agora está dando vontade, mas eu não sei se eu quero isso. Então tô com vontade, mas não sei se é de boa né. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

Fui na escola de 1ª a 4ª série, escola rural, só que tipo assim, a escola rural “não é aquilo”. Eu gostaria de melhorar. Eu gostaria de terminar o Ensino Médio, para conseguir alguma coisa melhor, porque o que eu ganho na (nome da empresa), só dá para pagar minha casa, minha água e minha luz. Eu tive uma função de encarregada dentro do hospital porque eles não exigiam o Ensino Médio, mas lá fora eles exigem. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

O desejo delas em voltar a estudar representa a busca por conquistar o direito à educação que foi subtraído na infância. É um ato de resistência diante do epistemicídio que sofreram. Pensam na educação como uma forma de conseguir uma colocação profissional melhor, mas esse movimento representa também uma maneira de romper as barreiras que as colocam em grupos que foram silenciados e marginalizados. Portanto, o retorno para a escola pode significar além de uma melhor inserção profissional, o desenvolvimento de um potencial transformador para a posição de gênero, raça e classe que ocupam.

Para elas, a escola aumenta as possibilidades de novas perspectivas para o futuro. Além da melhoria da escolarização para atender às necessidades do mercado de trabalho, voltar a estudar deveria propiciar o acesso a saberes que contribuam para a compreensão das dominações impostas historicamente e dotar essas mulheres para

superar opressões, permitindo o deslocamento do subalternizado que foi naturalizado para as mulheres negras.

A vida escolar de Sandra e Mirtes apresentam trajetórias diferentes das interlocutoras do grupo 1, elas não enfrentaram as mesmas dificuldades.

O primeiro ponto a considerar sobre essa diferença nas trajetórias dos dois grupos, diz respeito às legislações que vieram em decorrência do estabelecimento do direito à educação como direito fundamental de toda/o cidadã/ão brasileira/o, que foi instituído com a Constituição Federal de 1988. Esse direito foi reiterado pela Lei 8069/90, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, que estabelece que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à educação.

E a Lei 9394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que disciplina a educação escolar e define a educação básica como obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade e compreende a Pré-escola, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Essas legislações aumentaram a taxa de escolarização da população brasileira e permitiram que grupos excluídos, como aqueles aos quais pertencem Sandra e Mirtes, conseguissem permanecer por mais tempo na escola e concluir a Educação Básica, mas não asseguraram a entrada em um curso superior e, tampouco, que elas passassem ilesas por situações de preconceito e discriminação na escola. Sobre sua experiência escolar, Sandra narra:

*Terminei o terceiro ano.
Não gostava muito da escola. Eu fiz assim para terminar, para mim ter, sabe.
Minhas notas sempre foram boas, sempre foram normais assim.
Só não gostava muito de matemática. Eu só reprovei um ano a quinta série,
o resto fui bem. (Sandra, conversa realiza em 23/02/2020).*

Mesmo tendo acesso à Educação Básica, Sandra não demonstrou nenhum interesse em frequentar um curso superior. Mais uma vez, percebo que ela toma para si a responsabilidade por não ter avançado em sua escolaridade. A falta de motivação que ela coloca como um desgosto pela escola pode ser o resultado das práticas de exclusão praticadas no cotidiano escolar que levam a uma sensação de não pertencimento que, muitas vezes, acontecem de forma contínua e velada. Dessa forma, o racismo, o elitismo de classe, o sexismo direcionados àqueles que são considerados inadequados para aprender “vão direcionando cada um a seu lugar

transformando a falta de oportunidade em falta de interesse” (CÉLIA RASTUNIAK, 2019, p. 36).

Quando Sandra foi questionada sobre o preconceito sofrido na escola, ela responde que:

Só tinham algumas pessoas que não gostavam da gente por causa da cor, não conversavam e eu também não conversava. A gente meio que sente as pessoas que olham diferente, ainda mais quando eram crianças, a gente vê só pelo jeito de olhar pra gente. (Sandra, conversa realizada no dia 23/02/2020).

Ao associar esse relato com seu desinteresse pela escola, mesmo que não tenha passado por grandes dificuldades em relação aos saberes escolares, percebo que outra situação, além daquela explícita em um currículo, estava presente. Fica evidente que os olhares a que se refere causavam desconforto, demonstrando que, no cotidiano escolar, as aprendizagens não seguem apenas um currículo planejado, mas que se dão também pelas experiências vividas.

De acordo com Gimeno Sacristan (2000), as experiências vividas no cotidiano expressam práticas e rotinas que nem sempre são problematizadas, mas orientam as relações entre as/os sujeitas/os e estabelecem o lugar que cada uma/um ocupará nesse espaço. É nesse contexto que o currículo oculto se manifesta, reproduzindo de forma velada ideologias presentes na sociedade. Esse currículo oculto aparece em olhares, gestos, atitudes que estabelecem padrões que hierarquizam as diferenças e provocam exclusões a partir de valores e representações sobre o negro, concepções binárias de gênero, estereótipos de classe.

Situação como essa narrada por Sandra, apesar de não serem previstas em nenhum currículo formal, marcam as trajetórias escolares de mulheres negras e provocam obstáculos no percurso da educação formal, pois o impacto das diferentes formas de discriminação por elas sofridas produzem vulnerabilidades que as impedem de avançar ou concluir sua escolaridade. No caso de Mirtes, ela relata que,

*Terminei o Segundo Grau.
Foi até terminar.
Assim eu sempre gostei muito de estudar então eu me dediquei a estudar.
Eu queria me formar em Educação Física, ainda quero.
Eu tenho planos de estudar e me formar em Educação Física.
O único plano que eu não consegui é fazer a faculdade de Educação Física.
(Mirtes, conversa realizada em 16/10).*

Mesmo com grande interesse em acessar o Ensino Superior, se colocando como uma estudante dedicada, ainda não conseguiu acessar a universidade. As

políticas afirmativas só chegaram quando Sandra já era mãe, trabalhadora, moradora da periferia. Fatos que dificultam a formação superior, pois conseguir uma vaga na universidade significa um grande esforço, visto que as demandas do mundo adulto para uma mulher negra e pobre produzem dificuldades que a distanciam desta possibilidade. Torna-se necessário que políticas inclusivas de acesso à universidade sejam aprimoradoras para atender a demandas como a dela. A situação de precariedade vivenciada, de modo geral, pelas mulheres negras sempre foi um impedimento ao avanço da sua escolarização.

4.2 “MEU PERCURSO PROFISSIONAL E O TRABALHO NAS UNIDADES EDUCACIONAIS”

Nesta categoria, ao analisar a trajetória profissional das interlocutoras abordo de que forma essas mulheres negras que não tiveram acesso ao pleno direito à educação voltam para espaços educativos como profissionais da limpeza e como se sentem e se identificam com este espaço.

Inicialmente, mostro o percurso profissional que elas percorreram até se tornarem trabalhadoras em educação, após, busco refletir sobre a terceirização no serviço público e, finalmente, como elas se colocam e pensam o espaço educacional e o trabalho que realizam.

Todas elas tiveram suas experiências profissionais ligadas a trabalhos que não exigiam escolaridade extensa, geralmente trabalhos braçais, pouco valorizados e desqualificados. O tipo de trabalho mais recorrente foi o doméstico, também pude identificar situações em que estiveram submetidas a trabalho análogo ao escravo.

Nas trajetórias profissionais de Nair e Nina estão presentes situações de trabalho análogo ao escravo. Este tipo de trabalho configura-se como crime, de acordo com o artigo 149 do Código Penal Brasileiro (Lei nº 2848/1940), e está relacionado a trabalhos forçados, servidão por dívidas, jornada exaustiva e condições degradantes de trabalho.

O artigo 149 do Código Penal Brasileiro foi alterado pela Lei nº 10.803/2003, e pela Lei nº 13.344, de 2016, que ampliaram a caracterização do trabalho análogo à

escravidão⁴⁴, incluindo o art. 149-A que prevê, entre os agravantes, que acolher pessoas e se prevalecer de relações de parentesco, hospitalidade e coabitação, aumentam a punição dos infratores em um terço da pena.

Na narrativa de Nair, ficam expressas situações em que por três vezes esteve exposta a violações como estas previstas na lei,

“Não Nair você vem morar com a gente” eu tinha 17 anos “vem morar aqui com a gente, trabalha aqui, eu te dou um dinheirinho”, só que esse dinheirinho nunca chegou na minha mão, lá fui eu trabalhar de novo de empregada doméstica para o prefeito e nunca ganhei um centavo.

Eu saía para trabalhar na roça pra dar dinheiro pra ela.

Pedi “ai você não quer me emprestar esse dinheiro que você recebeu”, porque ela sabia que eu estava fazendo acerto, que a dona Vera contou para ela. Daí eu falei assim “tá bom né”, eu era bobinha, inocente e lá fui, eu fiquei três anos na casa dela sem receber um centavo, três anos nunca me registrou, dizia que foi lá me crismou na Igreja Católica né, fez aquilo e dizia que eu era da família e em todos os lugares que ela fosse ela ia me levar, ia me comprar roupa, comida e onde morar e por causa disso não tinha que me dar salário. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

Enquanto na situação de Nina pode se caracterizar o tipo de trabalho análogo à escravidão como servidão por dívida, de acordo com a lei, pois, constata-se que seu pai a trocou por uma quantia, a qual ela teve que pagar com serviços.

Não, quando eu fui trabalhar para ela eu já tinha 19 anos e eu vim com emprego já contratada, já com outra família, com uma família de português, aí falei “ah vou sair daqui porque eu não aguento mais né”, aí fiquei com essa família de português, porque meu pai adotivo já chegou e catou, pegou emprestado de uns irmãos lá acho que na época era 30 cruzeiros, ele pegou 30 cruzeiros e eu ganhava um cruzeiro naquela época, eu ganhava um cruzeiro e ele pegou 30 cruzeiros para eu poder pagar esse dinheiro para ele, aí eu fiquei nessa casa até pagar esse dinheiro, paguei esse dinheiro. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Em nenhum dos casos houve punição pelo crime, pois apesar da lei ter sido criada na década de 1940, a erradicação do trabalho escravo no Brasil só foi assumida pelo Estado como política pública em 1995. Sem fiscalização e acontecendo no âmbito doméstico, denunciar, apurar e punir esse tipo de crime fica muito difícil.

⁴⁴ A expressão “trabalho análogo à escravidão” foi usado aqui para manter o termo como está colocado na legislação, porém, ao me referir a trabalho compulsório, sem remuneração, com restrição de liberdade, conforme foi construído historicamente no Brasil, considero mais adequado usar o termo “escravização”.

A situação vivida pelas interlocutoras não é um caso isolado no Brasil, em dezembro de 2020 foi divulgado pelas mídias o caso de Madalena Rigueira, que viveu 38 anos sob regime análogo ao de escravidão em Patos de Minas-MG e de Raiana Ribeiro, que em agosto de 2021, saltou do prédio onde trabalhava, em Salvador-BA, para fugir das agressões da patroa.

Os casos de Nair, Nina, Madalena e Raiana têm em comum o fato de explicitarem opressões de gênero, raça e classe e por carregarem a herança escravista que está fortemente presente na sociedade brasileira e formam diferentes eixos de subordinação que sustentam a manutenção de históricas desigualdades sociais.

Segundo o Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas, de 1995 a 2020, foram resgatados no Brasil 55.712 trabalhadores em condições análogas à de escravo. Eles se encaixam em sua maioria no seguinte perfil, homens na faixa de 18 aos 44 anos, oriundos da região Nordeste do Brasil, com nenhuma ou baixa escolarização, 58% são negros, que deixam suas casas em busca de sustento para suas famílias. As mulheres representam 5% de trabalhadores resgatados nas cidades.

Para Natália Suzuki e Thiago Casteli (2019), a expressiva diferença entre homens e mulheres submetidos a trabalho análogo à escravidão está associada a subnotificações, ao fato de que profissões como de domésticas, cuidadoras, profissionais do sexo nem sempre são reconhecidas como trabalho pelas autoridades fiscalizadoras. Das mulheres resgatadas, 62% não concluíram o Ensino Fundamental e 53% são negras, como é o caso de Nair e Nina.

Elas demonstram que não aceitaram passivamente essa situação. Nair, com a ajuda de uma amiga, conseguiu se desvencilhar do trabalho análogo ao escravo e colocar-se no mercado de trabalho de maneira formal, primeiro como empregada doméstica e, posteriormente, como trabalhadora de serviço de limpeza e conservação em um hospital.

Daí um dia eu trabalhando na loja peguei e falei para ela, que ela tinha que pagar um salário para mim, tinha que pagar um salário mensal para mim, pois se ela não me pagasse eu ia no Ministério do Trabalho, daí ela me ameaçou. “A não, então não quero, eu vou encontrar um outro serviço e vou embora da sua casa”, ela falou assim, “você quem sabe”, daí falei com a moça “você pode falar com a mulher que precisa de uma empregada que eu vou trabalhar para ela, e pode mandar me buscar amanhã que eu vou amanhã mesmo”, daí ela pegou e falou “tá bom, você pode ir” e ela me liberou. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

Quanto a Nina, embora não tenha identificado o trabalho que realizava como trabalho análogo à escravidão, também desenvolveu estratégia para se livrar deste tipo de trabalho,

Acho que sim, eu paguei a dívida dele, pensei agora e vou sair para ganhar mais, aí ganhei nessa casa dessa Dona Helena que é uma casa de médico, ela é formada em contabilidade e ele é médico, aí eu fui ganhar lá, na época, eu estava ganhando um cruzeiro, eu fui ganhar três cruzeiros, já melhorou né, ganhei três cruzeiros e foi aumentando para 4, 5 cruzeiros. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

A estratégia de resistência que ambas desenvolveram para superar a situação de violações a que estavam submetidas foi composta pela busca de trabalho e pela forte presença de uma atitude resiliente. Conceito aqui entendido como,

um processo de reorganização, ressignificação, superação e transcendência perante vivência de contexto potencialmente desintegrador. Acessa recursos pessoais e coletivos, como: autoconfiança, otimismo, bom humor, autocontrole, flexibilidade, perseverança, bom relacionamento familiar e social, boa análise de situações, criatividade, pertencimentos, suporte social e programático, autonomia e sentido de vida. (CLÉLIA ROSANE DOS SANTOS PRESTES, p. 28, 2013).

A resiliência marca a trajetória de todas as interlocutoras, elas reconhecem as opressões sofridas e as enfrentam com otimismo e perseverança. As oportunidades restritas de conseguirem uma ocupação laboral de qualidade levaram-nas a exercer diferentes trabalhos, transformando ausência de oportunidades em alternativas de sobrevivência. As profissões exercidas por elas estão ligadas a trabalhos subalternizados, com baixos salários e que exigiam pouca escolaridade. O que as faziam migrar de um trabalho para outro e, nesta trajetória, é possível constatar o quanto elas foram, de certo modo, vitoriosas nesta busca, pois alcançavam sempre uma melhoria nas condições que tinham anteriormente. Para estas mulheres, a capacidade de analisar as situações, a criatividade estava sempre operando em suas escolhas. Ao perguntar para Odete sobre os motivos que a levaram a exercer a função de auxiliar de serviços gerais, ela responde,

Eu acho assim, que era como ganhar a minha renda na verdade, já não tenho estudo, trabalhar no que, e foi o que surgiu para mim. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

O autocontrole e a flexibilidade que estas mulheres são obrigadas a desenvolver diante da baixa escolaridade, da falta de oportunidade e a necessidade de garantir um rendimento para garantir o seu sustento e da sua família fazem com que elas se adaptem a diferentes ocupações profissionais, sem com isso perder a perspectiva de buscar suporte social e sentido de vida, como relatam:

Daí dos 15 anos em diante eu comecei a cuidar de crianças, e virei babá. Às vezes na casa das patroas, as vezes era em casa mesmo, e daí eu fiquei um par do tempo cuidando de criança dos outros, daí com o tempo fui trabalhar de doméstica e trabalhei de doméstica um par de tempo também, daí virei diarista. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

Eu era plastificadora em uma gráfica, fiquei 11 anos, aí saí por causa da Belle, a minha nenê, daí entrei em uma reciclagem aqui embaixo, mas não era registrada. (Sandra, conversa realizada em 23/02/2020).

Eu trabalhei em restaurante, em casa de família, agora estou trabalhando na escola. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Já trabalhei de doméstica, em loja, fábrica de pó de café, na roça, apanhando café, capinando, já fiz um pouco de tudo. (Mirtes, conversa realizada em 16/10/2019).

Em suas narrativas fica evidente que o trabalho doméstico⁴⁵ remunerado representou uma importante fonte de renda para elas e, ao mesmo tempo, não se apreende nenhum sentido de subserviência na ocupação destas funções. São mulheres que demonstram grande capacidade para analisar as situações e tomam decisões para melhorar a sua vida e as dos seus. Estabelecem estratégias de viver, sendo essa uma das mais importantes revoluções. Como disse Carneiro (2005, p.150),

É nesse contexto que se dá a resistência negra. Se, como afirma Foucault, a todo poder opõe-se resistência essa se dará em primeiro lugar em estratégias de sobrevivência física, posto que o anjo da morte do biopoder impõe, para a racialidade dominada, o manter-se vivo como o primeiro ato de resistência.

O trabalho doméstico, primeira possibilidade que lhes aparece, caracteriza-se por ser uma profissão essencialmente feminina, exercido por mulheres negras que dialoga com a estrutura racista e classista que organiza o Brasil. Realizado nessa esteira e na esfera privada não há preocupação com direitos trabalhistas e nem de

⁴⁵ Adoto nesta pesquisa o conceito de trabalho doméstico remunerado estabelecido pelo IPEA (2019), que se refere ao trabalho exercido pelas pessoas de forma remunerada, em dinheiro ou benefícios, em uma ou mais unidades domiciliares.

fiscalização por órgãos competentes dificultando a apuração de denúncias. A situação das trabalhadoras domésticas no Brasil é caracterizada pelo baixo índice de formalização, 28,6% em 2018 e baixos salários, naquele ano, esse percentual oscilou para 92% do salário-mínimo (IPEA, 2019).

Historicamente, o trabalho doméstico e de limpeza se estruturam sob ideologias como o racismo, o patriarcado e o elitismo de classe que servem como base da sociedade brasileira e naturalizam a subvalorização econômica e social de atividades de cuidado e domésticos, atribuindo às mulheres, principalmente as negras, estas atividades sem o devido reconhecimento da importância social deste trabalho.

É possível, portanto, compreender que a saída dessas mulheres do trabalho doméstico remunerado e passar a ocupar uma vaga em uma empresa terceirizada⁴⁶ para trabalhar em serviços de limpeza e conservação em unidades educacionais representa para elas avanço em sua vida profissional, embora, continuem a fazer parte de um grupo de trabalhadoras/es que recebem baixa remuneração e que apresentam alto grau de precarização, como relata Sandra, a condição funcional é outra.

Essa empresa eu estou vai fazer um mês agora dia cinco, a outra empresa que a gente estava, aquela era feroz ,aquela atrasava vale-alimentação, atrasava pagamento, agora essa que eu estou dizem que ela é muito boa, que ela é muito certinha, ela paga tudo certinho, eu não tenho como dizer porque não recebi nenhum salário ainda, mas a princípio ela está tratando a gente bem, pois está em processo pela outra empresa, o rapaz disse que se a gente precisasse sair para a gente resolver o problema da outra empresa podia, mas não todas juntas, porque ela está na Justiça agora para a gente receber.

O sindicato entrou com uma ação na Justiça, depois a gente foi sacar o nosso dinheiro do FGTS, cinco meses em atraso que eles estavam depositando.

Eu só saquei aqueles 500 reais que tinha, só que de um ano agora foi na última vez sacar tinha umas mulheres que não tinha nada para receber, tinha uns que tinha só 98 reais. Daí tá no sindicato, pegaram a causa de todas, fizeram a rescisão, mas também não recebemos o valor da rescisão, támo esperando.

Teve uma vez que eles estavam demorando para pagar o nosso salário e até o sindicato estava entrando em ação, mas daí eles disserem “até a hora vai cair”, mas eles são bem ruins para pagar. (Sandra, conversa realizada em 23/02/2020).

⁴⁶ A terceirização ocorre quando uma empresa contrata outra empresa para que lhe forneça trabalhadores para prestarem serviços. A empresa que contrata o serviço paga à empresa de terceirização, e esta por sua vez fica responsável pelo gerenciamento do pessoal, pagamento de salários e obrigações trabalhistas. É uma prática comum no mercado atual e nos órgãos do Governo. (GENIVALDO MARCILIO FREZ; VANESSA MIEIRO MELLO, 2016, p.78).

As mulheres trabalhadoras em limpeza e conservação das unidades educacionais de Curitiba ficam em condição vulnerável quando encerram os contratos entre a Secretaria Municipal de Educação e as empresas ou quando entram em falência, há dificuldade para ter seus direitos trabalhistas assegurados. No momento em que outra empresa assume o serviço, as trabalhadoras não têm garantia de manter seu emprego na nova empresa. Quando perguntada sobre a possibilidade de ser contratada pela nova empresa, Sandra conta que,

Sim, se a gente correr atrás, porque eu tive que correr atrás para trabalhar nessa, porque eles perderam a licitação, a gente ficou a ver navios, se não tivesse corrido atrás a gente tinha ficado sem emprego, daí a gente correu atrás porque a gente ficou sabendo que ela ganhou e a gente conseguiu. (Sandra, conversa realizada em 23/02/2020).

Nas narrativas de Odete e Nina elas apontam outras formas que as empresas utilizam para burlar direitos trabalhistas,

Eu trabalhava na Limpeza 2, passei para Limpeza 3 e para Limpeza 4 e depois para a Limpeza 5, faz 18 anos que eu estou aqui. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Tem uma que é mais velha do que eu ainda. Daí o restante delas são novas. Faz um contrato fica ali um ano ou você volta ou você não volta mais. Antes era fixo em carteira assinada, hoje é mais o contrato, você tem o contrato por um ano, um ano, suponhamos daí ali tem muitos que voltam e muitos que não voltam, despedida e não voltam mais. Entendeu. Na verdade, agora que eu estou com contrato, mas dizem que ganha menos, eu não sei. Diz que o governo está fazendo isso para diminuir os gastos, não sei se é verdade, porque é o primeiro ano que eu estou em contrato aí não sei. Eu trabalhei de 2011 até o ano passado. Eles estavam fazendo, manda embora, mandou todo mundo embora eu não sei se a firma tinha perdido a licitação o que aconteceu, daí quando mandaram a gente embora, eu e as duas mais velhas e as outras duas mandaram de manhã e no outro dia ele vai contratar de volta, ligaram para nós de volta e recontrataram nós duas e a encarregada também, a encarregada tinha uns 3 anos de casa, então eu não sei por que eles estão fazendo isso, mas tão fazendo agora. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

A prática das empresas é perversa e cria incertezas em relação à manutenção do emprego, com alta rotatividade dessas profissionais nos espaços educativos, somados a um rendimento mensal que está abaixo da média nacional, que é de R\$ 1460,00 para mulheres negras, enquanto, o salário destas profissionais fica em torno de R\$ 1270,00. Estabelecendo um paralelo entre as narrativas das interlocutoras e o estudo de Druck *et al.* (2018), é possível constatar que a terceirização do serviço de

limpeza e conservação das unidades educacionais do município de Curitiba segue uma lógica de criar no setor público um modelo empresarial de gestão da iniciativa privada, considerada por alguns mais eficiente.

Nesse processo, busca-se afastar da responsabilidade do Estado suas funções sociais, substituindo servidores públicos por “servidores terceirizados”, flexibilizando direitos trabalhistas, reduzindo o número de trabalhadores e salários. A condição produzida é de que as/os profissionais que atuam podem ser mudados a qualquer tempo, sem prejuízo para os serviços. Mas, de fato o que se garante é a precarização do trabalho exercido por mulheres, na sua maioria negras, e não há um incômodo social, pois a ideologia escravagista ainda é o que vigora na forma de pensar este tipo de trabalho.

Porém, fica explícito nas narrativas tanto Nina como Odete que mesmo com as alterações de empresas devido aos processos licitatórios ou as interrupções nos contratos de trabalho, elas permanecem na mesma unidade por um longo tempo. Isso demonstra que elas desenvolvem suas estratégias para sobreviver a estas intempéries. Não objetos neste jogo cruel do capitalismo, do sexismo e do classismo, buscam com suas astúcias driblar o sistema na direção sempre de continuarem vivas. Carneiro (2005, p.150) diz:

Portanto, ao permanecer vivo, seguem-se os desafios de manutenção da saúde física, de preservação da capacidade cognitiva e por fim o de compreender e desenvolver a crítica aos processos de exclusão racial e, finalmente, encontrar e apontar os caminhos de emancipação individual e coletivos.

Manter-se viva, com saúde física e mental para estas mulheres é uma tarefa que exige delas muito empenho. A prestação de serviços cria uma rotina que envolve atividades diárias como,

Bem, aqui limpa, varre, passa pano, limpa banheiro, e assim por diante, a limpeza geral. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Então aqui é dividido, cada um tem sua parte, eu chego de manhã cedo, bato meu ponto, olho meu banheiro, daí se é meu dia de varre lá fora eu vou lá fora, depois a gente chega, bate o sinal, a gente lava o banheiro, limpa o pátio, aí a gente vai limpar as salas e depois almoça, e depois começa tudo de novo banheiro, as salas o pátio em volta. (Mirtes, conversa realizada em 16/10/2019).

Essas descrições me levam a pensar que o trabalho que realizam nas unidades é mecanizado e elas ficam distanciadas de todo o processo educativo. Logo, apesar do reconhecimento de que seu trabalho é essencial para o funcionamento das unidades, são afastadas de qualquer papel educador. Mais uma vez, assim como aconteceu nas suas experiências escolares, mesmo diariamente presentes nos espaços educativos passam por processos de exclusão. Ao serem perguntadas sobre a valorização do trabalho, respondem,

Olha o nosso serviço na verdade é um serviço desvalorizado, é respeitado, mas não respeita e você vê que não é respeitado, a gente nota né que o respeito é um serviço, mas o nosso serviço é um serviço honesto. É importante, muito importante por que se a gente não estivesse aqui como iria manter as crianças no limpo? Não tem como, eu acho importante. (Nina, conversa realizada em 16/10/2019).

Pesquisadora: Alguém elogia o trabalho de vocês?

Interlocutora: Que eu lembre não. (Mirtes, conversa realizada em 16/10/2019).

A essa parte não né, são poucos que valorizam, são bem pouquinhos. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

O trabalho de limpeza, quando não reconhecido, na instituição educacional contribui para que as profissionais não sejam percebidas como importantes para o fazer pedagógico no ambiente educativo o que se constitui como uma negação da educação como uma prática coletiva, de responsabilidade de todas/os as/os profissionais que compõem o espaço.

Porém, nem todas as pessoas ignoram a atividade dessas mulheres, as crianças, de acordo com elas, reconhecem o papel delas como importantes no processo educativo. As narrativas mostram que há uma proximidade entre elas e as crianças.

Tem muitas que vêm e abraçam a gente, dá beijo, e onde a gente tá passeando na rua toda chique, aparece as crianças e diz, “oh a tia da limpeza”, no ônibus também, as crianças daqui são bem carinhosas com a gente. (Mirtes, conversa realizada em 16/10/2019).

Algumas, vem e diz “oi tia da limpeza”, eu acho tão bonitinho quando elas falam tia da limpeza. Sim, eu acho tão bonitinho, esses dias uma mandou um bilhetinho para nós, está no meu celular a gente se sentiu assim sabe, é bom a gente ser reconhecida, a menininha mandou para nós e deixou lá entregou para a gente eu acho que antigamente tinha mais assim “aí aquela lá trabalha na limpeza” coisas assim, mas agora eu acho que não tem tanto. Nossa, a gente ficou tão feliz, pronto ganhamos o dia, eu coloquei no meus status, as meninas colocaram no Facebook. De um ano que eu estava nunca tinha

acontecido, aconteceu agora na escola, mas as crianças sempre respeitam “a tia da limpeza e não sei o que, dava tchau, abraçava”, nunca as crianças trataram mal a gente sabe, nessas duas escolas que eu estou, não sei nas outras, nesta, as crianças são mais amorosas. (Sandra, Conversa realizada em 23/02/2020).

Nossa, mas lá na creche eu me apeguei muito com as crianças, pois eu ia trabalhar e me apeguei muitas com as crianças porque eu lembrava dos meus filhos. Meu Deus, eu interagia o tempo todo, daí tinha um rapaz que fazia filmagens, ele filmava as crianças e tirava fotos das crianças que era para o serviço dele também, ele estava fazendo estágio e tem que fazer esse tipo de coisa, um dia ele chegou e pediu para mim, “ah como é o teu nome, e porque você não faz uma faculdade para professora”, “ah por que eu não tenho interesse, “ah pois você leva tanto jeito com as crianças, você interage com eles e eles gostam tanto de você que parece que nossa, você é super querida”, porque as crianças me chamavam pelo nome o tempo, “oi tia Nair”, “oi Nair”, eu ficava lá em cima sabe, me sentia valorizada pelas crianças, eu lembrava dos meus filhos, aquele amor pelas crianças. (Nair, conversa realizada em 05/10/2019).

Aqui você tem descontração, você chega irritada, se já olha na carinha da criança tira tudo aquela carga sua é assim. Se tem um como que eu posso dizer, a eu não sei te explicar mais se chega ali, se chega com uma cara e sai com outra, ou se sai bem-humorado ou mal-humorado, se briga com o colega ali, o colega te fala alguma palavra já vem uma criança, já te acolhe. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

São as crianças que rompem com a in(visibilidade) das trabalhadoras da limpeza apenas como executoras automatizadas de tarefas. O carinho, o reconhecimento ao trabalho e o acolhimento das crianças a essas profissionais é um movimento que as humaniza. As crianças indicam o que toda gestão deveria saber, ou seja, elas são integrantes dos processos educativos que ocorrem nas instituições, ou seja, significa dizer que todas/os que convivem nesses locais influenciam o processo educativo e devem ser consideradas nas diferentes ações que ali ocorrem.

As interações espontâneas entre as crianças e as mulheres trabalhadoras na limpeza poderiam ser incentivadas e planejadas como uma efetiva ação pedagógica criando possibilidades para a ruptura de estereótipos e hierarquias entre os trabalhos realizados nestes ambientes e ainda colaborando para que mulheres negras, que são a maioria, sejam valorizadas pelo que fazem, criando uma outra percepção sobre as que limpam. Elas são sujeitas que realizam uma tarefa que não é mecânica, nela há saber e experiências importantes, o que deslocaria a forma de percebê-las como agentes do conhecimento.

Dessa forma, embora exerçam um trabalho considerado simples e reprodutivo, que não requer treinamento, uma atividade inferiorizada por ser racializada e feminina, essas mulheres constroem possibilidades de romper com a

condição de reféns. Neste caso, elas resistem tornando seu trabalho especial e não mera repetição dissociado de pessoalidade. Elas os particularizam, são as mãos da limpeza, ou seja, são pessoas que manuseiam mais que vassouras, baldes e panos. Suas mãos tecem o trabalho e incluem suas singularidades, inserindo suas digitais nos modos como fazem o serviço e, por isso, ao serem demitidas, as gestoras das instituições solicitam que elas sejam recontratadas para continuarem prestando serviços na mesma unidade, pois há no trabalho de cada uma a expressão de quem são.

O conhecimento que carregam foi construído a partir das experiências vividas em meio a subalternizações provocadas por opressões de raça, gênero e classe que se explicitam quando elas atribuem sentidos a suas identidades. Esses conhecimentos são fundamentais para que as crianças percebam humanidade em todas as pessoas e os diferentes papéis nas interações, e que, a coletividade é formada por uma ampla diversidade, como prevê o Currículo da Educação Infantil: Diálogos com a BNCC (2020), documento oficial da SME que orienta as práticas da Educação Infantil no município de Curitiba.

Este documento enfatiza que as interações no espaço educativo partem de vínculos afetivos e fortalecem “a proximidade e a construção de uma identidade compartilhada entre bebês, crianças, familiares e profissionais da unidade educativa” (Currículo da Educação Infantil: Diálogos com a BNCC, p. 76, 2020). Pois bem, este vínculo já está estabelecido, conforme relatam as interlocutoras, porém suas interações com as crianças acontecem de forma espontânea, sem serem planejadas pelas gestões e não sendo consideradas como parte das ações educativas desenvolvidas nas unidades educacionais.

Enquanto as gestões repetem o elitismo da sociedade de modo geral, as crianças e as trabalhadoras percebem que trabalhar em unidades educacionais lhes acrescenta no exercício da atividade de limpeza, também um papel educador que deveria ser considerado pela equipe pedagógica. Além de ser muito importante para todas as pessoas da unidade reconhecê-las como sujeitas que cooperam com seu trabalho para o bom desenvolvimento das atividades, ou seja, o que fazem é parte do processo educativo e tem muita importância.

Odete, ao ser indagada sobre a sua responsabilidade no cuidado das crianças, responde:

Eu acho com certeza. Eu faço por mim, por iniciativa própria. Eu acho que eu tô ali, eu não sou a menina da limpeza, se eu tô ali e tem alguma coisa acontecendo de errado eu tenho que... ou às vezes chamar o professor e contar que está acontecendo isso ou aquilo, ou às vezes, eu mesmo mando sair dali, tem alguns que obedecem e alguns que não, alguns que continuam teimam e continuam eu vou e chamo o professor, “ó fulano tá lá vai lá ver o que você pode fazer”. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

Ao afirmar que não é apenas “a menina da limpeza” demonstra que pode contribuir no espaço educativo, pois o serviço de limpeza, como dissemos é feito por mãos, por gente que interage e influencia tanto quanto outros e outras sujeitos deste ambiente e como tal deveriam ser reconhecidas. Esses conhecimentos são adquiridos a partir das experiências vividas. Ao atribuir sentidos ao que fazem, expressam de forma contundente seguras de sua (re)existências,

As meninas falaram assim: “nossa a gente aqui junto dos professor”, e eu fiquei de boa, não vou me sentir porque sou da limpeza, não vou ficar escondida não. Se eu estiver certa eu debato, sabe eu procuro os meus direitos, sou ruim nessa parte. Acho que sim, mas eu não deixo abater porque eu estou na limpeza, sou negra, que vão para cima de mim entendeu, eu me ponho no meu lugar, respeito as pessoas, mas se as pessoas começarem, aí eu luto por mim entendeu, sabe não deixo me abater, eu falei para o diretor que eu não me sentia menor do que ninguém ali, menor que as professoras, a diretora, ninguém, se elas me respeitassem eu respeitava elas. (Sandra, conversa realizada em 23/02/2020).

A fala de Sandra revela sua compreensão de que uma mulher trabalhadora negra é colocada em uma situação de subalternidade, porém ela não aceita isso com resignação, sua atitude é um ato de resistência. Além disso, remete como uma das responsabilidades da educação a formação de cidadãs/ãos que reconhecem seus direitos e defendem os direitos das/os outras/os. Ao expressar-se sobre sua identidade negra, usa a experiência vivida como critério de significado para produzir conhecimentos que são fundamentais na “formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial” como propõem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004, p.10).

A narrativa de Odete também é marcada pela resistência e resiliência,

Sempre me virei só. Batalhando, aí eu que sustento eles. O preconceito das pessoas não me atinge, então nasci, cresci, então é uma parte da minha vida que não me atinge. (Odete, conversa realizada em 21/09/2019).

As vivências de Odete foram marcadas por uma construção constante de estratégias de resistência que garantiram o sustento de sua família. Embora ela afirme

que o preconceito não interferiu nesta luta cotidiana, penso que seu empenho em desenvolver formas de sobreviver às consequências das desigualdades a que esteve submetida foram provocadas pelas subalternizações decorrentes do racismo, sexismo e elitismo de classe estruturais em nossa sociedade. Portanto, ao declarar que o preconceito não a atingiu, interpreto como uma característica da resiliência impressa em sua identidade. E como bem disse Carneiro (2005, p.150), “Poucos são capazes de completar a totalidade desse percurso ou de percorrer essa difícil trajetória: de sobreviver fisicamente, libertar a razão sequestrada e estabelecer a ruptura com a condição de refém dos discursos da dominação racial”.

A resiliência/resistência desenvolvida por Odete é parte da sua estratégia de sobrevivência que não necessariamente inclui um discurso antirracista formulado em acordo ou nos moldes do Movimento Negro organizado, mas sem dúvida a percepção de si importantes para sua sobrevivência neste espaço intelectualizado e hierárquico que são instituições educacionais. Odete conseguiu um passo significativo na ruptura do racismo, pois um importante mecanismo que a racialidade produz para manter a subalternização de pessoas negras é a desracialização levando-as a “recusar ou camuflar a identidade racial no plano dos discursos e das práticas” (CARNEIRO, 2005, p.70).

Enfim, o respeito, reconhecimento e valorização das mulheres negras trabalhadoras que atuam em serviços de limpeza das unidades educacionais de Curitiba permitem a emergência de novos conhecimentos e práticas que incluam todas/os as/os profissionais como responsáveis por uma educação voltada para a igualdade e o enfrentamento de todas as formas de opressões e subalternizações. As unidades educacionais podem e devem considerar a raça, o gênero, a sexualidade e a classe de cada uma das pessoas presentes nestes espaços.

Incluir e considerar as trabalhadoras dos serviços gerais, especialmente, as que se dedicam à limpeza das instituições como pessoas importantes na estrutura do fazer educacional é reconhecer suas ações para a formação de sujeitas/os de direitos que se reconheçam como tal e que também reconheçam as/os outras/os com quem convivem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E chegou a hora tão esperada, que parecia tão distante e inalcançável. Iniciei pensando em como minha avó e minha mãe, que exerceram profissões ligadas ao serviço de limpeza, foram afetadas pelas barreiras que enfrentaram na vida, com um sentimento de saudade e nostalgia. Fui ao encontro de outras mulheres com experiências semelhantes às delas perguntando-me como a raça, o gênero e a classe marcam as identidades de mulheres negras que atuam como trabalhadoras de limpeza em unidades educacionais municipais de Curitiba. Essa questão tornou-se meu problema de pesquisa.

Chego nesta etapa revigorada pelas experiências de vida narradas por essas mulheres negras que me mostraram que, em meio a tantas opressões insistiram em se afirmar como sujeitas, humanizadas, movimentando-se em um processo de autorrecuperação que acontece quando “trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar nossa história” (hooks, 2019, p.61).

Ao recuperar suas histórias e compartilhá-las, as mulheres negras trabalhadoras de limpeza ultrapassaram os limites que foram demarcados pelas subalternizações construídas sob as opressões de raça, classe e gênero e transformaram opressão em resistência.

A escuta dessas vozes possibilitou uma partilha entre as experiências vividas por elas, pela pesquisadora e por teóricas do pensamento feminista negro, em um movimento coletivo que denuncia os sistemas de dominação e subordinação e demonstra estratégias de lutas e resistências desenvolvidas por mulheres negras.

Essa partilha foi construída em um diálogo e expõe as experiências pessoais das mulheres negras trabalhadoras de limpeza e os conhecimentos delas gerados, extrapolando a ideia de que intelectuais são apenas aquelas que produzem conhecimentos acadêmicos de forma escrita, a partir de abordagens epistemológicas restritas a saberes canônicos legitimados.

A busca por outras abordagens epistemológicas que não se limitassem a perspectivas universalizantes, eurocêtricas, cisheteronormativas me conduziram ao pensamento feminista negro como suporte teórico para esta pesquisa e a recursos teórico-metodológicos como o Correio Nagô, a Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS) e a interseccionalidade, em um exercício proposto

por Lorde, 202, p. 137) ao afirmar que “as ferramentas do senhor não derrubarão a casa-grande”.

A técnica utilizada para a busca das mulheres negras trabalhadoras de limpeza, o Correio Nagô, mais que um recurso metodológico para superar os impedimentos que se apresentavam, foi uma possibilidade de responder a um desafio acadêmico usando conhecimentos construídos por povos africanos e resguardados por religiões de matriz africana no Brasil. Pensar em uma forma de comunicação, a partir de uma analogia com o ressoar dos tambores trouxe a possibilidade de perceber que, assim como o som dos tambores foram fundamentais para que povos africanos organizassem estratégias frente às imposições da colonização europeia, o uso dos tambores nas religiões de matriz africana, além de sua relação com o sagrado, expressam a presença de valores civilizatórios africanos na cultura brasileira como forma de resistência.

Ao ecoar o som dos tambores com um pedido de ajuda para encontrar as mulheres negras trabalhadoras de limpeza nas unidades educacionais municipais de Curitiba, senti o reverberar desse chamado, que veio na forma de respostas de servidoras públicas municipais. Elas se aliaram a minha busca por narrativas que trouxessem as experiências e saberes dessas trabalhadoras, ação que evidenciou um compromisso coletivo em expor como as opressões interseccionais se organizam, como prejudicam suas vidas, provocam desigualdades sociais e como são enfrentadas. Portanto, diante da analogia criada para nomear a técnica Correio Nagô, mais uma vez os tambores cumpriram seu papel como um instrumento que permite a comunicação nas lutas pelo reconhecimento e valorização de grupos socialmente subjugados.

O Correio Nagô me possibilitou acessar narrativas de mulheres negras que desenvolvem ideias e ações para melhorar suas vidas cotidianas, revelaram-me que suas vivências individuais são processos coletivos de interação na sociedade que compartilhadas podem provocar uma ruptura nas imagens estereotipadas e subalternizadas de mulheres negras construídas na sociedade brasileira desde o período da escravidão e que perduram ainda hoje, constituindo o que Conceição Evaristo (2020) afirma ser o traçar de uma escrevivência.

Este movimento me desafiou a utilizar uma técnica de análise de narrativas que vai além de metodologias convencionais que me levaram à Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS). Essa técnica, ao considerar as

dimensões contexto, experiência e sociedade, permitiu um diálogo entre mulheres negras que entrelaçou as vivências das envolvidas em uma perspectiva que considerou o tempo e o espaço em que as narrativas foram ouvidas, conectando as experiências vividas de diferentes mulheres ao momento histórico em que a pesquisa se desenvolveu. A partir das fases de análise: tatear, marcar e transmudar, conforme estabelece essa técnica, criei duas categorias, “a criança que fui” e “meu percurso profissional e trabalho nas unidades educacionais” para discorrer sobre as condições socioeconômicas e educacionais que marcaram a vida das interlocutoras e as estratégias de insurgência por elas desenvolvidas para superar as opressões interseccionais a que estiveram expostas, bem como, ressignificaram suas identidades de mulheres negras e acumularam saberes.

A partir de suas narrativas, constatei que a origem familiar, as condições socioeconômicas na infância e a vida escolar foram imperativas na formação de suas identidades, por um lado, limitaram o acesso a bens materiais e culturais, forçaram uma entrada precoce no mercado de trabalho, provocaram desvantagens cumulativas que influenciaram a vida adulta, pois interferiram nas oportunidades para melhoria das condições socioeconômicas e resultaram em baixa mobilidade social entre as gerações da mesma família. Por outro lado, estreitaram laços de afeto e confiança que foram fundamentais para unir os integrantes da família, construindo laços de solidariedade que aumentaram as possibilidades de superação de dificuldades e sentimentos de pertencimento quando enfrentam obstáculos na vida.

Em relação à vida escolar das interlocutoras identifiquei que o contexto histórico interferiu em suas trajetórias escolares. A matrícula e frequência na escola não foram garantidas para as que nasceram antes da década de 1980, portanto, sem a proteção do Estado, não conseguiram avançar além dos anos iniciais do Ensino Fundamental, enquanto aquelas que nasceram depois dessa época, concluíram o Ensino Médio, essa diferença se deu, sobretudo, devido às legislações implementadas no Brasil pós-Constituição de 1988 que estabeleceram direito à educação e proteção de crianças e adolescentes como dever do Estado, da família e da sociedade. Porém, esse direito não se estendeu ao Ensino Superior, pois nenhuma delas conseguiu ingressar na universidade.

A escola ignorou as vulnerabilidades a que estavam expostas as interlocutoras, atribuiu a elas a responsabilidade por um suposto fracasso escolar, estigmatizando-as como inadequadas para o domínio dos conhecimentos escolares

que acabaram sendo interiorizados por elas, fazendo-as sentirem-se inadequadas e incapazes de adquirirem os saberes escolares.

Ao se isentar do compromisso de agregar em suas práticas cotidianas ações que reconheçam e valorizem conhecimento daquelas/es que foram subjugados, a escola desenvolve uma cultura de exclusão baseada em um currículo que segrega aquelas/es que não se enquadram nos padrões dos grupos dominantes relegando-as/os a um lugar de não saber, destituídas/os de qualidades que propiciem a aprendizagem na escola produzindo o epistemicídio. Nesse movimento, priva aquelas/es que estão neste espaço ou que foram expulsos/as dele em desenvolver dispositivos essenciais para entender as dinâmicas das opressões interseccionais e as possibilidades de superá-las.

Para as mulheres trabalhadoras da limpeza de unidades educacionais, esse epistemicídio mantém-se no espaço escolar quando são colocadas como executoras de um trabalho mecanizado, simples e reprodutivo, distanciado de todo o processo educativo, que as inferioriza e deslegitima seus conhecimentos.

Porém, elas personalizam seu trabalho, resistindo a essa desumanização, tornando seu trabalho especial e não mera repetição dissociado de personalidade. Nas unidades educacionais são as crianças que rompem com a in(visibilidade) das trabalhadoras da limpeza apenas como executoras automatizadas de tarefas. O carinho, o reconhecimento ao trabalho e o acolhimento das crianças a essas profissionais é um movimento que as humaniza.

Portanto, as interações entre as crianças e as trabalhadoras de limpeza mostram possibilidades de mudança na posição que essas mulheres ocupam, pois se forem planejadas como uma efetiva ação em que elas sejam consideradas também como pessoas que educam e possam compartilhar seus saberes, certamente contribuirão para ampliar o conhecimento das crianças e demais pessoas da comunidade escolar. Essa perspectiva inclusiva que a organização do trabalho escolar pode proporcionar é uma oportunidade para todos e todas que a frequentam perceberem a humanidade em todas as pessoas e os diferentes papéis nas interações, e que, a coletividade é formada por uma ampla diversidade a ser considerada e respeitada.

Logo, para as mulheres trabalhadoras de limpeza das unidades educacionais municipais da cidade de Curitiba-PR, deslocar-se do lugar de “mão da limpeza” para o de agente do conhecimento abre novas possibilidades de interpretação para que

todas/os as/os que integram os ambientes educativos aprendam a transformar ausência de oportunidades provocadas por opressões interseccionais em alternativas de sobrevivência.

A partir dessas considerações, procurei demonstrar possibilidades de realizar pesquisas acadêmicas em diálogos com grupos em condições de subalternizações, como neste caso, com mulheres trabalhadoras negras em serviço de limpeza, que interpelem abordagens teórico-metodológicas e epistemológicas tradicionais, proponham análises interseccionais que subvertam perspectivas universalizantes eousem caminhar em uma construção do fazer científico voltado para a produção de um conhecimento emancipador.

Concluindo, ser uma agente de conhecimento representa atribuir outros sentidos a uma identidade de mulher negra trabalhadora de limpeza diferentes daqueles impostos pelos grupos dominantes da sociedade, como há muito tempo, Gilberto Gil já denunciava.

A Mão da Limpeza

O branco inventou que o negro
Quando não suja na entrada
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Vai sujar na saída, ê
Imagina só
Que mentira danada, ê

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o branco sujava, ê
Imagina só
O que o negro penava, ê

Mesmo depois de abolida a escravidão

Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza

Negra é a vida consumida ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza

Na verdade a mão escrava
Passava a vida limpando
O que o branco sujava, é
Imagina só
O que o branco sujava, é
Imagina só
Eta branco sujão

(Gilberto Gil, 1984)

REFERÊNCIAS

- ALVES, V. C.. **Adoção de má fé e trabalho infantil**. Disponível em: http://www.lex.com.br/doutrina_27231125_ADOCAO_DE_MA_FE_E_TRABALHO_INFANTIL.aspx. Acesso em: 18 mar. 2021.
- ARAÚJO, D C.; DIAS, L. R. Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88368, 2019.
- ARROYO, M. G. Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 47-68, jan./mar. 2015. Editora UFPR.
- ARROYO, M. G. Fracasso- Sucesso: O peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em Aberto**, Brasília, ano 11, n.53, jan./mar. 1992.
- BAIRROS, L. Nossos feminismos revisitados. *In*: RIBEIRO, Matilde (Org.). **Revista Estudos Feministas**, Dossiê Mulheres Negras, Florianópolis, v. 3, n. 3, 1995.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B.. **Snowball (Bola De Neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf Acesso em: 01 set. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo. Edições 70. 2016.
- BAYÔ, L. **Voz Negra**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f1-TBHZ2RJ4>. Acesso em: 10 set. 2021.
- BENTO, M. A. Raça, gênero e mercado de trabalho. *In*: ROCHA, M. I. (org.). **Trabalho e gênero**: mudanças, permanências e desafios. Campinas: 2000, p. 295-307.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição: República Federativa do Brasil, Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL . Lei Complementar n. 8.069 de 13 de Julho de 1990 – **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Portal da Legislação, Brasília-DF, 13 jul. 1990.
- BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 4. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020.
- BRASIL. **Lei Federal n. 10.639**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BRASIL. **Educação em Direitos Humanos**: Diretrizes Nacionais – Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. 76p.

BRASIL. **Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação**: em cena, os funcionários de escola. Brasília: MEC/ SEB, 2004.

CARNEIRO, A. S.. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento. 2018.

CARREIRA, D. *et al.* **Gênero e educação**: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.

CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência 2020**. IPEA. Brasília. 2020.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v.31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

COLLINS, P. H. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão**. In: MORENO, R. (org.). Reflexões e práticas de transformação feminista. São Paulo: SOF, 2015. 96p. (Coleção Cadernos Sempre Viva. Série Economia e Feminismo, 4)

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo. Boitempo. 2019.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Salvador, ano 10, 1 sem.2002

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação de Curitiba. **Portaria nº 7 de 04 de abril de 2016**. Designa Comissão de Educação em Direitos Humanos das Unidades Escolares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Diário Oficial do município de Curitiba.

DIAS, L. Quase da família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. **Revista Humanidades e Inovação**, v.6, n.16, p.8-12,2019.

DIAS, L. R.; BATISTA, C. M. de S. (org) **Reflexões e experiências na construção de uma educação antirracista no contexto do grupo de estudos e pesquisa ErêYá**. Curitiba: Brasil Publishing, 2019. 286 p.

DIAS, L. R. **Análise Crítica de Narrativas e Atribuição de Sentidos (ACNAS)**: uma metodologia para análise de conteúdos em construção no grupo ErêYá. [Mensagem para orientação sobre metodologia de pesquisa]. Mensagem recebida por: lucialhx@gmail.com. 1 dez. 2020.

DIÓGENES, S. A. B.; CAVALCANTE, S. M. A.; OLIVEIRA, J. D. Fatores determinantes de motivação de funcionários terceirizados no serviço público: o caso de uma instituição federal de ensino superior. **Revista Eletrônica de Administração** (Online) ISSN: 1679-9127, v. 15, n.2, ed. 29, Jul-Dez 2016.

DUARTE, C. L. ; NUNES, I.R. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, M. C. **Terceirização no setor público**: estudo de caso na Fundação Universidade de Brasília. Brasília – DF Julho de 2017. Mestrado Profissional em Economia vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Economia como requisito principal à obtenção do título de Mestre em Economia.

FREZ, G. M.; MELLO, V. M. Terceirização no Brasil. **SADSIJ - South American Development Society Journal**,v.2, n.4, 2016.

G1 GLOBO.COM. **Caso Miguel é citado como exemplo de racismo sistêmico na pandemia em relatório de grupo da ONU**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/09/30/caso-miguel-e-citado-como-exemplo-de-racismo-sistemico-na-pandemia-em-relatorio-de-grupo-da-onu.ghtml>. Acesso em: 1 mar. 2021.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *In*: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, P. Emprego doméstico e a arquitetura da desigualdade. **Cienc. Cult.** v. 68, n.2 São Paulo Apr./June 2016. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000200020. Acesso: 02/07/2021.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: SILVA, L. A. *et al*. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

GUIMARÃES, A.S. A. Formações nacionais de classe e raça. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 28, n. 2., p.161-182, agosto 2016.

GUIMARÃES JR., S. D.; FERREIRA, J. B. O. Sujeito em terceiro plano: Uma reflexão crítica acerca da articulação entre a dinâmica da terceirização e processos de subjetivação. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v.18, n.2, p.381-389, abr-jun 2018.

HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasil, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, b. **Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo**. 1ª edição 1981. Tradução livre. Rio de Janeiro, Plataforma Gueto, 2014.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

HOOKS, b. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

FUKS, Rebeca. **Marielle Franco**: política e socióloga brasileira. Disponível em: [//www.ebiografia.com/marielle_franco/](http://www.ebiografia.com/marielle_franco/). Acesso em: 6 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero**: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica, n.38. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018**: primeiros resultados. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4ª ed. - Brasília: Ipea, 2015. 39 p.: il. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em: 17 abr. 2020.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO. **A Violência Política Contra Mulheres Negras: Eleições 2020**. Disponível em: <https://www.violenciapolitica.org/>. Acesso em: 4 jan. 2021.

JOHNSON, A. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: J. Zahar ed., 1997. 300p.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte. Autentica. 2020.

LUZ, N. S; CARVALHO, M. G. de, CASAGRANDE, L. S. **Construindo a igualdade na diversidade**: gênero e sexualidade na escola. Curitiba. UTFPR, 2009.

MENEZES, K. L. de; DIAS, C. M. de S. B. Mães doadoras: motivos e sentimentos subjacentes à doação. *In: Revista Mal-estar e Subjetividade*, Universidade de Fortaleza. v. XI, n.3, p.983-1010, set. 2011.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 5 nov. 2003.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Nota pública da ONU Brasil sobre a morte de João Alberto Silveira Freitas**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/101792-nota-publica-da-onu-brasil-sobre-morte-de-joao-alberto-silveira-freitas>. Acesso em: 1 mar. 2021.

NOGUEIRA, T. R. Mucama Permitida a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, BA, Brasil, v. 3, n. 4, Out. - Dez., 2017.

NOTÍCIAS UOL INTERNACIONAL. **Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.htm>. Acesso em: 1 mar. 2021.

NOVO, B. N.; M., A. R. P. **O direito à educação na Constituição de 1988**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/75568/o-direito-a-educacao-na-constituicao-de-1988>. Acesso em: 7 out. 2021.

OLIVEIRA, M. R. G. de. **O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba, 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

OLIVEIRA, M. K.; PÉREZ-NEBRA, A. M; ANTOGLA, C.S. Relação entre significado do trabalho e rotatividade de serventes de limpeza. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 16, n. 2, jun. 2016.

OLIVEIRA, S. *et al.* **Dimensões preliminares da responsabilidade feminina pelos domicílios: um estudo do fenômeno a partir dos censos demográficos 1991 e 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002.

OSÓRIO, R. G. **A desigualdade racial de renda no Brasil: 1976-2006**. Brasília, 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília.

PETTINE, D. **Atunko Ilú Obá De Min - Ep 9. Conhecer e Ir Mais Longe**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jltCaFwlczc>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **Revista USP**, [S. l.], n. 46, p. 52-65, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879>. Acesso em: 4 jun. 2021.

PINHEIRO, L. *et al.* **Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua**. Texto para discussão. Brasília. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. 2019.

RATUSNIAK, C. **Processos por abandono intelectual e os efeitos da judicialização da evasão escolar**: gênero, raça, classe social e as biopolíticas que produzem o fracasso escolar e as expulsões compulsórias. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2019.

REVISTA RAÇA. **Carrefour fecha acordo e paga a maior indenização envolvendo caso de racismo da América Latina**. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/carrefour-fecha-acordo-e-paga-a-maior-indenizacao-envolvendo-caso-de-racismo-da-america-latina/>. Acesso em: 2 jul. 2021.

RODRIGUES, G. **O que há por trás do fracasso escolar de crianças negras**. V Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão.

RODRIGUES, V. B. **Formação dos profissionais da limpeza na perspectiva freireana**: a (in)visibilidade dos educadores não docentes. Mestrado Profissional em Educação: Formação de Formadores. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2017.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo oculto**: uma reflexão sobre a prática. 3 ed.. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAMPAIO, J. de M. **Mulheres, trabalho e terceirização**: uma análise dos discursos das trabalhadoras terceirizadas da Universidade Federal de Alfenas. Varginha, MG, 2018.143 f.

SANTOS, M. S. de A. **O correio nagô entra em ação**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-correio-nago-entra-em-acao/>. Acesso: 4 jun. 2021.

SANTOS, V. T.; CASSANDRE, M. P. Reflexões sobre água, sabão e conhecimento: aprendizagem organizacional na prática das serventes de limpeza de uma instituição de ensino federal. **Revista Teoria e Prática em Administração**, v. 7, n. 1, jan/jun 2017.

SILVA, P. B. G. Chegou a hora de dar à luz a nós mesmas – Situando-nos enquanto mulheres e negras. **Cadernos CEDES**, Campinas, n. 45, p. 7-23. Julho/1998.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SUZUKI, N. (org). **Trabalho escravo e gênero**: Quem são as trabalhadoras escravizadas no Brasil? São Paulo, 2020.

TILT. **Brasileiro nunca pesquisou tanto na internet sobre racismo quanto em 2020**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/09/05/brasileiro-nunca-pesquisou-tanto-na-internet-sobre-racismo-quanto-em-2020.htm>. Acesso em: 1 fev. 2021

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. RJ. Paz e Terra. 4 ed. 1992.

THOMPSON, P.. **História oral e contemporaneidade**. Tradução de Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. Este texto resulta originalmente de uma palestra realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, a 29 de agosto de 2000.

TV BAHIA. **Babá agredida pela patroa diz que desmaiou porque, além da violência, ficava sem comer**: 'Não tem corpo que aguento'. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/09/03/baba-agredida-pela-patroa-diz-que-desmaiou-porque-alem-da-violencia-ficava-sem-comer-nao-tem-corpo-que-aguento.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2021.

VALENTIM, G. ; CORTEZ, A. F. **Mães que entregam os filhos para adoção**: Uma reflexão sobre o mito do amor materno. 18º REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Novembro/2014.

VASCONCELOS, Ana C. L.; MELO, N. S.; SILVA, J.O. A astúcia invisível de mulheres trabalhadoras de escola. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 427-445, dez/2014.

WEBER, M.. Classe, estamento, partido. *In*: GERTH, Hans e MILLS, Wright (Org.). **Max Weber - Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

APÊNDICE 1 – TRANSCRIÇÕES DAS CONVERSAS

Conversa com Nina realizada no dia 16/10/2019.

Pesquisadora: Qual é seu nome completo?

Interlocutora: Nina.

Pesquisadora: Qual sua data de nascimento?

Interlocutora: 23/11/1957.

Pesquisadora: Você nasceu em Curitiba?

Interlocutora: Bahia.

Pesquisadora: Que lugar da Bahia?

Interlocutora: Caculé.

Pesquisadora: É interior?

Interlocutora: É, roça mesmo.

Pesquisadora: Se você tiver que se declarar como branca, preta, parda, indígena ou amarela qual você escolhe?

Interlocutora: Eu sou parda.

Pesquisadora: Como você veio parar lá da Bahia aqui?

Interlocutora: Porque meu irmão adotivo foi lá e me trouxe para cá.

Pesquisadora: Era pequena?

Interlocutora: Não, já era casada.

Pesquisadora: Veio com a família toda?

Interlocutora: Só vim com o marido, aqui arrumei a família.

Pesquisadora: Você não tinha filho ainda.

Interlocutora: Não.

Pesquisadora: Agora você tem quantos filhos?

Interlocutora: Tenho dois filhos.

Pesquisadora: Qual a idade deles?

Interlocutora: 30 e 29. São pais já, tenho quatro netos.

Pesquisadora: Faz quanto tempo que você está aqui?

Interlocutora: 30 e poucos anos que estou aqui em Curitiba.

Pesquisadora: E você veio animada? Por que ele a trouxe?

Interlocutora: Porque eu não gostava lá da Bahia.

Pesquisadora: O que você fazia lá?

Interlocutora: Eu trabalhava na roça, carpia, fazia cerca, plantava, arava, fazia de tudo na roça.

Pesquisadora: Trabalho rural?

Interlocutora: Trabalho rural, e é muito seco lá, as plantas não dava morria tudo por causa da seca. Agora não, agora lá tá bom, mas de primeiro era meio complicado, salário pouco.

Pesquisadora: A terra não era de vocês?

Interlocutora: Era do meu pai adotivo.

Pesquisadora: E os seus pais biológicos você conheceu?

Interlocutora: O meu pai biológico quando ele faleceu eu tinha 7 anos, a minha mãe ela foi embora com meus três irmãos eu tinha a mesma idade, aí eu fiquei sozinha, e eu fiquei lá com 7 anos, trabalhando em uma casa que ela tinha me dado lá, cuidando de quatro crianças, tirando água de poço, lascando lenha.

Pesquisadora: Já fazia tudo isso, mas eles cuidavam de você?

Interlocutora: Não, apanhava até por dentro dos olhos, eles tiravam tudo, as louças dos armários, eles faziam quatro pilhas de louça e eu tinha que lavar tudo aquilo até 10 horas, tinha que limpar a cozinha, ir lá no lenheiro lascas lenha, escolher feijão, deixar tudo pronto para o outro dia; aí no outro dia 6 horas eu tinha que levantar, colocar a lenha, esquentar a água para fazer o café e, assim por diante, e a minha comida era resto.

Pesquisadora: Você só podia comer o resto deles?

Interlocutora: O resto, raspa os pratos e daí colocava farinha no prato, isso é real, verdade, isso foi o que eu passei, raspava os pratos aí colocava farinha, aí ia lá no pote não tinha água encanada, nem torneira, aí eles iam lá naquele pote pegava água e colocava no prato e dava para mim comer, aí eu comia para não passar fome, a minha vida foi assim, a minha infância foi assim.

Aí quando foi um certo dia, eu torrava café e ela chegou e me empurrou na brasa, eu até hoje tenho um sinal na minha mão de que a brasa grudou e eu tirei a brasa na palma da mão. Aí quando foi um certo dia, tava bem alumiando, o céu estava bem estrelado e tinha um pé de maçã e todo dia eu apanhava com aquelas vara de maçã, e ela queria que eu chorasse, porque eu não chorava, pois eu não chorava nem quando o meu pai me batia, não vou chorar para ela me bater, aí esse dia eu fingi que eu chorei e ela falou “toma neguinha hoje você chorou, hoje doeu”, aí quando ela saiu eu terminei aquelas louças e eu olhei para o céu e falei “Senhor, eu sei que você

existe, meu pai não está aqui, deve estar do seu lado, esse pé de macieira foi tu que deu e eu apanho com ele todos os dias, e agora, me dá uma saída eu preciso sair daqui, me tira daqui”, aí quando foi nove e meia eu terminei tudo aquela louça, eu terminava sempre dez e meia, mas nove e meia eu terminei, sequei, guardei, fui no lenheiro, lasquei lenha trouxe para dentro de casa, lavei a cozinha, tirei água do poço, lavei o pote, coloquei água nele, o último era escolhe feijão, escolhi o feijão, coloquei de molho, aí fui para dentro e minhas roupas era tudo junto com a dela aí eu peguei no escuro para não acender a luz e passava a mão de cima para baixo e essa aqui é minha e fui separando só ficou um vestido que igualou com o dela, aquele ficou aí amarrei numa trouxa e joguei pelo lado de fora, e agora a trouxa está do lado de fora e era aquelas janelas de tramela de madeira aquelas antigas aí eu pensei assim, “não posso deixar a janela aberta”, aí eu olhei assim na calçada e tinha um pé de capim, eu peguei aquele talinho de capim e enfiei na frestinha da janela e puxei e tramelei, aí eu falei “e agora eu estou para fora, a janela está fechada, e o cachorro não podia me ver que ele me rasgava inteira”, tinha um cachorro preto com olho vermelho parecia um saci.

Pesquisadora: E ele te atacava?

Interlocutora: Atacava, e elas tinham medo que eu fugisse, então elas colocava o cachorro no portão que dava saída para rua, aí eu olhei para o céu e clamei de novo “Deus se tu existe põe o sono naquele cachorro para eu poder sair, porque se ele me pega ele me rasga inteira e elas vão ver e além de eu ser mordida pelo cachorro eu vou apanhar porque eu estou fugindo”, aí você acredita que Deus foi tão bom que ponhou um sono naquele cachorro, aí eu fui devagarinho andando do lado dele e ele só levantou a cabeça e dormiu de novo, eu abri o portão, ganhei a rua e fui na vizinha do meu pai, cheguei na casa dessa Dona XXXX era onze horas da noite, aí eu chamei por ela e conheceu minha voz e abriu a porta aí ela perguntou “o que você está fazendo aqui” eu falei “eu quero ir para casa do meu padrinho” que acabou de me criar, aí eu já estava quase completando 8 anos de idade aí ela falou “não filha você não vai hoje porque tem bicho na estrada”, mas eu falei: “hoje eu não quero ir mesmo porque está de noite, eu quero amanhece, só quero um pouso para mim amanhecer para eu poder pegar o caminho”. Aí ela falou: “então tá bom vou deixar você aqui, você vai dormir aqui”, mas ela não deixou eu ir porque como eu era muito criança, era muito longe, então acho que dava uns quase 20 km ou mais da cidade na roça onde meu pai adotivo morava. Tudo que ela falou eu não tinha medo, então ela

falou “não vamos fazer o seguinte, como hoje é sábado, seu padrinho vai vir segunda-feira, depois de amanhã, aí você fica aqui e vai com ele”; eu falei: “então tá bom, já que a senhora está falando então eu vou ficar”. Aí elas descobriram que eu estava na casa da Dona XXXX, aí ela foi lá, manda os amigos buscar e eu não fui, mesmo aí ela viu que eu não fui, ela foi lá me buscar, aí falou que eu não ia tirar água de poço para eles beber, que eu não ia mais cortar lenha, eu não ia fazer mais nada porque eu era muito criança e eu falei “pois é né, você sabe que eu sou criança, eu só tenho apenas 7 anos de idade, eu tiro água de poço, lasco lenha, lavo louça, vocês me batem”; “mas quem te bateu?”; “foi você que me bateu, quando não é a XXXX é você”, “não, mas a gente não vai mais te bater”, eu falei “então tá bom aí eu vou, só que tem um porém, eu não vou pegar água para você, não vou tirar água de poço para vocês, lavar e nem torrar café para vocês”, aí fui.

Aí cheguei lá, ela falou assim para mim: “Nina vai ali cortar uma lenha” eu falei “eu não, eu não vou cortar lenha, se você quiser vai lá e corta” aí eu fiquei rebelde mesmo porque eu sabia que eu não iria ficar lá, aí eu fiquei bem rebelde porque como eu já tinha sofrido eu fiquei bem rebelde para eles, aí peguei e falei “não vou”, ela falou: “não você vai ali pegar uma água então” eu falei: “eu não vou pegar água para vocês e se eu for eu vou quebrar essa moringa”, “não, não quebra não”, “se eu for eu quebro mesmo”; cheguei lá tive o prazer de tirar água do poço, enchi a bendita moringa e quebrei e vim com o paninho rodando na cabeça “eu falei para você que eu ia quebrar” “então leva esse potinho” “eu vou quebrar o potinho do mesmo jeito” aí eu fui cheguei lá e quebrei potinho, aí vim de novo “então leva uma latinha mas eu chego lá eu amasso tudo a latinha”.

Pesquisadora: Isso tudo no mesmo dia?

Interlocutora: Tudo no mesmo dia, fiz umas trocentas viagens, mas água eu não trouxe para eles.

Pesquisadora: E daí não apanhou?

Interlocutora: Não, não apanhei de jeito nenhum, aí levei latinha até em uma pedra e amassei a latinha “mas Nina você fez”, “mas eu falei que eu ia fazer, eu disse que não iria pegar a água, eu não ia fazer isso e nem aquilo que você está mandando, você não disse que eu sou criança? eu sou criança então não vou fazer” e não fui, “então deixa que depois eu vou fazer, assim se eu posso tomar água salobra, vocês também pode, porque na casa do meu pai eu não tomava, na casa do meu pai eu não

comia lavagem, na casa do meu pai eu não comia resto de comida”, aí quando meu pai faleceu, eles ficaram sabendo e não deixaram eu ir lá ver meu pai.

Pesquisadora: Você já morava com eles antes do seu pai falecer?

Interlocutora: Já. É que minha mãe me deu escondido do meu pai, aí eu peguei cheguei lá e falei o homem, o nome dele era XXXX bonitinho né, aí eu falei “Seu XXXX meu pai faleceu e a dona XXXX e a XXXX não quer deixar eu ir lá ver”, “mas como não quer deixar você ver?” eu falei: “não ela nunca deixa eu ver e meu pai está quase indo para o cemitério”; aí ele foi lá e deu uma bronca nela “como que você não vai deixar a menina ver o pai dela pela última vez?”, aí de tanto ele briga com ela, ela deixou, ele pegou e me levou lá na casa do meu pai. Aí a minha mãe era cega só que ela viu um vulto e quando ela percebeu que eu cheguei uma vizinha pergunta para ela: “E agora XXXX como você vai fazer sem o seu marido?” porque ela não conseguia trabalhar, pois era cega, três crianças eu já estava louca por causa da mulher que ela tinha me dado com três crianças, e quando ela viu o vulto e me reconheceu aí ela falou assim “se tivesse morrido mais tempo para mim não fazia falta” e aquilo doeu e dói até hoje para mim eu escuto aquela conversa dela, bem baixei a cabeça e fiquei ali conversando com meu irmão mais velho aí meu irmão começou a chorar, falei “cala a boca você está chorando só de fingimento você está aqui correndo e brincando com os outros amigos e você está chorando só porque eu cheguei, você está chorando pode calar a boca” aí ele calou a boca e não chorou mais também ele fica ali brincando aí saiu foi para o cemitério e eu fui com eles até lá o cemitério, e aí quando foi no outro dia um tal de compadre dela pegou e a levou numa tal de floresta, e como ela não sabia fazer nada a mulher não gostou dela, porque ela não sabia fazer nada, não sabia limpar a casa, a única coisa que ela sabia fazer era lavar a roupa não sei como ela conseguia lavar a roupa porque ela é cega, mas as roupas delas não achavam uma mancha de sujeira, mas também se fosse lavar a louça não sabia lavar a louça e varrer a casa, a sujeira ficava tudo para lá porque ela não enxergava né coitada né, aí o compadre foi lá e buscou ela e passou onde ela tinha me deixado aí a mulher perguntou para ela, “onde você vai XXXX?” ela disse “não posso falar porque minha orelha está aqui” e a minha orelha era eu, aí ela foi embora com os três filhos, com dois piá e uma menina, e eu também não sei onde está nem um nem outro, nem ela nem meu irmão não sei onde está, também não quero saber.

Pesquisadora: Nunca mais você falou com eles?

Interlocutora: Nunca mais, eu fiquei lá com 7 anos de idade nunca mais, ainda quis correr para acompanhar ela, para ir atrás dela, mas a mulher me segurou me puxou e não deixou eu ir aí ela falou assim “agora você vai ver em que bom, agora você vai ver o que é bom que, você não tem mãe aqui, nem irmão nem ninguém aqui, agora eu vou pegar você e vamos arregaçar a manga com você” eu só fiquei quieta né, criança né, então tá né pode arregaçar a manga né, mas eu lembrei que meu pai antes dele morrer esse compadre deu a casa para gente morar na cidade, ele foi na casa do meu padrinho e falou: “olha eu estou indo embora e o compadre vai ficar com a minha filha, não deixa minha filha com a minha mulher”, aí ele chegou e falou para minha mãe: “tô indo embora e já falei com o compadre lá para ele pegar a Nina porque ela é minha filha”, os outros era tudo a cara dele, só que ele cismou que não eram dele, porque ele era polaco da África bem negro, só tinha de branco os dentes e a bola do olho só, o resto era tudo preto.

Pesquisadora: E os outros eram mais clarinhos?

Interlocutora: É sim, tudo da minha cor, tudo da minha cor, só uma que tinha o nariz afinado, só a gente que tem o nariz que o boi pisou em cima achatado, era só essa também e era só nariz a cor era preta, aí ele pegou menina, amarrou uma trouxa, pegou a enxada, um machado e por aqui pegou estrada e foi embora.

Pesquisadora: Largou os filhos?

Interlocutora: Largou os filhos tudo lá e foi embora, mas eu olhei e pensei para onde o velho tá indo, e eu tinha seis anos, aí eu pulei a cerca e fui atrás dele “pai vai para onde?” ficou quieto, “onde o senhor tá indo?” ficou quieto “pai onde você está indo?” e ele não falava nada, “então tá bom já que o senhor não quer falar nada o senhor está indo embora, o senhor está deixando nós tudo pequeno, o XXXX não tem juízo nenhum, e a mãe é cega analfabeta não enxerga nada, não sabe fazer nada a única coisa que minha mãe sabe fazer é carreiro que ela não para em casa mesmo, e o senhor vai deixar nós assim, você que é a coluna da casa vai embora, vai deixar só as forquilhas aí ele parou assim ficou me olhando bateu a mão na minha cabeça e virou para trás e veio embora comigo, pegou na minha mão e veio embora,” desfez as trouxinha dele e ficou lá, passado de uma semana foi para essa tal de cidade Irundiara e foi lá que eu passei a prova e o bicho pegou para o meu lado.

Pesquisadora: O que aconteceu lá Nina?

Interlocutora: Lá foi tudo que eu te contei.

Pesquisadora: Foi lá que você ficou com aquela mulher, quanto tempo você ficou lá?

Interlocutora: Eu fiquei da idade de 7, nós fomos lá em novembro quando eu fui eu estava quase entrando no 7, dia 23 de novembro o meu pai faleceu bem no dia do meu aniversário.

Pesquisadora: Ele faleceu no dia do seu aniversário, e ele estava doente?

Interlocutora: Não, ele bebeu demais, e tinha o que fazia duas semanas que a gente tinha chegado lá, aí ele quando ele descobriu que já fazia uma semana que ele não via, ele foi e perguntou: “cadê minha filha”? e ela não contou que ela tinha me dado, ela não contou para ele que ela tinha me dado para essa mulher.

Pesquisadora: Por que você acha que ela deu só você ficou com os outros?

Interlocutora: Porque ele falou para ela que tinha ido na casa do meu padrinho, falar com meu padrinho que quando ele fosse embora era para ele ficar só comigo, porque era só eu a filha dele, então ela colocou na cabeça dela, já que eu era filha dele e os outros são meus, então deixe o meu e fica com os dela entendeu? Então foi isso o fio da meada, como ele falou que só eu era filha dele então ela pegou os dela e não ficou com a filha dele, eu não tiro a razão dela, eu não tenho raiva dela, só não procurei e não vou procurar por que da mesma maneira que ela me deixou, eu não vou ficar correndo atrás e outra, do jeito que o mundo está hoje eu não sei de que maneira que foi criado os meus irmãos né, eu fui criada de um jeito, eu fui criada, eu soube escolher o que é bom e o que é ruim e meus irmãos? Eu vou saber de que maneira, que eu não sei a natureza de ninguém, eu sei da minha, mas nem a minha eu não sei direito, agora vou saber da natureza dos meus irmãos, do mais velho, do mais novo e da menina, vai saber se a menina virou uma qualquer coisa lá né, os irmãos virou bandido, não vou procurar para depois me dar dor de cabeça, não vou procurar, agora o meu marido falou por que não procurei, falei não, eu já construí minha família, já tenho minha família, não preciso mais família, agora o meu irmão sendo mais velho da mesma maneira que eu fiquei com uma mulher com sete anos, ele estava com 10 anos, ele sabe que ele deixou uma irmã para trás, da mesma maneira que eu lembro dos três, eles também lembram que deixou uma irmã para trás, talvez eles então eles podem me procurar, se não cair no mundão, se não tiver morto ou preso, pode voltar lá e buscar, ir lá atrás e procurar se eles não forem eu vou atrás, não vou, eu acho uma outra coisa para me dar dor de cabeça, de jeito nenhum, deixa eles lá e eu aqui. Eles ficam lá e eu aqui, isso não é verdade.

Pesquisadora: Tem que fazer as escolhas da vida né?

Interlocutora: É, e eu escolhi a minha então se eu escolher a minha, deixa eu com a minha vida aqui e deixa eles com a vida deles lá, agora eu não sei se ela tá viva ou morta, sonhar com ela eu já sonhei duas vezes, sonhei que um caminhão passou por cima dela e ela estava toda esmagada.

Pesquisadora: Que sentimento que você tem dela assim?

Interlocutora: Nenhum, que Deus me perdoe, mas não tenho nenhum.

Pesquisadora: Crescer longe dela.

Interlocutora: Eu não sei o que é amor de pai, porque meu pai ele morreu eu já fiquei muito nova com sete anos de idade, então eu não tive aquele calor de pai até 6 anos eu só apanhava dele, também porque ele era ruim, o negão ruim danado, mas isso também eu fazia muita arte né e a minha mãe ela não me batia, mas também ela deu um castigo assim que foi pior que mais surra, porque me deixar abandonada, ela abandonou né e eu não tenho assim aquele sentimento de mãe de pai não eu tenho. Agora eu tenho sentimento dos meus filhos, dos meus netos, o que eu puder fazer para eles eu faço e faço qualquer coisa, mas se ela aparecesse hoje na minha vida, os meus irmãos, eu iria receber, eu iria cuidar, eu iria dar tudo, mas como um estranho, não como um parente, não como irmão, como mãe, eu iria dar tudo, ajudar, mas como mãe não.

Pesquisadora: Nesse meio tempo te mandaram para escola?

Interlocutora: Quando eu fui para a escola é até engraçado.

Pesquisadora: Você aprontou na escola Nina?

Interlocutora: Não aprontei na escola não, quando eu fui para escola eu tinha 10 anos, 10 para 11 que eu fui pegar o primeiro abc.

Pesquisadora: Era escola rural ou não?

Interlocutora: Escola rural, aí isso que eu entrei na escola porque o meu pai adotivo tirou um dos filhos dele porque ele estava aprontando, jogando os amigos na barragem, pegava o chinelo do amigo jogava lá na barragem e fazia um amigo lá buscar, aí contaram para ele, “então você não vai mais estudar”, ele não estudou e ele trabalha na prefeitura.

Pesquisadora: Na nossa prefeitura?

Interlocutora: Não lá, hein “então aí eu vou colocar a Nina”, eu falei graças a Deus porque eu tô na escola.

Pesquisadora: Então você queria ir?

Interlocutora: Mas eles não me colocaram, eles colocaram os filhos deles primeiro falei graças a Deus agora eu vou para escola, mas como eu tenho um bloqueio na mente por causa de tudo que eu passei, eu não aprendi nada na escola nada, nada nada, entrava aqui, saía por aqui, eu aprendia nada, aí cheguei lá, depois de uma semana eu li tudo abc.

Pesquisadora: Mas você aprendeu?

Interlocutora: Passei no abc e fui para cartilha, mas quando chegou na prova menina do céu eu ia fazer a prova, letrinha tudo bonitinha caprichava aqui, professora olhava assim, olhava para minha cara e rasgava a prova e aquilo foi mais ainda porque se eles ensinam assim, não assim tá errado, é assim que você tem que fazer a ler, mais não, eles pegavam, rasgavam e jogava fora e a minha mente foi fechando cada vez mais fechando e fechando, eu não aprendo nada no meio de multidão o que eu aprendi ler e escrever foi a minha patroa lá em São Paulo que me ensinou ler e escrever tudo, ela me ensinou tudo, ela que eu sei eu agradeço ela que me ensinou.

Pesquisadora: Ela era professora?

Interlocutora: Não, ela toda noite “vem aqui XXXX”, “eu não quero”, “vem XXXX”, “eu não quero”, “vem XXXX, vem aqui”; ela ia com todo carinho, “vem aqui, senta aqui que eu vou te ensinar a ler”, “ah, Dona XXXX, eu não consigo aprender, eu não consigo, não entra na minha mente, não vai entrar”, sim o segredo é que hoje eu leio, eu escrevo, faço conta, tudo ela que me ensinou.

Pesquisadora: Você ainda tem contato com ela?

Interlocutora: Não tenho perdi o contato com ela, porque ela mora em São Paulo.

Pesquisadora: Você ficou muito tempo com ela?

Interlocutora: Saí de lá para casar.

Pesquisadora: Então você ficou desde criança trabalhando para ela?

Interlocutora: Não, quando eu fui trabalhar para ela eu já tinha 19 anos e eu vim com emprego já contratada, já com outra família, com uma família de português, aí falei “ah vou sair daqui porque eu não aguento mais né”, aí fiquei com essa família de português, porque meu pai adotivo já chegou e catou pegou emprestado de uns irmãos lá acho que na época era 30 cruzeiros, ele pegou 30 cruzeiros e eu ganhava um cruzeiro naquela época, eu ganhava um cruzeiro e ele pegou 30 cruzeiros para eu poder pagar esse dinheiro para ele, aí eu fiquei nessa casa até pagar esse dinheiro, paguei esse dinheiro.

Pesquisadora: Então você não recebia por que você devia esses cruzeiros para ele?

Interlocutora: Porque meu pai adotivo pegou emprestado esse dinheiro com o irmão.

Pesquisadora: Aí ele trocou você pela dívida então.

Interlocutora: Acho que sim, eu paguei a dívida dele, pensei agora e vou sair para ganhar mais, aí ganhei nessa casa, dessa Dona XXXX, que é uma casa de médico, ela é formada em contabilidade e ele é médico, aí eu fui ganhar lá na época eu estava ganhando um cruzeiro, eu fui ganhar três cruzeiros, já melhorou né, ganhei três cruzeiros e foi aumentando para 4, 5 cruzeiros, aí fui fazendo a minha casa lá na Bahia, e fui pagando os pedreiros com os cinco cruzeiros, eu era rica, porque eu estava pagando mais, aí paguei os pedreiros, aí saí de lá para casar, fiquei sete anos lá e quase não saí de lá para casar, porque uma me puxava por um braço e a outra pelo outro, a vizinha me puxava por trás, e falei misericórdia o que eu vou fazer e eu tive que prometer para eles que eu veria eles, aí fui ver eles depois que eu estava em Curitiba, eu fiquei 4 anos lá na Bahia e daí eu fui lá pagar a minha dívida e daí eles vem Maria nos constrói a casa para você, aí queriam que morassem lá com eles, “aí falei, não posso, tenho minha casa lá”.

Pesquisadora: Como você conheceu seu marido?

Interlocutora: Se eu te contar você não acredita, conheci ele quando ele tinha dez anos, eu tinha onze anos, ele foi lá que ele tinha vendido um canivete para o meu irmão adotivo, aí ele foi lá cobrar a dívida, foi de bicicleta, aí ele chamou o XXXX e eu saí na porta e lá na Bahia é meia porta, eu saí e fiquei olhando e falei “ah, o Valdemar não está em casa”, aí fui lá chamar a minha mãe adotiva na época a gente chamava de madrinha e falei, “o madrinha tem um menino aqui chamando o XXXX” aí ela saiu lá e falou o que que foi e ele eu vim aqui pegar o dinheiro do canivete que eu vendi para o XXXX aí eu vim buscar hoje e eu vim buscar, o XXXX não tá aqui não, ele saiu e está lá no Lajedo ele não vai vir hoje não, deu bênção e foi embora e eu fui e perguntei para ela assim, “madrinha quem é aquele menino”, “ah, é o menino dali”, aí eu peguei e abri a porta e fiquei espiando e pensando “Nossa, que moleque bonito!”.

Pesquisadora: Já ficou de olho né?

Interlocutora: Também foi a única vez que eu vi nunca mais.

Pesquisadora: E como é que se reencontraram e casaram?

Pesquisadora: Cresci, mudamos para a cidade, vim para São Paulo e fiquei lá, mas nem lembrava, aí minha amiga escreveu uma carta para mim falando assim Ana, o filho da XXXX batizou, pensei “nossa quem é essa XXXX! Falei “ah, que Deus que abençoe mais um pra servir a Deus” e minha irmã Nina “o filho de XXXX batizou”, “misericórdia, que Deus que abençoe mais um pra servir a Deus”, aí a outra minha amiga me escreveu, “oi Nina, o XXXX batizou, a misericórdia, ah tá bom que Deus abençoe, eu não conheço é mais um pra servir a Deus, que Deus abençoe ele” e daqui a pouco, “oh, ele pediu para mandar foto”, “eu não vou mandar foto não”.

Pesquisadora: Já estava com intenções?

Interlocutora: Falei, “olha eu não vou mandar foto porque eu não conheço ele, mas se ele quiser mandar uma foto bom é né”, aí ele me mandou foto, cabelão desse tamanho que falei “misericórdia esse aqui não”.

Pesquisadora: Não queria, não achou mais bonito?

Interlocutora: Não lembrava dele, aí mostrei para a minha amiga, “vale olha que mandaram para mim olha”, e ela falou “ah, se você não quer dá para mim”, então eu falei “ah pode pegar aí, falei tá bom”, toda a época de julho eu ia lá para Bahia, cheguei lá na casa da minha mãe e quem foi me ver primeiro o irmão dele.

Pesquisadora: Ah, nossa cheia de aventuras essa história!

Interlocutora: O irmão dele que foi lá me ver, e perguntei você não é o XXXX não né, não eu sou o XXXX, o XXXX foi lá para a casa da namorada dele, falei misericórdia e a namorada dele quem que era uma amiga minha aí está fomos né aí ele que na época ele já era crente e o irmão dele não era, só que eu gostei do irmão dele.

Pesquisadora: Você gostou mais do irmão.

Interlocutora: Aí a gente foi na igreja congregar não sei o que deram, mas que veio aí a minha irmã falou “vou marcar uma janta para a gente jantar lá e eu vou chamar ele, para vocês se conhecerem melhor”, falei “não, não precisa chamar ele não,” e não é que a sem vergonha chamou, e ele foi, aí nós chegamos lá “o XXXX você chamou ele”, “eu chamei para vocês conversar”, “eu não quero conversar com ninguém, eu não quero este, ele está namorando, eu vou atrapalhar o namoro deles para que, ele fica na dele, na paz dele, aí ele já me deu uma bala de canela, falei misericórdia, aí tá, ficamos conversando e daí ele me escreveu uma carta “Oi Nina paz de Deus tudo bem tá tatá tá você quer parar comigo”, fazer o quê, misericórdia aí eu fui no culto e pedi para ele “o que você escreveu na carta que eu não entendi?”

“Pedi se você quer namorar comigo”, daí eu falei “você sabe que eu não vou ficar aqui, eu vou embora de novo para São Paulo”, “não eu vou depois” aí eu falei não, falei para ele tá brincando o homem está correndo atrás de mim e eu não quero, aí ele foi, passou as eleições só que, assim Deus tinha confirmado para mim que tinha mostrado ele na oração tudo né, ele falou que ele queria ser meu esposo, mas Deus falou para mim que um que eu estava namorando e que eu gostava não era o meu esposo, ele é um lobo devorador ele só quer te derrubar da graça, e me mostrou ele ,me mostrou batismo dele me mostrou tudo, a família dele tudo revoltado, aí ele falou não mas eu vou, vai nada você acha que ele vai e não é que o bendito foi menina, foi, passou as eleições e ele foi, “estou aqui em São Paulo, eu moro lá em Santa Madalena”, falei “tá bom”, aí fui lá, eu sabia tudo ali né, aí fui lá ver, ele morava com os amigos dele, aí fui, ficamos conversando, namoramos o que um ano, também ficava conversando por carta e por carta e estava namorando com a outra, aí largou da outra e foi lá para São Paulo, aí nós viemos embora, aí fui embora, ele ficou para trás e ele foi no meu pai marcou o casamento e nos casamos, estamos até hoje, 37 anos de casados.

Pesquisadora: Essa paixão está durando hein!?

Interlocutora: Está durando.

Pesquisadora: Que maravilha e de que igreja vocês são?

Interlocutora: Da congregação.

Pesquisadora: Ele foi para São Paulo e de São Paulo vocês vieram para cá?

Interlocutora: de São Paulo nós voltamos para a Bahia, casamos lá, moramos por 4 anos e viemos para cá, e aqui já estamos 39 anos, estamos aqui em Curitiba.

Pesquisadora: Os filhos também?

Interlocutora: Assim, lá na Bahia eu não queria filhos, que eu não gostava de lá ainda não gosto, aí eu falei para o Senhor “eu não quero filhos aqui, se você me der um filho aqui eu vou ter que ficar aqui, porque meu marido não vai querer sair daqui, e eu não quero filhos aqui, se tu me tirar daqui hoje, me colocar em qualquer lugar que não seja a Bahia, você pode me dar um filho no mesmo dia, mas aqui não”. Ia trabalhar e colher o feijão, feijão na cabeça, arroz na cabeça, perdi o filho com 3 meses de gestação e ele não estava lá, estava em São Paulo, aí escrevi para ele, não escrevi não, a minha cunhada escreveu para ele e se eu escrever ele vai dizer que eu estou inventando para ele pedir para escrever porque não estou com cabeça para escrever, escreve aí e ela começou a escrever, chegou lá, chegou a carta na mão dele acho que não demorou uma semana, ele já estava na Bahia chegou lá rapidinho, aí nos

está com a faca e o queijo na mão, olha eu vou esperar o seu filho dela aqui vou conversar com ele e vou levar vocês lá para Curitiba e foi através disso que nós fizemos para Curitiba senão eu não teria conhecido Curitiba, aí meu irmão esperou ele chegar, conversou com ele e fomos aí ele vamos para cá aí cheguei aqui estava grávida da menina, engravidei da menina.

Pesquisadora: Já ficou grávida.

Interlocutora: Fiquei grávida da menina quando ela completou um ano e cinco dias o outro já estava chorando na minhas orelhas e falei agora eu não quero mais não, senhor não quero mais não, chega, porque eu pago aluguel, se você me der uma casa pode me dar até mais, mas pagando aluguel só quero 2, aí Deus preparou essa casa para mim, que é a minha casa hoje só que daí Deus não me deu mais filho, só fiquei com dois, aí estamos aí levando a vida.

Pesquisadora: E eles moram perto também?

Interlocutora: Tudo comigo aí o XXXX coloquei nos fundos e a menina estão em minha casa e coloquei ela em cima ela mora em cima, ele atrás e eu no meio de todo mundo, todo mundo pertinho.

Pesquisadora: E esse tempo todo onde você trabalhou, o que você fez?

Interlocutora: Eu trabalhei em restaurante, em casa de família, agora estou trabalhando na escola.

Pesquisadora: e faz tempo que você está na Limpeza 5 faz tempo que você está bem aqui

Interlocutora: Não, eu entrei fevereiro, ah faz pouco tempo.

Pesquisadora: Antes você fazia o quê?

Interlocutora: Eu trabalhava aqui.

Pesquisadora: Você já trabalhava aqui.

Interlocutora: eu trabalhava na Limpeza 2, passei para Limpeza 3 para Limpeza 4 e depois para a Limpeza 5 e faz 18 anos que eu estou aqui.

Pesquisadora: 18 anos que você trabalha nessa escola!! Nossa, é bastante tempo! já manda em tudo aqui.

Interlocutora: eu tento mandar nela, mas ela não deixa.

Pesquisadora: mas tem que obedecer, e me conta como a rotina de trabalho

Interlocutora: bem aqui limpa, varre, passa pano, limpa banheiro, e assim por diante, a limpeza geral.

Pesquisadora: você acha que trabalhar aqui por ser uma escola é melhor que trabalhar em outros lugares?

Interlocutora: olha eu acho que serviço tanto faz se aqui ou em outros lugares, o serviço é o mesmo, desde que queira trabalhar, que tenha disposição não seja preguiçoso né, porque às vezes tem serviço e a pessoa “eu não gosto desse serviço” e se ela não gosta de serviço, ela só quer dinheiro, só quer receber, eu no meu pensar eu acho que o serviço, qualquer serviço, desde que ele seja honesto é serviço.

Pesquisadora: E você é bem tratada, você acha que é bem valorizada?

Interlocutora: olha o nosso serviço na verdade é um serviço desvalorizado, é respeita mas não respeita e você vê que não é respeito, a gente nota né que o respeito é um serviço, mas o nosso serviço é um serviço honesto, o serviço da limpeza, porque se nós não existíssemos não existe limpeza e se não tivesse alguém para sujar, a gente não teria serviço não é verdade, eu sei lá, no meu pensar é assim.

Pesquisadora: Então você acha que o trabalho de vocês é importante para o funcionamento da escola.

Interlocutora: É importante, muito importante porque se a gente não estivesse aqui como iria manter as crianças limpo? Não tem como, eu acho importante.

Pesquisadora: Me conte, no trabalho ou na vida você já sofreu alguma situação de preconceito?

Interlocutora: De preconceito já, quando eu era criança.

Pesquisadora: Adulta nenhuma vez?

Interlocutora: não

Pesquisadora: Como é que você sabe, como é que foi essa situação de preconceito?

Interlocutora: Olha de preconceito como a minha mãe era branca e meu pai era preto, polaco da África, sabe aqueles urubu, conhece carcará, parece urubu é do mesmo tamanho só que é branco, aí a mulher que a minha mãe tinha me dado tinha um casal urubu e um carcará assim, e ela falou assim: “olha lá teu pai e tua mãe”.

Pesquisadora: Ela falou isso para você?

Interlocutora: “O teu pai é urubu e sua mãe era o carcará porque era branquinho” e eu respondi assim: “ah tá minha mãe pode ser, mas meu pai não, minha mãe pode ser até urubu, carcará, cobra que você quiser, mas meu pai não” eu achei um preconceito entendeu, para mim foi um preconceito entendeu, mas também só essa parte nunca mais, não tem problemas só que depois que eu cresci eu fiquei com

essa marca só que essa marca é um negócio que eu não gosto de branco, eu converso, brinco tudo, mas não desce.

Pesquisadora: Ainda bem que eu não sou branca.

Interlocutora: Eu sou realista, eu sofri muito na mão de branco e por ser abandonada pela minha mãe por ser branca eu não gosto de branco entendeu, mas eu converso, eu brinco, dou atenção tudo, respondo que tem que responder, eu faço de tudo, não deixo perceber que eu não gosto.

Pesquisadora: Entendi tudo.

Interlocutora: Mas é por causa disso daí sabe, que eu sofri muito, eu passei muita coisa com branco, fui abandonada por branco, tive que comer lavagem do branco, fui abandonada pela minha mãe que era branca, a infeliz era branca, a maldita.

Pesquisadora: E me diga uma outra coisa assim... olha, você acha que por você ser mulher você já foi desvalorizada, ou as mulheres têm os mesmos valores que os homens, o que você acha sobre isso?

Interlocutora: Olha eu acho que a mulher o mesmo valor que o homem tem, a mulher tem, é só ela querer, a mulher se valoriza porque ela se valoriza ela tem que dizer valorizam ela não pode ser tapete elas tem que ficar em cima também porque da mesma maneira que sangue corre na veia do homem, na veia da mulher, não é porque a mulher foi feita da costela do homem que ela é abaixo do homem. Ela tem que respeitar o homem, da mesma maneira, o homem tem que respeitar a mulher. Entendeu? Se ele deu tapa e ela deixou, ele vai dar segunda até a morte, mas se ela revidou ele não vai bater mais, eu acho assim, homem não me bate não. Um dia quando eu casei o meu marido falou assim “eu vou te bater”, mas sim “me bate, mas me bate para matar, mas se você me deixar eu te pego” e ele ficava e eu estava deitada na cama e a minha mãe adotiva estava sentada no banco e tinha uma mesinha assim de madeira, eu dei um soco naquela mesinha que ela ficou de pé para cima nunca mais ele falou em me bater, e se eu ficasse quieta ele ia na minha fuça, eu ia deixar? Não. Antes que o mal cresça corta a cabeça tá certo, porque muitas mulheres morrem hoje, porque apanha, porque elas têm medo de denunciar, de revidar, de falar alguma coisa e ele se ofender, se ofender nada tem que meter o cacete mesmo, é assim, é a verdade.

Pesquisadora: Essa é braba hein!

Interlocutora: Tem que ser, a gente aprende apanhando entendeu e como eu apanhei muito quando era criança eu cresci sabendo, que tem que ser assim entendeu eu não bato, eu não brigo, não faço nada, mas também não vou levar desaforo porque eu sou mulher não, você vai levar?

Pesquisadora: Eu não.

Interlocutora: Se um cara vai te dar um tapa na cara você vai deixar? Nunca, se ele te der pisão no pé ele vai levar outro, então é assim que tem que ser porque o mesmo valor que ele tem nós também tem, a mesma maturidade que eles têm nós também tem, se eles trabalham a gente também trabalha o dobro, que a gente trabalha em casa, cuida de filho e satisfação ele ainda, então por que a gente tem que apanhar deles? não, esse negócio de um tá certo, acabou?

Pesquisadora: Não, eu vou fazer mais uma pergunta, é assim como é que você me responde assim, quem é Ana se alguém perguntar quem é Ana o que você vai dizer para se descrever.

Interlocutora: Eu sou o que sou, vou morrer assim, sou uma mulher boa de coração, boa de tudo, mas não pisa no meu calo não.

Pesquisadora: É isso, mais alguma coisa que você queira me contar,

Interlocutora: Eu tiro até a roupa do corpo para dar, se me perguntar “Nina eu preciso disso e daquilo”, eu vou no mercado e compro tudo, mas não me faça de besta que se me mentiu uma vez, pode me contar mil vez que eu não acredito é melhor que não mente pra mim, pois eu não minto para ninguém não gosto de mentira, gosto sempre da verdade entendeu, eu gosto da honestidade e não me julgue as coisas sem eu dever não, porque se me jogarem uma coisa que eu não devo eu vou até inferno, mas que eu vou provar eu provo, eu sou desse jeito, eu sou o tipo da baiana que, antigamente, eu não levava desaforo para casa, por tudo que eu passei eu não levava desaforo para casa, hoje não, se bate na minha cara eu viro lado para bater, mas depois eu desconto.

De uma maneira ou de outra eu desconto, com palavras eu desconto, eu não vou bater, não vou xingar, mas eu desconto até numa brincadeira eu desconto, tá certo e naquela brincadeira pessoa vai saber porque eu estou falando, porque na brincadeira sempre tem um pontinho de verdade, de vez em quando a pessoa vai brincar comigo, eu estou analisando a brincadeira da pessoa, e eu não sou assim de brincar muito, a minha brincadeira é um pouco mais sério, também gosto da brincadeira, qué brincá comigo mas sério e não atinge eu e não atinge ninguém gosto

de uma brincadeira saudável sadia, mas passou da brincadeira e te magoei e te machucar eu não gosto.

Conversa com Mirtes em 16/10/2019.

Pesquisadora: Qual o seu nome completo?

Interlocutora: Mirtes.

Pesquisadora: Sua data de nascimento?

Interlocutora: 15/11/1985.

Pesquisadora: Nasceu em que lugar?

Interlocutora: Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo.

Pesquisadora: Faz tempo que você está em aqui em Curitiba?

Interlocutora: Tem um ano.

Pesquisadora: E como você veio de lá parar aqui?

Interlocutora: Então, eu tenho dois filhos que jogam futebol, aí eles jogam ali no Atlético Paranaense, aí eles tem 4 anos que estão aqui e agora o Atlético convidou a gente para vir morar aqui também, eu e meu marido, aí a gente veio.

Pesquisadora: Eles vieram antes os dois. Que idade tem os meninos?

Interlocutora: Um tem treze, joga no quinze, um tem quinze, joga no dezessete.

Pesquisadora: Vocês achavam que compensa largar tudo lá para ficar perto deles?

Interlocutora: É que a gente só tem eles dois né e ficar longe dos filhos, achamos que compensava vir para ficar perto deles.

Pesquisadora: E foi fácil se adaptar em Curitiba?

Interlocutora: Não, ainda estamos adaptando que lá é bem quente e a gente estranha muito o frio daqui.

Pesquisadora: É e o inverno daqui não é fácil.

Interlocutora: Não foi fácil não.

Pesquisadora: E foi fácil assim além do clima, o lugar, você mora por aqui também?

Interlocutora: Moro no Sítio Cercado.

Pesquisadora: É que o CT do Atlético é pertinho também, e eles devem ter ficado super felizes que vocês vieram?

Interlocutora: Eles ficaram.

Pesquisadora: Muito cedo para ficar longe da família?

Interlocutora: O mais velho veio para cá com onze anos, agora ele está com quinze, então ele ficou bastante tempo longe da gente.

Pesquisadora: E foi fácil conseguir emprego?

Interlocutora: Então, meu marido ele trabalha de Uber e eu trabalho aqui na escola, foi uma colega minha que me indicou. Eu comecei em fevereiro também junto com a Dandara.

Pesquisadora: Lá você trabalhava do que antes?

Interlocutora: Lá eu trabalhava em um supermercado, na limpeza também.

Pesquisadora: Que outras profissões você já teve?

Interlocutora: Já trabalhei de doméstica, em loja, fábrica de pó de café, na roça, apanhando café, capinando, já fiz um pouco de tudo.

Pesquisadora: Conta para mim como é que foi a sua infância?

Interlocutora: A minha infância foi boa graças a Deus, na roça, com mamãe e papai, a gente brincava muito, foi bem boa.

Pesquisadora: Tem irmãos?

Interlocutora: Nós somos em cinco meninas e um menino.

Pesquisadora: E sua família mora lá ainda?

Interlocutora: Mora lá.

Pesquisadora: E vocês brincavam do quê?

Interlocutora: Naquela época a gente tomava banho de rio, brincava muito, brincava na roça de capinar, fazia tudo com eles.

Pesquisadora: E vocês são unidos, se veem muito?

Interlocutora: Agora não, porque daqui até onde eu moro são vinte e seis horas de viagem, então a gente vai lá só no final do ano.

Pesquisadora: É longe né, na escola como que era?

Interlocutora: Era muito boa, pertinho de casa, eu morava na escola.

Pesquisadora: Você estudou até quando?

Interlocutora: Eu terminei o segundo grau.

Pesquisadora: Como foi seguindo na escola?

Interlocutora: Foi até terminar, inclusive eu conheci meu marido na escola, estudamos, casamos e estamos aí até hoje, 16 anos de casados.

Pesquisadora: Você sempre morou lá então, é um sítio, uma chácara, o que é?

Interlocutora: É uma cidade pequenininha tem 8 mil habitantes. Todo mundo conhece todo mundo por nome. É eu gosto porque eu cresci lá. Aqui é estranho porque lá você chega os vizinhos sai na porta, cumprimenta, conversa com você, aqui não, os vizinhos não conversam com você, mal vê os vizinhos, as pessoas daqui são bem diferentes.

Pesquisadora: E as coisas eram fáceis, difíceis, como foi a sua trajetória na escola?

Interlocutora: Assim eu sempre gostei muito de estudar, então eu me dediquei a estudar.

Pesquisadora: E você não pensou em fazer uma faculdade?

Interlocutora: Não pensei, eu queria me formar em educação física, ainda quero.

Pesquisadora: Quer dizer que você tem planos de estudar ainda?

Interlocutora: Eu tenho planos de estudar e me formar em educação física.

Pesquisadora: Me conta um pouco dessa história, desse romance seu com seu marido, vocês eram vizinhos, se conheceram na escola, me conta um pouco...

Interlocutora: Então, ele era namorado da minha prima e eu tinha o meu namorado também, aí tinha uma festa que eu não fui e meu marido agora também não foi, aí a namorada dele ficou com meu namorado. Aí nós descobrimos, depois que eles tinham ficado, aí nós decidimos ficar também, aí ficamos, aí depois começamos a estudar juntos, namoramos e casamos e támo aí.

Pesquisadora: Então foi assim, os ex juntaram vocês, eles acharam que se deram bem e vocês que se deram bem, e os filhos foram planejados?

Interlocutora: É os filhos foi por Deus, a gente namorava, aí um dia a gente foi sem camisinha e aconteceu.

Pesquisadora: A então vocês não estavam nem casados, não estava nos planos de vocês?

Interlocutora: Não, não estava.

Pesquisadora: E o outro?

Interlocutora: O outro veio com um ano e pouco de diferença. Aí depois que eu ganhei esse, eu estava tomando anticoncepcional, aí na minha cidade teve uma falsificação de anticoncepcional aí nessa época eu engravidei e ganhei o outro.

Pesquisadora: Você pretende ter mais filhos?

Interlocutora: Não, só os dois está bom.

Pesquisadora: E me diz uma coisa você já sofreu algum tipo de preconceito?

Interlocutora: Acho que na vida da gente, a gente passa bastante.

Pesquisadora: Tem alguma situação que seja mais marcante para você?

Interlocutora: Tem um dia eu fiquei muito triste, que uma casa que eu trabalhava lá e a mulher tinha uma filha, e ela viajou para os Estados Unidos e ela trouxe uma cueca para o meu menino de tomar banho na piscina, aí ela trouxe pequena, ela vestiu nele e não deu, aí eu falei assim “a cueca não deu, ficou apertada”, e ela respondeu assim “vocês são pretos, vocês tem que agradecer o que a gente dá, não falar que não deu” eu fiquei muito triste com aquilo, o jeito que ela falou com a gente.

Pesquisadora: Houve outra situação?

Interlocutora: Às vezes a gente passa, mas a gente nem liga, deixa para lá.

Pesquisadora: Você não reage quando acontece essas coisas, nunca reagiu, para essa mulher você não falou nada?

Interlocutora: Não, é que eu não sou do tipo de descontá, deixo para lá entendeu.

Pesquisadora: A gente se defronta com o preconceito com muita frequência, e sobre o trabalho aqui, o trabalho de vocês é valorizado?

Interlocutora: Assim eu acho que não é muito valorizado, mas a gente trabalha porque a gente precisa né.

Pesquisadora: Você já se sentiu desrespeitada no trabalho?

Interlocutora: Não, até que não.

Pesquisadora: Nem mesmo em outros que você teve?

Interlocutora: A não em outros muitos já, casos assim de tratar a gente mal, mas a gente precisa do emprego e a gente fica quieta né.

Pesquisadora: Que coisa, isso acontece mesmo, e eu nem te perguntei como é que você se declara, branca, preta, parda, amarela ou indígena?

Interlocutora: Eu sou preta mesmo, com muito orgulho, adoro a minha cor.

Pesquisadora: Você acha que a vida de uma mulher negra e uma mulher branca é diferente?

Interlocutora: Ah eu acho, muito diferente, as vezes você nos lugares as pessoas tratam você diferente.

Pesquisadora: Mais alguma outra situação, tratam você diferente para o bem ou o mal, de forma positiva ou negativa?

Interlocutora: Ah, negativa a maioria das vezes.

Pesquisadora: E das condições das mulheres como um todo o que você poderia me dizer, assim de trabalho, da forma de valorização, como elas são tratadas pelos homens, por outras mulheres?

Interlocutora: Então, hoje eu acho que tem muitas mulher que não se dão o valor que elas merecem entendeu, elas ficam dependendo dos homens, os homens pintam e bordam com elas, por elas acharem que dependem, mas não é assim, a gente somos mulheres, pode fazer tudo o que os homens fazem.

Pesquisadora: Ah é, e como é lá na casa?

Interlocutora: Na minha casa quem manda é eu, eu trabalho, ele trabalha, mas eu decido tudo o que a gente faz, e tudo a gente faz junto, a gente casamo para ser um, então tudo a gente decide junto.

Pesquisadora: Como é organizado o trabalho doméstico na sua casa?

Interlocutora: Lá em casa a gente divide, se ele chega em casa primeiro ele faz a janta e limpa, se eu chego eu que faço e quando os dois está a gente divide cada um faz a metade.

Pesquisadora: E os meninos não ficam com vocês?

Interlocutora: Não, eles ficam no CT de segunda a sexta, no sábado e domingo eles tão em casa, e quando eles estão em casa a gente divide, almoçamos, eles lavam a vasilha, arrumam as camas deles.

Pesquisadora: Então você não se sente explorada no trabalho doméstico?

Interlocutora: Não, lá em casa não.

Pesquisadora: E a divisão financeira também é assim?

Interlocutora: Não, eu que tenho que segurar eles porque se deixar eles gastam muito.

Pesquisadora: Então você manda no dinheiro também.

Interlocutora: Também.

Pesquisadora: Sobre o trabalho como é a rotina me conte um pouquinho... assim, se você tiver que descrever como é a sua rotina no trabalho, o que você faz?

Interlocutora: Então aqui é dividido cada um tem sua parte, eu chego de manhã cedo, bato meu ponto, olho meu banheiro, daí se é meu dia de varre lá fora, eu vou lá fora, depois a gente chega, bate o sinal, a gente lava o banheiro, limpa o pátio, aí a gente vai limpar as salas e depois almoça, e depois começa tudo de novo, banheiro, as salas, o pátio em volta.

Pesquisadora: Alguém elogia o trabalho de vocês?

Interlocutora: Que eu lembre não.

Pesquisadora: Mas alguém reclama?

Interlocutora: Não, do meu nunca ninguém reclamou não, porque eu sou do tipo que eu sei o que eu preciso fazer, eu faço direito porque eu não gosto que ninguém reclame de mim.

Pesquisadora: E qual a relação de vocês com as crianças, como que é, ou eles nem notam vocês?

Interlocutora: Não, assim eu gosto muito de crianças e tem muitas que vem e abraçam a gente, dá beijo, e onde a gente tá passeando na rua toda chique aparece as crianças e diz, “oh a tia da limpeza”, no ônibus também as crianças daqui são bem carinhosas com a gente.

Pesquisadora: E as professoras?

Interlocutora: Tem umas bem carinhosas e tem umas que nem olha na cara da gente.

Pesquisadora: Entendi, se eu te perguntar assim uma pergunta que eu fiz para a Ana, quem é a Mirtes, o que você me diz?

Interlocutora: Eu acho assim que eu sou uma pessoa muito simpática, carinhosa, um pouco boba, que deixa os outros fazer gato sapato comigo, bem espontânea.

Pesquisadora: E teus planos para o futuro?

Interlocutora: Então graças a Deus tudo o que eu planejei eu consegui, o único plano que eu não consegui é fazer a faculdade de educação física, mas o resto tudo o que eu queria já cheguei na minha meta.

Pesquisadora: Alguma outra coisa que você queira me contar?

Interlocutora: Acho que não.

Conversa com Nair em 05/10/2019

Pesquisadora: Qual é o seu nome completo?

Interlocutora: Nair.

Pesquisadora: Você nasceu quando?

Interlocutora: 26/12/1969.

Pesquisadora: Está com 50 anos?

Interlocutora: Vou fazer 50 anos.

Pesquisadora: Que cidade você nasceu?

Interlocutora: Jardim Alegre, em Bandeirantes.

Pesquisadora: É Paraná?

Interlocutora: É.

Pesquisadora: E veio pra cá faz tempo?

Interlocutora: Vim pra cá em 1988, morava no norte, em Santo Antônio da Platina.

Pesquisadora: E veio para cá por quê?

Interlocutora: Aí são vários fatores que aconteceram na minha vida.

Pesquisadora: Conte para mim!

Interlocutora: Vou começar desde a minha infância.

Pesquisadora: Pode contar.

Interlocutora: Eu tinha seis anos quando a minha mãe me doou, fui adotada por uma família de fazendeiros com seis anos, minha mãe me levou e me deixou lá e nunca mais voltou, foi me ver umas três vezes e nunca mais voltou me ver, aí meu pai foi me ver duas vezes também, ele disse que tava preso e que minha mãe tinha feito sacanagem para ele, prendeu ele, foi duas vezes me ver e também eu nem nunca mais vi ele. Daí, fiquei nessa fazenda trabalhando desde a infância, já trabalhando, fiquei até os meus 17 anos, mas eu sofria muito, trabalho bem duro mesmo, um serviço árduo, tratava os porcos, cuidava de galinha, varria o terreiro, ajudava com as vacas, cavalos, assim um trabalho bem escravizado e eu não ganhava nada por isso, e trabalhava no pesado, a gente acordava três horas da madrugada todos os dias, frio, geada, chuva todos os dias. Era eu e mais quatro meninas que essa senhora criava, só que ela era muito ruim, uma pessoa ruim, ruim, ruim, mas como eu não tinha outra opção né. Às vezes, eu fugia ia para casa da filha dela, a filha dela ficava comigo uma semana lá e depois me trazia de volta pra casa, e eu só queria sair de lá porque tinha uma revolta dentro do meu peito por causa da minha mãe ter me deixado, eu chorava toda noite e todo dia de manhã que eu levantava de madrugada que eu ia limpar as varandas, eu olhava para a estrela e pedia para ela trazer a minha mãe, mas ela não trouxe. Aos 17 anos eu conheci um rapaz na fazenda, eu pensei “que eu tinha que arrumar um jeito de sair daqui” tipo assim, eu queria e eu queria sair, eu queria sair daquele lugar, eu me achava assim que eu podia dizer explorada no trabalho tinha que trabalhar, trabalhar e não podia sair não podia nada né, o marido dela cuidava

muito bem de nós, tipo assim levava na igreja aos domingos e levava nós na cidade nos finais de semana para comprar um doce, a gente ia, só sabe não era aquilo que eu queria, eu queria a minha liberdade, eu queria viver minha vida, ter assim viver diferente. Aí eu conheci o rapaz e ela viu que eu estava interessada no rapaz e me fez casar com ele, eu fiquei com ele só dois meses, saí de lá, fui para Conselheiro Mayrinck, dois meses eu não deixei me tocar, não fiz nada com ele, ele casou comigo na igreja tudo certinho, porque ela forçou o casamento, nunca fiz nada com ele, nunca quis, daí um belo dia ele acho pensou que “tem mulher para que”, pegou e me abandonou, pegou todas as coisas e foi embora, fiquei na rua, dormi na rua, dois dias sentada na frente de uma igreja católica, não conhecia ninguém nem nada e fiquei lá na rua, aí lembrei que um dos padrinhos do casamento morava na cidade, era o prefeito da cidade, assim, deu aquele estalo, eu peguei e fui lá na casa do prefeito e contei a história, e ele disse “não Nair, você vem morar com a gente” eu tinha 17 anos “vem morar aqui com gente, trabalha aqui, eu te dou um dinheirinho”, só que esse dinheirinho nunca chegou na minha mão, lá fui eu trabalhar de novo de empregada doméstica para o prefeito e nunca ganhei um centavo, fiquei um tempo na casa do prefeito não vou te dizer assim datas porque eu não me lembro exatamente, pois eu era tipo assim leiga, não tinha estudo, não tinha nada.

Pesquisadora: Nunca tinha ido pra escola?

Interlocutora: Eu fui na escola de 1ª a 4ª série na escola rural, só que tipo assim na escola rural não é aquilo assim que você diz ah, eu não conhecia rádio, não conhecia televisão, eu nunca tinha assistido a televisão, nunca tinha ouvido rádio, até os 17 anos, eu nunca tinha visto nada disso na minha vida, eu parecia aqueles “burro tapado” que só olha para frente e anda direcionado por alguém, daí ele “não, fica aqui em casa a gente dá onde morar, dá comida, e um lugar para dormir” fiquei lá, trabalhei na casa do prefeito de Conselheiro Mayrink, depois ele pegou e falou assim “a minha filha está grávida esperando um bebê e precisa de uma pessoa que possa cuidar do bebê” daí eu passei para a casa da filha dele.

Pesquisadora: Com salário ou sem salário?

Interlocutora: Sem salário também, mais uma vez, eu estava trabalhando sem ganhar um centavo, só era para ter onde morar mesmo, porque eu não tinha onde morar, fiquei na rua. Daí eu lembrei que minhas coisas, minhas roupas, minhas coisas ainda estava tudo ainda na casa, na fazenda onde que nós estava morando eu e meu ex-marido que tinha ido embora, eu falei a eu vou lá buscar, pois eu tinha um monte

de coisas do tipo enxoval tinha tudo minhas coisas, foi lá que cheguei e lá pela minha infelicidade eles falaram que está tudo na prefeitura, essas coisas a prefeitura veio aqui recolheu e levou lá na prefeitura, eu vou fazer o que com as minhas coisas, fui na prefeitura e peguei só as minhas roupas, que as coisas que ele deixou, que tipo a cômoda que eram umas coisas assim diferente que eles compraram para a gente, eu falei que podia deixar na prefeitura para doação, pois eu não tinha onde pôr, daí depois fui morar com a filha dele, fiquei um tempo na casa dela e daí cuidei do neném, aí tudo bem, eu queria um dinheiro, só que ela falou que não podia pagar um salário para mim, mas ela podia pagar porque ela era rica, mas ela falou que não podia e falou “ah infelizmente, então você vai ter que ir embora daqui” eu “embora pra onde”, daí eu conheci uma mulher que morava ali no bairro né e falei com ela e ela disse “não, você pode ficar lá em casa até você arrumar um lugar para ficar” aí ela foi lá na prefeitura pegou minhas coisas e colocou na casa dela, pegou minhas coisas para ela, eu fiquei morando com ela, só que tipo assim, eu fiquei morando com ela, pois eu realmente não tinha onde morar. Só que assim ela era casada, mas as irmãs dela era tudo da vida e eu já não participava disso, aí comecei a sair com eles e eu comecei a me sentir incomodada, porque eu não queria sair com pessoas que não eram da minha índole, porque eu era assim uma pessoa que eu ..., depois te conto o que eu penso sobre mim, mas assim fiquei morando com ela, eu saía para trabalhar na roça pra dar dinheiro pra ela, porque ela cobrava o dia que eu ficava lá na casa dela. Eu ia trabalhar na roça colher milho, colher feijão, cortar cana, colher a berinjela ou qualquer coisa que tivesse respeito de colheita, eu tinha que trabalhar diariamente para pagar e quando eu não tinha dinheiro para pagar ela dizia a “hoje você não pode ficar aqui”, mas mesmo assim eu ficava, você tem que arrumar dinheiro para me dar, daí passou, passou, passou um bom tempo, não posso dizer assim fiquei dois, três, quatro meses na casa dela, mas assim eu não tinha noção de tempo né, daí um dia um rapaz chegou para mim e falou “Nair lá em Curitiba tem uma mulher que ela precisa de empregada doméstica, para morar no emprego não te interessa ir para lá” daí eu falei “mas aí eu não tenho dinheiro para ir para lá” aí ele falou assim “mas ela manda o dinheiro para você ir para lá” eu falei “não, mas eu nem tinha documento, não tinha documento nenhum, não tinha RG, não tinha CPF, não tinha nem o registro meu não tinha, ele falou “não tem problema eu sou de maior, eu levo você”, e na rodoviária eu não sei como eles deixaram eu vim, que eu de menor.

Pesquisadora: Nem tinha 18 anos ainda.

Interlocutora: Não tinha 18 anos ainda, eu tinha 17 anos, daí tudo nesse meio tempo, pensa. Ele pegou “a minha mãe vai conversar com ela daí qualquer coisa nós levamos você para Curitiba, trabalha lá” e falou que a cidade era grande, que eu tinha mais chance de crescer aqui, aí eu já gostei do negócio porque até então eu já estava trabalhando numa loja de calçados, morando com essa mulher, mas trabalhando na loja para a dar o dinheiro para ela, daí eu cheguei e falei para um senhor “eu acho que eu vou para Curitiba” daí ele falou “vai mesmo Nair, vai porque aqui as pessoas só te exploram” porque ele sempre sabia da minha história. Ele me dava dinheiro para eu pagar a mulher, mas também não era registrada, porque eu não tinha carteira, aí gostei que ele me incentivou, daí eu fui para Curitiba, o menino me trouxe para Curitiba, 1988 eu cheguei em Curitiba, pensa, fui direto para a casa dessa mulher, ela era delegada do Ministério do Trabalho, XXXX o nome dela, nossa nunca esqueço o nome dela. Ela chegou, conheci ela, já me levou lá na delegacia para fazer uma identidade, já me levou para fazer meu CPF, já fez a minha carteira de trabalho e me registrou na casa dela, me pagou o salário certinho. Só que como eu não sabia cozinhar ela disse “ai Nair, eu não posso ficar com você porque eu preciso que cuide das crianças e que cozinhe” que era duas crianças “que eu fico fora o dia inteiro e precisa cozinhar”. Eu só sabia fazer o básico, arroz, feijão, uma salada e ela gostava assim de coisas diferente, pois aqui em Curitiba todo mundo gosta de lanche, kibe, aquela comida gostosa né, que antes eu não sabia fazer, agora eu sei, mas antes eu não sabia, era só o bruto né, mas ela queria algo diferente né, daí até fui cozinhar na casa da mãe dela para aprender tudo, mas mesmo assim ela falou “eu vou passar você para uma costureira que é muito bacana e tal”. Lá fui eu de novo. Eu cheguei na costureira dela, Dona XXXX o nome da costureira, conheci ela e tal, e no segundo dia ela já me pediu o dinheiro que eu tinha recebido no acerto “mas você não quer me emprestar” isso no segundo dia que eu tava na casa dela.

Pesquisadora: Mas você foi pra lá para trabalhar para ela?

Interlocutora: Para trabalhar de empregada doméstica.

Pesquisadora: E ela pediu o seu dinheiro emprestado.

Interlocutora: Pediu “ai você não quer me emprestar esse dinheiro que você recebeu” porque ela sabia que eu estava fazendo acerto que a dona XXXX contou para ela. Daí eu falei assim “tá bom né”, eu era bobinha, inocente e lá fui, eu fiquei três anos na casa dela sem receber um centavo, três anos nunca me registrou, dizia que foi lá me crismou na Igreja Católica né, fez aquilo e dizia que eu era da família e

em todos os lugares que ela fosse ela ia me levar, ia me comprar roupa, comida e onde morar e por causa disso não tinha que me dar salário.

Pesquisadora: E ela te deu isso tudo?

Interlocutora: Deu, ela ia viajar pra Guaratuba eu também ia junto. Mas trabalhando. Eu entendia que era uma coisa boa pra mim né, daí a gente se mudou de lá, eu morava em Santa Quitéria e viemos morar ali na Ângelo Sampaio, no Bigorrilho. A gente estava lá, ela abriu uma loja na Avenida Batel e eu também trabalhava na loja, aprendi a costurar, trabalhava na casa dela de empregada doméstica de manhã e à tarde eu ia para a loja e fazia bordado naqueles vestidos de festa, todo bordado eu que fazia, bordava muito bem, fazia tudo no capricho para ela, para mim era normal aquilo. Daí um dia uma moça me convidou para ir à Igreja, tem uma Igreja Quadrangular no Bigorrilho, a 23ª igreja, comecei a ir, ia todo dia e comecei a gostar e tal, comecei a cantar lá na frente, daí um dia as pessoas começou a abrir minha mente, falar sobre trabalho escravo, dentro do culto. Não sei se você já participou, mas você sabe que eles falam né que “tem muita gente que vem do norte” e eles estavam comentando num culto, e isso foi para mim meu Deus do céu, isso eu estou vivendo, porque eu nunca ganho salário, eu não tem dinheiro para dar de dízimo na igreja, nem pra comprar uma bala, não tenho dinheiro pra nada. Daí tinha uma mulher que estava precisando de uma empregada doméstica, pagava bem e tal e essa moça que eu tinha conhecido ela falou assim “ai Nair, você é tão novinha, você é tão bonita, você tem que ganhar um salário mínimo”, e indicou eu para a mulher, mas daí como eu vou deixar lá a casa dela, moro lá já faz três anos, daí ela falou assim, você tem que receber, tem que ser registrada e ela foi explicando tudo para mim. Daí um dia eu trabalhando na loja peguei e falei para ela, que ela tinha que pagar um salário para mim, tinha que pagar um salário mensal para mim, pois se ela não me pagasse eu ia no Ministério do Trabalho, daí ela me ameaçou.

Pesquisadora: Você enfrentou ela, como ela te ameaçou?

Interlocutora: Daí ela me ameaçou, ela disse assim “se você for no Ministério do Trabalho eu te boto na cadeia, falo que você roubou dentro da minha loja e eu te boto na cadeia, e nunca mais você vai sair de lá porque você não tem ninguém por você” daí eu parei e pensei meu Deus do céu, fiquei tremendo, eu conheci a família dela, a família dela era de Irati, o pai dela era comandante do exército, os irmãos dela eram todos policiais, a família toda de gente poderosa e fazia só coisa errada, aí meu Deus eu sempre fui uma pessoa batalhadora, livre, nunca roubei na casa de ninguém,

todos os lugares que eu passei todas as pessoas me exploravam, naquela hora eu comecei a chorar e falei “como a senhora vai me prender”, e eu sabia que ela podia fazer isso então eu falei assim “a não, então não quero, eu vou encontrar um outro serviço e vou embora da sua casa”, ela falou assim, “você quem sabe”, daí falei com a moça “você pode falar com a mulher que precisa de uma empregada que eu vou trabalhar para ela, e pode mandar me buscar amanhã que eu vou amanhã mesmo”, daí ela pegou e falou “tá bom, você pode ir” e ela me liberou, eu peguei todas as minhas coisas, era uma malinha assim, que tinha um pouquinho de roupa lá dentro, o que eu ganhei dela eu deixei lá não levei nada, sapato, roupa, tudo eu deixei, não levei nada, nada que era dela, peguei somente as minhas coisas que eu tinha trazido. Peguei e fui morar num apartamento ali na praça da Ucrânia, pensa, a coisa mais linda, bem aquele apartamento enorme em frente da praça. Era XXXX o nome da mulher e do marido era doutor XXXX, ele era psiquiatra. Meu Deus, parecia que eu estava no céu, eu tinha meu quarto, tinha um banheiro era individual e tinha tudo para mim, chegava no dia do pagamento ela vinha com o pagamento, estava no envelope certinho, ela dava um papel para eu assinar que estava recebendo.

Pesquisadora: E isso você já devia ter uns 20 anos já.

Interlocutora: Eu já estava mais ou menos com 22 anos. Conheci ela, eu estava no céu, aquilo era perfeito para mim. Eu podia sair, voltar a hora que eu queria, isso fora do meu horário de trabalho, que eu tinha horário para entrar e tinha horário para sair também, mas eu ficava lá dentro, daí passou e ela falou “Nair, o XXXX conseguiu uma apartamento melhor e nós vamos nos mudar daqui, nós vamos lá para o Juvevê ali perto do Mercadorama Juvevê”, daí beleza, a gente foi visitar uma cobertura maravilhosa.

Pesquisadora: Você foi junto.

Interlocutora: Fui junto com ela, lá no décimo oitavo andar, uma cobertura com três andares dentro só dela, aí pensa que coisa mais linda, aí fomos quando chegamos lá ela mudou tudo, perfeito, maravilhoso. Como ali no Juvevê tem o Mercadorama e quem fazia as compras do mercado era eu, ela só assinava o cheque e dava na minha mão, olha a confiança que ela tinha de assinar o cheque e dar na minha mão, ela dizia assim “se você quiser alguma coisa pra você pode comprar só colocar na nota, eu sempre apresentava a nota de tudo pra ela, xampu, condicionador, desodorante, eu sempre comprava”, não comprava com dinheiro que ela me pagava, ela dizia para

mim que podia, eu nunca esbanjei nada, eu estava no céu e daí lá eu conheci um rapaz no mercado, toda a vez que eu ia no mercado eu conhecia ele.

Pesquisadora: Ele trabalhava no mercado?

Interlocutora: Trabalhava de fiscal de loja, e que aquele rapaz estava me seguindo o tempo todo assim, e eu já estava fechada para o amor, já não tinha olho para ninguém.

Pesquisadora: Depois daquele casamento que você teve e nunca mais você se relacionou com ninguém.

Interlocutora: Eu fiquei frustrada, não tive contato físico com aquele rapaz, mas eu continuava casada com ele, e eu conheci esse rapaz, ele ficava atrás de mim no mercado toda vez que eu ia, e eu comecei a me exhibir, tipo assim, mulher sempre joga charme, já sabia que tinha alguma coisa interessada e contei a minha história para ele, contei desde o início o que tinha acontecido comigo, tudo, daí ele assim “eu também sou separado e tenho dois filhos, mas já estou separado a um ano” e eu falei “eu bem mais, mas eu nunca tive filhos e nunca tive relação sexual com ninguém eu sou e nem tenho interesse de ter relacionamento com ninguém” porque já tava tão desgostosa da minha vida, daí ele pegou e falou assim “ah você não quer namorar comigo, porque eu estou separado e tal”, falei assim “tá tudo bem, a gente vai tentando né”, daí a gente começou a sair assim para a igreja, da igreja até na casa, daí conversei com minha patroa, ela liberou que ele entrasse lá para me visitar nos finais de semana e acabei conhecendo ele, ele ia me visitar e acabei aprontando, e na primeira aprontada que eu dei fiquei grávida, fiquei grávida do XXXX, daí falei para a minha patroa e ela ficou bem triste de ter acontecido, mas ela falou “no que você precisar eu vou te ajudar né” quando eu já estava com a barriga meia grande já ela falou “ai Nair”, ela me chamava de Nair, ela tinha muito carinho por mim, eu falei “ai eu vou ter que morar com ele porque eu estou grávida, como eu vou ter o bebê aqui” mas ela falou “não Nair, não vai morar com ele, eu compro uma casa para você, coloco tudo para você dentro da casa e você fica morando com o teu filho, se você quiser eu até adoto o XXXX” que ele já tinha nome, mas eu falei “ai não, eu prefiro morar com ele, porque ele é o pai, eu acho que vou ter mais segurança, eu nunca passei por isso né, vou ficar sozinha e esse menino sempre vai querer conhecer o pai” e daí ela falou assim “você quem sabe se você quiser ficar e não ter mais contato com ele, eu compro tudo para você, adoto o XXXX e você fica aqui”.

Pesquisadora: Mas ela não achava que ele era uma boa pessoa para ficar com você?

Interlocutora: Não sei o que ela pensou porque adotar assim, eu acho que ela queria me proteger porque ela sabia da minha história, mas eu falei “olha XXXX, eu quero ir embora com ele” ele tem uma casa lá no Abranches, eu vou morar com ele e ela disse “você quem sabe a minha proposta está aberta, você que decide o que vai fazer da sua vida, não sou eu”. Eu fui embora, isso foi em 1993, eu peguei e sai.

Pesquisadora: Esse foi o ano que o seu filho mais velho nasceu?

Interlocutora: Na verdade ele é de 94.

Pesquisadora: E ela não quis que você continuasse trabalhando?

Interlocutora: Ela quis, então ela pegou e disse “vou dispensar você antes de ter o bebê né”, eu fui pra casa, fiquei em casa porque eu já comecei a ter conhecimento mais com ele em casa, daí fui morar com ele na casa da mãe dele, aí o bebê nasceu eu peguei dinheiro com ela e dei para um rapaz que estava vendendo uma casa já pré-montada, mas já era uma casa usada e tinha que desmanchar, daí eu comprei essa casa desse rapaz, daí foram lá montar parecia duas peças, um barracão, era o quarto, a cozinha e o banheiro tudo reto, daí eu mandei fazer lá e fiquei morando lá do lado da casa da mãe dele. O bebê e eu fiquei com ele e eu voltei a trabalhar com ela, mas como diarista, porque não tinha como eu trabalha de empregada doméstica todo dia com o neném, daí voltei como diarista, só que ela disse que eu podia trazer o Edivaldo todo dia junto porque a sua babá cuidava dele. Ela tinha um neném novinho também, aí a babá em vez de cuidar do menino deixava ele sozinho, tipo assim a babá sempre falava “porque eu tenho que cuidar do filho da diarista”, ela sempre falava isso, mas ela não falava para a patroa, ela falava para mim, daí eu ia ficando meio sentida, assim e um dia eu subi no último andar, que tinha um elevador dentro do apartamento, quando eu subi no último andar eu peguei e estava meio sentida com a moça e levei o XXXX junto, e eu estava limpando o quarto da filha dela lá em cima, o meu filho estava dentro do buraco do elevador olhando, daí eu fiz assim, XXXX olha aqui para a mamãe, que era um buraco profundo se ele caísse lá iria morrer, daí quando ele olhou assim eu peguei ele abracei e pensei “ai meu deu eu nunca mais vou voltar aqui” que a empregada que não quis assim destruir a vida da empregada chegar e falar para patroa que ela não queria cuidar do meu filho, que ele estava ficando junto comigo, daí deixa a moça trabalhar aí eu voltei para casa, e voltei pra casa falei para ela que eu não queria mais, ela acertou tudo comigo e eu fui pra casa,

fiquei só em casa daí até então, fiquei desempregada, sem serviço sem dinheiro, e só fui ficando grávida.

Pesquisadora: Quantos filhos?

Interlocutora: Cinco filhos, daí eu trabalhava de diarista assim no bairro só um dia, um dia numa casa, noutro em outro lugar.

Pesquisadora: Os filhos têm idades muito próximas um do outro?

Interlocutora: Então o XXXX é de 1994, a Joana de 1996, a XXXX de 1998, o XXXX de 1999, e o XXXX de 2005. Mas assim, eu só fui tendo um filho atrás do outro e como meu relacionamento com a minha sogra é bem difícil, porque ela não gostava das noras dela né, eu tinha um problema muito sério com ela, então ela não gostava de mim também eu só vinha sofrendo, sofrendo quando achei que tinha encontrado a felicidade, eu tinha encontrado a minha infelicidade. Ele bebia muito, quando eu conheci ele já bebia, mas eu não sabia e só bebia e bebia e às vezes me pegava forçada, eu era obrigada a ter uma relação com ele e como eu me sentia no dever, porque ele me resgatou tipo assim, ele me deu onde morar, me deu meu filho, eu achava no dever que eu tinha que dar, assim ser ele era uma boa pessoa, mas ele bebia o tempo todo, então toda vez que eu tinha relações com ele era bêbado, era sempre bêbado, daí então a gente começou a discutir, quando eu estava já no quarto filho nosso, eu só tinha sofrimento na minha vida e miséria.

Pesquisadora: Ele te agredia?

Interlocutora: Só uma vez que ele me agrediu, na gravidez da Érica, mas também eu era muito difícil, porque eu era muito ruim, então a gente não se entendia muito nessa parte, ele bebia muito também e com a miséria que a gente passava, eu procurava tudo quanto era recurso de assistentes sociais tudo, tudo eu tinha.

Pesquisadora: Ele continuava empregado ou não?

Interlocutora: Ele estava desempregado também, até então depois que a gente teve o primeiro filho lá do mercado ele foi mandado embora, ele pegou o acerto dele o dinheiro, não sei onde gastou o dinheiro, em casa não foi, e a gente ficou os dois dentro de casa e eu com quatro crianças. Uma criança não estava na creche e depois quando eu já fui tendo o segundo e o terceiro também não estavam na creche, eu já estava no terceiro sem creche, aí foi aquela loucura, tipo assim ir na assistente social, ir no posto de saúde, ir na FAS para eles ver que eu estava realmente precisando, daí quando cheguei na FAS, que eles falaram que o Conselho Tutelar ia lá em casa, que iam tomar as minhas crianças, eu acordei, a assistente social falou

que ia tomar os meus filhos, eles já estava sem creche, daí eu consegui colocar tudo na creche.

Pesquisadora: Eles te ajudaram a conseguir a vaga para as crianças?

Interlocutora: Me ajudaram, a Unidade de Saúde me deu uma carta, eu fui na assistente social buscar uma cesta básica, quando eu cheguei para pegar uma cesta básica, ela me assustou, falou que alguém ia buscar as crianças, e eu fiquei desesperada e ele só na bebida, só na bebida, quando eu cheguei eu falei “não, a partir de hoje eles vão para a creche e eu vou trabalhar” e eu fui trabalhar em 2002. Cheguei numa igreja lá que eu ia todo domingo falei assim “oh eu quero arrumar um serviço e eu vou conseguir” daí estavam anunciando lá na igreja que eles estavam precisando de auxiliar de limpeza no Hospital Evangélico, e eu fui lá fazer a entrevista, contei a minha história para a assistente social de lá, daí ela pegou e falou assim “não, a gente vai pegar você”, ela chorou junto comigo com a minha história, eu falei assim “para você entender o porquê eu preciso do emprego, preciso contar a minha história desde o começo”, e ela chorou junto comigo e eu nunca tinha visto uma psicóloga e assistente social chorar comigo desde o início, daí me chamaram para trabalhar no hospital e assim foi que eu fui me estabelecendo, trabalhando na higiene.

Pesquisadora: Continuou casada?

Interlocutora: Continuei casada com ele, daí passou esse tempo até 2002, eu já tinha quatro crianças, consegui colocar na creche tudo certinho, mas ali só foram três porque o outro já estava grande, ele nunca foi para creche, o XXXX. Ele já estava na escola já, os outros foram, a diretora pegou três crianças ao mesmo tempo ela disse assim “eu nunca fiz isso na minha vida, eu vou fazer para você, pois você merece”, eu quase chorei na frente dela, porque ela pegou três, eu vou pegar o bebê de emergência e depois amanhã vai manda lá no Vila Diana, mas eu falei “diretora eu não tenho condições de levar um aqui e outro lá em cima”, porque a creche é num lugar e a Vila Diana é em outro, daí ela falou assim “amanhã cedo você esteja aqui com o bebê”, ela era bem firme assim e no outro dia cedinho eu estava lá, fui a primeira na porta da creche, deixei o bebê e daí ela bem assim “e amanhã cedo você traga as outras duas crianças” eu comecei a chorar na frente dela de alegria e, no outro dia, ela pegou as duas crianças que era a XXXX e a XXXX.

Pesquisadora: O XXXX já estava com quantos anos, por que ele já estava na escola?

Interlocutora: Ah, o XXXX já era grande, eu sei que ela pegou o bebê que era o XXXX e pegou a XXXX e a XXXX, ela pegou três crianças. O XXXX, eu acho que ele já tinha 6 anos que era escadinha, acho que ele já tinha uns 7. Pensa na minha alegria, eu trabalhando tudo certinho, mas meu marido continuava bebendo, sem serviço nem nada, passou um tempo, ele arrumou serviço, demorou, daí eu já estava colocando tudo dentro de casa, só eu. As crianças já estavam tudo bem, tudo encaminhado e estava tudo certo na minha vida, fui levantando, melhorando, mas a minha vida era só sofrimento, até chegar no Hospital Evangélico para trabalhar, mas foi difícil.

Pesquisadora: E depois o que aconteceu?

Interlocutora: Depois eu entrei no hospital, trabalhei como auxiliar de higiene e depois eu fui para auxiliar de almoxarifado. Depois recebi uma promoção que era encarregada de higiene no qual eu trabalhei até 2017.

Pesquisadora: Quantos anos você ficou lá?

Interlocutora: 14 anos.

Pesquisadora: E o que aconteceu, por que você saiu?

Interlocutora: Porque o hospital estava sob intervenção, passando uma grande dificuldade financeira e daí eles mandaram muita gente embora muito, muito, muito mesmo e as pessoas mais velhas de casa eles estavam dispensando, pois as pessoas mais velhas elas têm estabilidade, tem tempo de casa, elas ganham mais né, e vai ganhando assim um bom salário porque tem o tempo de serviço e entra como custos também e já vai aumentando cada ano. Lá no Hospital Evangélico minha vida foi construída naquele lugar, eu consegui mandar construir uma casa de seis peças quando eu pensei que a minha vida ia ser mais feliz com móveis, com tudo foi destruída, a minha vida foi destruída, eu me dediquei muito ao meu trabalho, eu esqueci que eu tinha marido dentro de casa, filhos, por dedicação ao trabalho, um dia eu descobri que ele estava de folia com uma moça que morava lá perto de casa, que era diarista, também foi a maior decepção da minha vida sabe, que eu saía de casa às cinco e meia da manhã, só voltava seis horas da tarde e meu marido de folia, todo mundo sabia menos eu, ele trabalhava de porteiro na Slavieiro, na casa de gente muito rica, na casa do dono da Slavieiro e ganhava muito bem. O salário dele eu posso dizer assim que ele comprava as coisa para dentro de casa, mas o resto eu não sabia para onde ia, ele tinha vários empréstimos dentro do trabalho e esse dinheiro nunca chegou até mim, conta da casa, de luz, telefone, água, despesas diárias de casa, era eu que

pagava porque eu tinha o meu salário, ele fazia uma compra para casa e dava dinheiro para pagar a prestação da casa e o restante eu não sabia para onde ia e eu nunca fui investigar, pois eu nunca desconfiei dele, eu achava que ele era perfeito né, a gente só brigava e brigava.

Pesquisadora: Mas ele continuava bebendo?

Interlocutora: Continuava trabalhando e bebendo. Daí chegou uma carta para mim de São Paulo, era uma carta de separação, que o meu ex-marido lá do começo estava pedindo separação, mas eu tinha enviado, já tinha pedido em 2010, já tinha solicitado a minha, em 2004 e já tinha solicitado a minha separação, porque até então eu estava casada, eu não podia casar com ninguém, não podia comprar nada, porque eu ainda estava casada lá do começo.

Pesquisadora: E o imóvel você comprou no nome de quem?

Interlocutora: Esse imóvel eu não comprei pronto eu fiz um Construcard fui eu e uma amiga que cedeu o nome dela em conjunto com o meu para eu poder construir. Foi 15 mil dela e 13 mil meu, foi a base para construir a casa. Daí eu recebi essa notificação que era uma intimação mesmo, lá no serviço que eu trabalho ainda, ele pegou e falou assim que eu tinha que responder dentro de 24 horas, se eu não respondesse dentro de 24 horas o juiz ia entender que eu ia arcar com os custos daqueles documentos, mas eu nem tenho dinheiro para arcar com os custos, né aí falei com um vizinho meu que é advogado ele fez a expedição para mim eu assinei uma procuração e já encaminhei para a Comarca de São José dos Campos onde meu ex-marido morava e eu procurando ele há tempo não descobri, mas ele me achou.

Daí eu falei “mas não é possível né, eu vou ter que ir atrás desse rapaz” eu voltei nesse documento tinha o número de telefone dele, e eu peguei liguei nesse número e a pessoa que me atendeu do outro lado, quase que desmaiou, quase que teve um infarte, quando viu que era meu nome que era eu, ele assim “mas como assim, você está se passando pela Nair, pois a Nair já morreu faz tempo” “eu não moço, você não é o XXXX, você não mandou um documento assim, eu sou a Nair sua ex-mulher eu me casei com você, eu falei o ano tudo certinho e ele desligou o celular”.

Pesquisadora: Mas ele não estava atrás de você para assinar a papelada?

Interlocutora: Sim, mas daí ele explicou, daí passou aquele dia, no outro dia eu tremia no telefone, no outro dia a mãe dele me ligou e falou assim “moça como você ousa ligar para o meu filho dizendo que é a Nair, se a Nair já morreu faz tempo”, “olha senhora, eu sou a Nair, eu posso te dizer onde eu casei, com quem” “é assim

chegou uma carta do norte que alguém tinha matado você em Curitiba e que você estava morta”, eu não estava morta, eu estava bem viva.

Aquela mulher ruim que me criou, ela inventou uma carta que eu tinha morrido, porque eu tinha direito à herança da fazenda, ela inventou uma carta de que alguém tinha me matado para mim não ter direito à herança.

Pesquisadora: Eu entendi, porque ela criou vocês como filhas.

Interlocutora: Como filhas e nós tínhamos direito eu e a outra menina, as outras duas não, porque as outras duas era filha de caseiro, e eu e a outra menina que se chamava Eliane tinha direito na herança porque a fazenda dela era imensa, extensa no norte, era a fazenda mais rica que tinha lá era a do senhor Isaque, era a fazenda Isaque Dias dos Reis, isso se você procurar na internet você vai encontrar, hoje já não existe mais a fazenda porque eles perderam, eles morreram e perderam a fazenda para a Prefeitura de Santo Antônio da Platina.

Pesquisadora: Eles não tinham herdeiros, não tinham filho?

Interlocutora: Tinha, mas eles não conseguiram pagar os impostos, então eles foram deixando, foram morrendo e aquele que ficou não foi assumindo, assumiu só a parte que era dele e deixou e o resto, eles perderam, e eu tinha direito à herança e já tinham se passado oito anos, eu só podia recorrer durante dois anos, eu não tinha mais direito.

Daí ela ficou, e eu contei para ela que eu casei tal dia, lembrava bastante o dia, daí ela falou assim “é a Nair mesmo” daí o que eu fiz naquele momento da euforia, da necessidade, que eu tinha que encontrar com ele, comprei uma passagem na rodoviária de Curitiba e fui para São José dos Campos e não avisei ninguém da minha família, quando eu estava na metade do caminho eu liguei para o meu filho assim “Edivaldo, a mãe está indo para São José dos Campos” ele deu risada e falou “mãe você está de brincadeira”, “não, eu estou indo para São José dos Campos quando eu chegar lá eu te aviso”, porque eu saí na sexta feira 9 da noite de Curitiba cheguei lá no sábado de manhã às 6h da manhã, ele estava me esperando, pois eu falei com ele e a mãe dele, estava 6 horas da manhã me esperando na rodoviária, fiquei domingo o dia inteiro com ele, de tarde eu vim embora para Curitiba.

Pesquisadora: Mas o que te motivou a ir?

Interlocutora: Olha, o que me motivou a ir foi assim, a raiva, o ódio de ter me abandonado naquela cidade e eu ter passado todo aquele ciclo de pessoas, de ter que morar de favor, não ter ganhado um centavo, acho que foi a raiva e o ódio e eu

queria olhar na cara dele e queria saber porque ele tinha me abandonado, de ter ficado dois dias na rua dormindo na frente de uma igreja, morrendo de medo, porque eu nunca tinha ficado na rua eu queria olhar na cara dele e queria olhar na cara da mãe dele, saber o que ele tinha contado, eu fui, só que a partir do momento que eu tomei essa decisão o meu ex-marido já tava de folia com uma moça.

Interlocutora: Assim, o feitiço virou contra o feiticeiro, porque assim quem parece que estava fazendo uma coisa errada fui eu, de eu ter ido atrás do cara, daí depois eu expliquei para as crianças tudo, eu fui lá na casa dele, olhei nos olhos do pai e da mãe dele, eu queria saber o que foi que ele tinha falado para eles, daí eu peguei e me abri com eles, “o seu filho me abandonou” e ele tinha contado uma outra história para a mãe e o pai dele, tinha contado que eu tinha traído ele, que algum amigo dele tinha contado que eu tinha traído ele, “mas gente como eu tava te traindo se trabalhava na casa da dona da fazenda junto com você”, porque eles me olhavam diferente, que moça do norte tipo assim era muito visada né, não podia nem olhar para outro, isso eu já tava traindo, já estava interessado em outra pessoa, mentira dele eu nunca traí ele, ele que me abandonou e me deixou sozinha, fiquei dois dias na rua, mas eu queria olhar na cara da senhora e do senhor seu José, “nunca traí o seu filho, ele contou para vocês uma história que é mentira” e ele ficou morrendo de vergonha, daí ele pediu desculpa e eu peguei um ônibus e voltei para Curitiba, quando eu cheguei ele pegou e fez as conta que eu tinha ido atrás e que eu tinha ido encontrar com meu ex-marido, e falei “e fui mesmo, fui encontrar com meu ex-marido, mas eu não sou sem vergonha, porque se eu fosse sem vergonha esse tempo todo eu não estaria sozinha, depois dele, você foi o meu segundo relacionamento e com ele nunca foi o primeiro, foi com você o primeiro, então assim não sei no que eu trai” daí ele ficou decepcionado, ficou decepcionado com a minha atitude porque ele nunca imaginava que um dia eu ia sair de Curitiba e ia atrás do meu ex-marido, daí depois passado um bom tempo eu descobri que eu já estava separada porque eu já tinha entrada né, eu já estava separada desde 2010 e nem sabia, 2016 que eu estava procurando algumas coisas que eu fui descobrir que eu estava separada, eu já estava e estava sem saber e daí ali morreu tudo, eu falei para ele assim, a partir de hoje eu não quero mais nada com você, eu vou ficar dentro de casa por causa das crianças. Assim já que se você teve seu problema lá, se você quiser ficar com ela você fica, se você não quiser é seu problema e ele “a ela é uma vagabunda” que tinha mensagem no celular dele que ele trabalhava de noite, eu trabalhava de dia que tinha mensagem no celular dele 1h da

madrugada, 5h da manhã, 3h da madrugada, então assim era uma sequência de ligação e eu vi e teve uma mensagem dela perguntando se ele ia na casa dela, e eu liguei pra ela na frente de todos as crianças. Reuni todas as crianças, liguei para ela e ela confirmou, só que ela desligou e eu nunca mais vi ela, então fiquei dentro de casa, fiquei aguentando e toda vez que eu chegava ele me tratava muito mal, até então por causa da minha ida para São Paulo, onde ele me tratava muito mal eu chegava ele falava “chegou a vagabunda, chegou o demônio, chegou a puta”, mas eu chegava e ele já estava caindo de bêbado, ele me ofendia psicologicamente, verbalmente, eu não ia aguentando, pensei a hora que eu conseguir comprar uma casa eu vou sair daqui, eu pensava no meu menino ele só tem 10 anos, que é o XXXX. Daí eu falei assim, “uma hora eu vou ter que ter coragem não vou poder ficar a minha vida inteira assim desse jeito”, eu chegava, entrava pela porta da frente e ele saía pela parte de trás, dava a volta e saía ia para o bar.

Pesquisadora: Todo dia isso?

Interlocutora: Todo dia, ele voltava caindo de bêbado daí já agredia verbalmente, já agrediu fisicamente, uma vez ele me deu um tapa na casa, eu estava grávida, e eu falei assim “hoje eu apanho mas um dia eu vou te bater, porque nem minha mãe me bateu porque eu nunca tive ela, nem meu pai nem ninguém me bateu na rua, nunca, não é um homem que vai bater em mim um dia eu revido”. Daí passou e quando um dia eu cheguei do serviço, ele estava muito bêbado e muito alterado e começou a me xingar, mas porque eu conheci uma pessoa e eu saía com ele, pra ir para a praia eu e o Bruno. Só que a pessoa que eu conhecia ele não é do sexo masculino, ele é feminino só que assim, até então ninguém sabia que era um homem trans, no nosso serviço todo mundo sabia porque tinha o nome feminino, só que assim já estava na parte de transição querendo mudar de nome e eu comecei a conhecer e ele falou, “meu pai tem uma casa na praia para você espairer”, porque ele sabia da minha história, eu tinha contado a minha história para ele na época, aí comecei a participar, aquilo me distraía demais, mas eu não sabia que iria tornar uma companheira e eu ia como uma amiga. Um dia eu fiquei na praia 13 dias junto com eles, com o pai dela, com a mãe dela, com o XXXX. Daí quando eu cheguei já tinha 13 dias que a gente tava na praia ele disse “ah tava lá dando o rabo”, daí eu fiquei chateada né, “deve estar tudo cheio de areia”, daí pensei “meu Deus hoje eu não vou aguentar” o sangue subia e eu comecei a ficar nervosa, nervosa era briga todos os dias, vai chegar um ponto que a gente vai se agredir, eu respirei bem fundo coloquei

as minhas roupas para dentro do quarto, que eu ficava com medo e me trancava no quarto, eu e o Bruno ficava com medo, as outras crianças não faziam nada e ele começou a falar, falar foi lá nas minhas roupas, pegou tudo e jogou tudo dentro da máquina e tacou Quiboa, manchou todas as minhas roupas novas, eu ia todo dia para o trabalho chorando e naquele dia eu perdi a cabeça, dei uma voadora nele, enforquei ele, quase matei ele, ele desmaio de tanto que eu enforquei ele, quase matei ele, se meu filho não viesse para salvar ele, eu estava na cadeia hoje, coisa que eu nunca fiz, ele caiu no chão só que ele não levantou mais, só me agredia com palavras sabe, ele não me bateu em momento algum.

Sabe quando o ódio é maior e você sabe que você não era aquilo, que você não é aquilo, que você é uma pessoa batalhadora, guerreira que você está cuidando, que você passou por uma decepção grande e a pessoa te falando aquilo, te xingando. Eu peguei e falei “mas eu não sou isso”, eu peguei dei uma mata leão nele que ele desmaiou, eu quase matei o homem. Daí eles chamaram o SAMU e por incrível que pareça o socorrista do SAMU era marido da minha amiga do Hospital Evangélico e ele “oh, Nair o que aconteceu” e meu filho, “fui eu que sem querer bati no pai”, meu filho querendo me proteger, “não foi você, fui eu”, daí a equipe foi lá cataram ele e eu “moço ele só está bêbado, ele não tem nada”, daí levaram ele, daí ele o socorrista falou assim “não pega o depoimento de ninguém porque eu conheço a Nair” e ela não pegou nada, só colocou lá vítima de alcoolismo desmaiada dentro de casa. Daí chegou lá no 24 horas e eles viraram a cara para mim, até meus filhos “mãe você queria matar o pai”, “não é que vocês não vê a pressão que a mãe está vivendo dentro de casa todos os dias, fisicamente e verbalmente” daí eu peguei e falei para eles assim “a mãe vai ter saí de casa, porque a mãe vai parar na cadeia e ele no cemitério enquanto ele não parar de beber”, daí eu já estava de conversa com essa pessoa e eu falei “eu não aguento mais, por favor me ajude, vamos comprar uma coisa” e ele aceitou uma comprar alguma coisa pra gente, pra mim sair daquele inferno que eu estava vivendo, daí eu consegui dar entrada, comecei a ver casas, apartamentos tudo, eu estava empenhada em ver tudo e nada parecia bom, daí quando foi um dia eu passei em frente ali em Pinhais, em frente de sobrados que estavam pronto e tinha uma luz bem grande e falei “ah vamos ver aqui”, cheguei lá tinha um rapaz apresentando, o Luís, apresentou o imóvel e daí ele falou: “ah esse imóvel é muito caro, mas eu tenho uma coisa mais barata dentro do orçamento de vocês”, fez uma

breve entrevista com a gente, daí ele foi nos mostrar no mesmo dia, menina do céu, eu nem acredito que eu consegui comprar uma casa.

Pesquisadora: em Pinhais daí?

Interlocutora: Foi essa aqui. Ele me mostrou uma casa em Pinhais, em Colombo e aqui em Piraquara, em dois lugares e a última foi essa e finalizei com essa, e no dia 11 de março de 2017 eu saí de casa. Deixei tudo as minhas coisas, deixei os meus filhos, não levei nenhum comigo, sabe assim, foi o pior dia da minha vida.

Pesquisadora: Eles não quiseram vir?

Interlocutora: Não, nenhum quis vir comigo, eles quiseram ficar junto com o pai, sabe foi a maior decepção da minha vida.

Pesquisadora: Mas por que eles não quiseram ir junto?

Interlocutora: Porque eu tive que abrir para eles que eu estava num relacionamento com um homem trans, coisa que eu nunca tinha feito na minha vida. Eu nunca fiz coisa errada, durante esse tempo todo que a minha mãe me abandonou eu sempre fui perfeita.

Pesquisadora: Ter um relacionamento com um homem trans não é errado.

Interlocutora: Mas para os meus filhos é, porque eles são tudo da igreja sabe, daí eles acham que eu estou fazendo coisa errada sabe, então esse tempo todo eu sempre fui perfeita, eu nunca me prostitui, eu nunca usei droga, eu nunca bebi, eu nunca tive um relacionamento com outros homens sabe, eu sempre fui perfeita, não sou perfeita da forma que você está achando sabe, mas eu sempre fui certinha, nunca gostei de fazer nada errado, só trabalhando e as pessoas me explorando e me judiando, e daí quando eu abri para eles parece que o mundo deles desabou, essa minha filha aqui nunca aceitou, porque assim como eu falo ela é a minha imagem e semelhança, idêntica a mim em tudo, sempre achou que era errado, a minha outra filha XXXX me mandou um texto extenso mostrando que era errado, o XXXX que é o meu filho mais velho disse “olha mãe, eu não tenho contra, vida é sua e você faz o que você quiser”, o XXXX no primeiro momento também não entendeu, o Bruno era pequeno, ele tinha 12 anos, para ele, ele dizia que eu estava sempre com ele então para ele tanto faz, mas eu não sei o que estava dentro do coração dele, pois quando eu saí de casa ele disse “eu quero ficar cuidando do meu pai”, porque ele sempre estava caindo pelos cantos, eles tinham que buscar, ele tinha medo de perder o pai e não a mãe, eu saí. Fiquei com o XXXX, consegui o tratamento no centro de Curitiba que faz o tratamento de pessoas trans para tomar medicação, acompanhamento. Ali

perto do Shopping Estação que tem o grupo. É o CEPAT. Consegui com uma moça lá do hospital né, que ela me indicou, “olha Nair se ele quer fazer o tratamento tem que fazer acompanhamento de psicólogo”, com acompanhamento diário, na verdade mensal, daí eu consegui ligar para lá, consegui marcar pra ele, consegui ajudar ele, porque ele queria mudar de nome, era tudo o que ele queria, ele tinha um nome de menina que ele não gostava muito, a voz masculina se ele ligasse para algum lugar eles não acreditava e eu que tinha que ligar sabe.

Pesquisadora: É um constrangimento.

Interlocutora: Isso, só que eu queria ajudar de qualquer forma, e eu consegui ajudar ele a mudar de nome tudo, e ele conseguiu, mudou de nome. A gente veio morar junto, ele pagava a metade, só que há um ano atrás ele comprou apartamento, ele queria, tinha o sonho de comprar um apartamento e ele falou “enquanto você estiver comigo eu vou te ajudar”, ele conseguiu comprar o apartamento, nós saímos um ano aqui e fomos morar em Curitiba e meus filhos tudo sabia do que estava acontecendo comigo, agora meu ex-marido se sabe nunca me falou nada, e se não sabe alguém já falou, que eu moro com uma pessoa trans, quando eu vou lá ele me trata bem, mas a gente não tem essa convivência de eu ligar, a minha casa continua lá, ele continua morando lá, não trabalha, não faz nada.

Pesquisadora: E quem sustenta a casa?

Interlocutora: O meu filho, o XXXX, ele está trabalhando tadinho, não está registrado, mas o dinheiro que ele ganha ele coloca dentro de casa, ele coloca comida, ele paga água, paga a luz, o XXXX ainda mora lá com a família dele, a XXXX ainda mora lá, mas logo ela vai sair porque ela está noiva, mas se ele sabe ele nunca me falou, mas agora caiu de vez na bebida está mais profundo do que antes, mas eu não faço nada porque o que eu tinha que fazer eu já fiz e o XXXX a gente ficou um ano em Curitiba, daí agora há pouco tempo, acho que no dia 11 de setembro eu vim embora pra Piraquara.

Pesquisadora: Não deu certo o relacionamento?

Interlocutora: Então, é complicado, porque influenciou tanta coisa, ficar longe do meus filhos, e lá eu não posso receber eles, porque é a casa dele e como vou levar meus filhos lá e é pequenininho, sabe esses apartamento conjugado é tudo pequeno e eu também sou uma pessoa difícil, não sou fácil de lidar, eu tenho um gênio forte, sou uma pessoa ciumenta, então tem vários fatores que ajudaram para que a gente não estivesse junto. E eu com a minha casa fechada aqui e morando lá no

apartamento dele, então tinha aquela necessidade sabe se eu queria vir final de semana aqui, ele disse porque os seus filhos não vem aqui “como é que eles vão vir aqui me ver se aqui não tem nem onde sentar e eu não posso ir para lá”, no dia 11 eu peguei tudo, as minhas coisas e vim embora, só que eu não contei para eles e por incrível que pareça ele iam vir aqui ver minhas coisas, porque está tudo aqui, só que daí o Felipe apareceu, ele almoçou, tudo, está ali, lavei a roupa dele, está no varal, mas ele sabe que a minha vida destruiu de novo sabe.

Pesquisadora: Vocês continuam juntos só que em casas separadas?

Interlocutora: Isso, mas não é a mesma coisa Lucia, tipo assim, você pensa “será que está em casa”, eu sou muito frustrada, sou muito desconfiada, por causa dos meus tombos na vida, então se você chegar para mim e falar alguma coisa eu sempre vou desconfiar, já está na minha cabeça, na minha mente eu vou ficar “será que ele está falando a verdade” isso no relacionamento eu digo, quando eu estava a primeira vez com ele eu já tinha passado por uma separação, daí ele já pegou uma moça e já ficou com uma outra moça e daí para mim foi uma traição, porque a gente nem tinha terminado e ele já estava com outra pessoa, pra mim foi uma traição, então ele se culpa por isso “eu sei que eu não devia ter feito isso e tal, porque você não merece”, então eu sempre estou desconfiada e eu acho que é isso que estraga e daí hoje eu estou para cá, não contei para ninguém, nem para os meus filhos, porque minha filha se eu falar para ela vibra, ela vai vibrar pela minha desgraça e é eu que tenho sentimento não é ela, se está errado ou não está é só eu e Deus, por eu ter um relacionamento com um homem trans, é entre eu e Deus eu vou me acertar com Deus se está errado, e se não tiver as pessoas que pensam errado.

Pesquisadora: Se não fosse os filhos você tinha ficado morando no apartamento?

Interlocutora: Tinha, tinha ficado, porque eu ia aguentar certas coisas entende, só que assim desde o dia 11 a minha vida tem virado um inferno, eu não consigo dormir, venho para casa fico sozinha, o final de semana retrasado ele veio para cá, no outro eu fui para lá e ele achou que eu ia ficar sábado e domingo, que eu já fui na sexta para lá, só que quando deu sábado me deu um desespero, eu peguei e vim embora “nossa você saiu correndo”, no domingo de manhã, eu vim embora deu 10 horas da manhã eu estava aqui em Piraquara, que eu ia trabalhar, deu 10 horas eu vim embora “poxa, mas você não vai nem almoçar”, no sábado eu tinha trabalhado, limpei apartamento, posei na casa dele sexta, fui limpar o apartamento e daí no

domingo eu ia trabalhar de diária na Limpeza 1, só que não deu certo, deu 10h eu vim embora, deu aquele desespero, eu vim embora.

E tipo assim, no Hospital Evangélico eu trabalhava de encarregada e quando eu saí de lá eu achei que ia achar serviço no outro dia, mas não, não é assim, eu fiquei um ano desempregada aqui dentro, um ano, aquela moça que você viu ali ela que me salvou, um dia eu estava deprimida aqui dentro porque ele chegava dava na minha cara, tava tudo prontinho roupa lavada, comida pronta, ele tomava o banho dele e ia dormir sabe e um dia eu estava desesperada não sabia o que fazer e aquela moça passou e “vem, Nair vem aqui vamos lá em casa que eu vou fazer um bolo para você” porque ela percebeu que eu estava meio assim chegada aqui o dia inteiro, daí fez um bolo eu já comi e me animou e sabe daí depois eu falei “gente quando é que eu vou conseguir arrumar emprego”, não conseguia e não conseguia, tudo o que me chamavam era só de noite, e eu não queria trabalhar como é que eu ia sair.

Pesquisadora: Por que aqui é muito longe né?

Interlocutora: Aham, e não tem ônibus aqui Lúcia, aqui só tem uma opção de ônibus é só o São Thiago, se você perder aquele ônibus você tem que ir de a pé daqui até lá na avenida, ou até lá embaixo no Bela Vista que é mais rápido, é vinte minutos até o terminal de Pinhais, daí eu peguei e os que chegavam era só de noite e de noite eu não queria trabalhar, dispensei bons serviços como encarregada noturna, daí o que aconteceu, uma moça que trabalhava na Limpeza 1 me indicou lá na PF, indicou “tem uma moça assim e assim que está desempregada, você não quer pegar ela para encarregada”, que era minha amiga, uma sargento do exército, “ah eu vou ligar para ela e tal” e me ligou “Nair você não quer trabalhar na Limpeza 1, “do que que é”, “eu não sei vaga do que tem, manda o seu currículo no Whatsapp que eu vou mandar meu marido levar na PF e ele entrega para a encarregada”.

Interlocutora: Daí mandei pelo Whatsapp dela, ela imprimiu e mandou o marido dela levar que ele é policial lá, ele levou e entregou para a encarregada. A encarregada no outro dia me ligou e eu fui trabalhar na Limpeza 1 lá na PF.

Interlocutora: Fica ali na linha, ali na Avenida das Torres, na Linha Verde. É perto do Big Torres. Daí fui lá na Limpeza 1 fazer entrevista, e eu achei que era encarregada e daí quando fui passar lá no exame médico ela falou, mas não é encarregado, é servente, não interessa, o importante é estar trabalhando, fui trabalhar na PF.

Pesquisadora: Isso faz quanto tempo, foi isso quando?

Interlocutora: Foi 2017. Não, foi em 2018, fez um ano em fevereiro. Foi em fevereiro de 2018, fez um ano em fevereiro de 2019, e eu até hoje não peguei férias, fui trabalhar na PF, fiquei três meses só, porque lá é assim, é um lugar que você ganha bem, só que a encarregada sempre coloca pessoas que ela quer. Porque lá tem uma percentagem mais é 30 por cento de periculosidade.

Pesquisadora: Entendi, faz diferença no salário.

Interlocutora: Faz, faz boa diferença, e ela chegou e eu nem queria ficar lá porque assim não pode conversar com ninguém, e eu já gosto de conversar com todo mundo, de dar risada e lá não pode conversar com ninguém, é só policial, só pode entrar limpar e sair, daí eu falei não quero ficar aqui, foi a pior coisa que eu falei que não queria ficar ali, daí passou três meses mandaram me tirar de lá, fui lá para o Lar das Meninas, no Novo Mundo. Fiquei seis meses lá.

Pesquisadora: E você morando aqui?

Interlocutora: Morando aqui, na PF fiquei três, no Lar das Meninas fiquei seis e depois eu saí do Lar das Meninas e fui para a creche. Eu fui para a creche lá no Centro, só que quando eu fui para a creche do Centro eu já tinha saído daqui, eu estava lá no Cajuru, já estava lá, fui morar com o Felipe. Nossa, mas lá na creche eu me apeguei muito com as crianças, pois eu ia trabalhar e me apeguei muito com as crianças porque eu lembrava dos meus filhos.

Pesquisadora: Você gostava de ficar com as crianças?

Interlocutora: Meu Deus, eu interagia o tempo todo, daí tinha um rapaz que fazia filmagens, ele filmava as crianças e tirava fotos das crianças que era para o serviço dele também, ele estava fazendo estágio e tem que fazer esse tipo de coisa, um dia ele chegou e pediu para mim, “ah como é o teu nome, e por que você não faz uma faculdade para professora?”, “ah porque eu não tenho interesse, “ah pois você leva tanto jeito com as crianças, você interage com eles e eles gostam tanto de você que parece que nossa, você é super querida” porque as crianças me chamavam pelo nome o tempo todo, “oi tia Nair”, “oi Nair”, eu ficava lá em cima sabe, me sentia valorizada pelas crianças, eu lembrava dos meus filhos, aquele amor pelas crianças. Acabei saindo de lá também, fiquei três meses também lá, três meses de março a julho, deu mais né, uns quatro meses.

Pesquisadora: Foram quatro meses.

Interlocutora: Daí ela me tirou de lá, que tinha uma moça que morava lá em Itaperuçu e não fazia conexão, eu falei “nossa uma vida de uma pessoa estraga a da outra”, ela me tirou de lá e colocou lá no CMEI que é lá no Uberaba.

Pesquisadora: E é fácil você chegar lá?

Interlocutora: Não, porque eu tenho que levantar 4 horas da madrugada daqui pra pegar o ônibus, de 5h, daqui ele vai até o terminal, chegando no terminal já desço correndo dele e pego o Pinhais - Piraquara e vou até o terminal de Pinhais, ele demora 40 min até lá, e tenho que ir de pé, porque você sabe que os ônibus daqui é cheio, chego no terminal 6h, tenho que correr para pegar o Pinhais - Rui Barbosa que sai 6h, chego no Capão da Imbuia tenho que pegar o Centenário, do Centenário já desço correndo para pegar o de 6:38, Lá do Centenário pego o do Boqueirão, já desço correndo até a creche senão eu chego atrasada 5 min, todo dia, uma luta, mas eu estou gostando de trabalhar lá, porque é criança também, já fiz amizade com as crianças e já tô me identificando, então fui pra lá dia 5 de julho.

Pesquisadora: E as professoras, a diretora, as pedagogas te tratam bem?

Interlocutora: Nossa, meu Deus do céu, eu falo para as pessoas que você tem que tratar as pessoas bem, não pode trazer os seus problemas para dentro do trabalho, você tem fingir que não está acontecendo nada, que dentro está tudo bem, mas às vezes não está bem, então depois que aconteceu isso no dia 11 de setembro eu fui obrigada a me abrir para a diretora, eu não queria expor a minha vida pessoal para ninguém, mas eu não expus a vida dele, eu só falei que tinha acontecido um problema e que eu precisava porque até então eu estava entrando oito horas que eu saí do Cajuru e era pertinho do Cajuru é super perto e como aconteceu isso eu peguei e me abri para a diretora, pensa que amor a diretora ela disse assim “ai Nair eu nem te conheço, mas eu gosto bastante de você como pessoa, eu vou te ajudar, vou conversar com a supervisora para mudar o seu horário para às 7h”, “é que agora eu moro lá em Piraquara, eu não vou conseguir vir de a pé de lá até aqui”, eles pagam uma passagem só, eles pagam uma passagem para você ir e uma para você voltar, eles não pagam quatro passagens para você andar bem de ônibus, pois empresa terceirizada é assim, porque eu não gosto de contar minha vida pessoal eu estou contando para você, pois é uma pesquisa, é uma coisa que interessa a você, quando a Fabiana me ligou eu disse que não tem problema.

Pesquisadora: É assim, o teu nome vai ser preservado.

Interlocutora: Não tem problema em momento algum, não tenho problema com isso. E voltando lá no início, não no início, mas na metade da conversa, eu tinha um sonho na minha vida, todos os dias eu pedia a Deus que antes de eu morrer eu queria encontrar meus irmãos, pois eu sabia que eu tinha irmãos, eu pedia para Deus “você não me deixa morrer sem encontrar meus irmãos, minha mãe, meu pai, eu preciso encontrar ela, porque eu quero olhar para a cara dela e eu quero saber porque ela me abandonou, o que foi que eu fiz”, eu sabia que ela tinha ido embora para São Paulo com meu avô, ela já tinha mandado prender o meu pai por estupro e era mentira, porque ela não aguentava apanhar do meu pai, porque meu pai batia nela sabe, eu lembro que a minha mãe apanhava com o facão, com as costas do facão sabe, mas até então não entendi porque ela apanhava, hoje eu entendo, eu como criança eu passava a noite inteira segurando uma vela para o meu pai fazer a rede de pesca, então não tinha como ele estuprar nenhuma criança de noite porque ele estava comigo, eu era maior já tinha entendimento e eu pedia “Deus eu quero encontrar a minha família, eu quero, eu quero” tinha essa necessidade dentro do peito, eu não posso morrer sem antes saber o que foi que aconteceu. E há um ano eu estava indo trabalhar lá no Lar das Meninas e eu recebi uma mensagem no Messenger de uma pessoa desconhecida, você sabe quando aquela pessoa te manda uma mensagem que não aparece na mensagem aparece como mensagem enviada restritamente.

Pesquisadora: Sim.

Interlocutora: Fulano de tal te mandou uma mensagem.

Pesquisadora: Que ele não é seu amigo.

Interlocutora: Isso que não é seu amigo, mas aparece lá que ele te mandou no privado uma coisa assim, daí eu olhei meio assim “mas eu não tenho essa pessoa” e naquele momento acabou o meu crédito e eu fui numa banquinha e coloquei crédito, mas pensei assim, nem vou olhar, era 6 horas da manhã, eu estava lá no terminal do Portão, mas eu vou olhar essa pessoa me mandou mensagem de manhã estava escrito assim “oi, meu nome é” ela colocou o nome dela se identificou, ela escreveu tudo errado deve ser de algum lugar que ela não sabe o que está escrevendo “tem uma irmã e um irmão seu te procurando”, na hora meu corpo gelou, meu coração parecia que ia sair e minha mão estava tremendo, pensei mas essa moça está brincando comigo, eu li de novo, eu li a primeira vez eu não entendi, então eu prestei atenção, tem um irmão teu e uma irmã sua te procurando no Facebook, numa página de Facebook num grupo, daí eu li de novo e pensei que essa pessoa estava brincando

comigo mas eu vou tacar a boca nela porque isso não se faz, peguei e respondi ela, daí ela depois pegou e mandou uma foto minha do meu casamento, nem eu tinha essa foto, nunca tinha visto essa foto, nunca nada, porque tudo de foto que eu tinha o meu primeiro marido levou embora, eu não sei o que ele fez, eu não tinha nada.

Pesquisadora: Essa alguém deve ter fotografado, uma outra pessoa e guardou a foto.

Interlocutora: Não, foi o meu irmão que tinha a foto, daí peguei entrei em contato com a pessoa, “você só pode estar de brincadeira comigo porque como é que você sabe dessa história”, daí ela perguntou, “mas você não é Nair”, “sim, sou Nair, a sua mãe é tal seu pai é tal, “sim, sim”, então o seu irmão é fulano de tal, a sua irmã é fulana de tal, eu vou mandar para você, ela tirou print do Facebook dele, do Facebook dela e me mandou, quando eu olhei assim parecia que eu estava olhando um espelho, olhei assim é a minha cara, é a minha irmã, na hora assim eu chorei no terminal, chorei, chorei, “Deus obrigada por atender o meu pedido” e na hora eles já me mandaram mensagem, na hora aquele dia foi o dia mais feliz da minha vida, a agora em julho fez um ano que ele vieram aqui e assim eu encontrei com todos os meus irmãos, todos.

Pesquisadora: E agora você sempre entra em contato?

Interlocutora: Não. Porque fez uma bagunça na minha cabeça, umas pessoa tão problemáticas, pessoas que viveram com a minha mãe e todos eles foram vítimas de estupro, judiados sabe.

Pesquisadora: Quem estuprou?

Interlocutora: O ex marido dela, tudo estupradas as meninas, são tão lindas as minhas irmãs, mas a minha mãe permitiu que isso acontecesse com elas, uma coisa dessas virou uma bagunça na minha cabeça, o meu irmão até já matou uma pessoa, morando junto com a minha mãe, o meu outro irmão foi estuprado pelo marido dela, morando com ela e ela permitindo isso acontecer com eles, com meus irmãos e eu falei para eles que eu fiquei sozinha na minha vida, não tive nenhum de vocês na minha vida, nem a minha mãe e não permiti que ninguém fizesse isso comigo, eu nunca fiz nada de errado, porque vocês permitiram isso né, mas eles “é que a mãe”, “não tem nada de que a mãe”, e eles são problemáticos, são pessoas maravilhosas mas são tudo cheio de problemas, daí eu meio que me afastei deles, começaram a se intrometer na minha vida, começaram a xingar o XXXX, falaram assim para a minha irmã “vai lá XXXX, salva a nossa irmã daquele sapatão”, jamais que eu vou deixar que

humilhem ele, porque ele já é discriminado pela sociedade, por ele ser quem ele é, mas assim eu jamais vou deixar que humilhem uma pessoa sendo que nem conhece, colocada sobre um extensa uma vez mandaram um print, pensei “ai chega, eu não quero isso para a minha vida”, eu falo só com uma, que é de outro relacionamento dela, que não do mesmo pai, mas a minha mãe faz 18 anos que morreu.

Pesquisadora: Ela morreu do quê?

Interlocutora: De câncer do útero.

Pesquisadora: Mas os filhos já eram todos adultos?

Interlocutora: Todos grandes, e todos odeiam ela e tudo o que eu queria ter na vida era ela, porque eles odeiam ela, por ela permitir que o marido dela estuprasse eles entendeu.

Pesquisadora: São quantos irmãos?

Interlocutora: Nós somos em 8, nós éramos em 6, daí ela teve um outro relacionamento e teve um menino e uma menina. Então assim, eu fiquei muito feliz, mas muito feliz de ter encontrado eles, mas ao mesmo tempo decepcionada com a minha mãe, muito decepcionada com ela por ter permitido isso.

Pesquisadora: E por que é que ela ficou com os outros filhos e você ela deu?

Interlocutora: Eu queria saber sabe, porque ela deu tudo nós.

Pesquisadora: Ah, ela deu todos os filhos.

Interlocutora: Deu, ela deu eu, a XXXX, o XXXX, o XXXX, que nós éramos em quatro, ela deu a XXXX são cinco, tem mais dois, ela deu as cinco crianças, só que ela passou pegando todos eles.

Pesquisadora: De volta?

Interlocutora: Ela pegou, o XXXX que era bebê, ela pegou a XXXX, o XXXX ela deixou com o padrinho, ela pegou a XXXX e ela pegou a XXXX. Então a XXXX, a XXXX, o XXXX, o XXXX e a XXXX, cinco, ela pegou cinco crianças e levou embora para São Paulo, a sexta criança ela deixou.

Pesquisadora: Você era a mais velha?

Interlocutora: A XXXX era a mais velha, eu era abaixo da XXXX.

Pesquisadora: Entendi, a segunda mais velha.

Interlocutora: Isso, mas a sexta criança ela deixou, ela só levou cinco crianças com ela, foi duas, três vezes me visitar, a primeira vez foi numa boa, a segunda foi numa boa e na terceira ela disse “a minha mãe vai poder mais vim te visitar” e não voltou nunca mais, nunca mais, eu estava esperando ela até o ano passado, sabe o

que esperar de uma pessoa que vai num lugar que te deixou e diz “ a mãe vai ali e já volta” e nunca mais voltar, eu esperava ela, todos os dias exatamente desse jeito, eu cresci, trabalhei, tive filhos, mas na minha memória, na minha mente eu estava sentadinha naquele lugar esperando ela me buscar. E quando eu conheci eles, e me contaram que fazia já 18 anos que ela morreu, naquele dia acabou a minha espera, porque não tem como ficar esperando uma coisa que já morreu né, mas até então eu queria perguntar porque ela levou todos as cinco crianças e a sexta ela deixou, qual foi o motivo, hoje eu entendo o porquê ela fez isso comigo, pois eu sabia da verdade, eu sabia que o meu pai não tinha feito nada para a XXXX, que não tinha estuprado, e porque ela que levava a menina para se prostituir com outros homens e ela quis incriminar meu pai, ele bateu nela e ela quis incriminar o pai e ela mandou prender meu pai e eu falei com meus irmãos, eu ainda não encontrei com a XXXX, eu não encontrei com os outros dois irmãos do outro relacionamento e com o meu outro irmão, então tem quatro pessoas que eu ainda não conheço, mas tem dois que vieram me ver, que estavam me procurando, o XXXX e a XXXX, só o que mais me decepcionou neles, porque assim, você é uma irmã que estava do lado e XXXX também veio me ver e daí perguntou assim “XXXX o que você sentiu ao ver a Nair?”, daí ela disse assim “eu não senti nada porque eu não tive convívio com ela”, precisava ela me contar isso sabe, e aquilo me doeu sabe porque eu lembrava de todos eles porque saía pedir comida para eles, eu que dava alimento para eles, então assim eu senti muita falta deles, eles não porque eles estavam o tempo todo juntos e eu estava sozinha, eu fui criada sozinha, sem nenhum contato com ninguém, nunca imaginei que um dia eu encontraria eles, nunca, daí ele meu irmão falou do XXXX e precisava ela contar para mim, que era sapatão, que era um bicho feio e precisava ela me contar isso, não precisava, porque ia magoar o meu coração, ia mexer comigo, me expôs no Face, escreveu no Facebook “ah minha mãe abandonou os filhos e agora minha irmã está fazendo a mesma coisa, abandonando os filhos por causa de homem se é que é homem”, me expondo numa página de Facebook, eu que nunca me expus, sempre fui reservada, nunca gostei de me aparecer para ninguém. Você acha que é correto, acha que eu vou ter a mesma sensação de alegria, não! Está expondo a minha vida pessoal ela, daí eu cortei relacionamento, eu falo só com uma que era filha de outro relacionamento da minha mãe, que é a XXXX, essa eu mando mensagem de manhã, converso com ela, mas não comentei nada do que aconteceu com os outros irmãos, porque não é do meu feitio jogar um contra o outro, ela perguntou porque eu me afastei

e eu falei que era porque eu estava confusa, a minha cabeça está confusa e a hora que eu melhorar eu vou voltar a falar com eles, e eu não preciso expor a vida, e o Fernando disse que era para mim ter falado, mas eu falei não, eu não preciso, porque uma hora eles vão saber a verdade e que não seja por mim.

Pesquisadora: É, tem que se fortalecer.

Interlocutora: Tem que se fortalecer e a minha vida é essa, não sei o que vai ser amanhã.

Pesquisadora: O que você espera no futuro, tem alguma perspectiva?

Interlocutora: Olha, no meu futuro eu gostaria muito de voltar a convivência que eu tinha com os meus filhos, sabe isso é o que eu espero, não tem coisa melhor do que você ter um relacionamento bom com eles, sobre a vida pessoal eles deviam entender também, mas acho que talvez mais tarde eles vão entender que o que eu fiz, foi no momento do desespero, não vou dizer que me arrependo, não me arrependo, porque eu conheci um lado meu que eu tinha preconceito, eu era preconceituosa, eu tinha pavor desse tipo de pessoas, e hoje é assim eu digo que a gente morde a língua, falar que a gente não gosta, Deus te apresenta, o Diabo te apresenta e você cai, eu não me arrependo, foi a melhor experiência que eu tive né e se tiver que ficar, vou ficar e se não tiver o que eu posso fazer né, eu espero que ele seja muito feliz, não é o que eu quero, mas espero que ele seja feliz, eu já falei que se não for comigo que seja com outra pessoa, mas que essa outra pessoa não desvalorize a pessoa que ele é, sabe porque o preconceito é grande e que não deixa a pessoa destruir tudo aquilo que eu consegui para ele, que foi apartamento, a mudança de nome, então minha esperança é essa que eu seja uma pessoa cada vez melhor, que eu mude esse jeito, que eu não sofra tanto mais, eu quero ser feliz, eu acredito no amor, mas está difícil, mas eu acredito sabe, então é isso que eu espero.

Pesquisadora: E sobre o trabalho, te deixa feliz, você está bem, não está?

Interlocutora: No meu trabalho eu gostaria de melhorar sabe, eu gostaria de melhorar, eu gostaria de terminar o meu segundo grau, porque eu vejo assim que o meu ensino médio não está concluído, e no trabalho não te valorizam tanto. Eu tive uma função dentro do hospital como encarregada, mas porque eles não exigiam segundo grau, mas agora nesse mundo de fora eles exigem, eu gostaria de terminar o meu segundo grau e assim terminar o médio, assim que você faça alguma coisa melhor, que o salário que eu ganho lá na Limpeza 1 só dá para pagar minha casa e minha luz, não sobra um real para eu me comprar alguma coisa diferente, se eu quiser

eu tenho que fazer crochê, não sei se você viu no chão tem um tapete bonito, sou eu que faço, para mim poder comprar um batom para comprar coisas sabe, então ter um trabalho melhor é sempre maravilhoso, de ter uma condição melhor e poder dar alguma coisa para o meu filho, porque ele está lá com o meu marido e ele não dá nada, eu que tenho que batalhar para poder dar alguma coisa para ele ou deixar ele sem e eu posso dar uma ajuda para ele porque ele é meu filho, ter um trabalho melhor maravilhoso, eu faço de tudo.

Conversa com Sandra no dia 23/02/2020.

Pesquisadora: Qual o seu nome completo?

Interlocutora: Sandra

Pesquisadora: Você se declara branca, preta, parda, amarela ou indígena?

Interlocutora: Negra

Pesquisadora: Como é que você prefere ser chamada?

Interlocutora: Sandra.

Pesquisadora: Sua data de nascimento?

Interlocutora: 23/11/82

Pesquisadora: Você nasceu onde?

Interlocutora: Em Curitiba mesmo.

Pesquisadora: Você sempre morou aqui nesse bairro?

Interlocutora: Sim, só que mais pra frente, depois que a gente veio para cá.

Pesquisadora: Sua família mora por aqui?

Interlocutora: Sim, meu irmão aqui do lado e a minha mãe aqui na frente, minha irmã mora em Piraquara, nós somos em três irmãos.

Pesquisadora: Como era a sua vida na infância?

Interlocutora: Foi uma infância tranquila, tinha as coisas que a gente tinha e outras que não podia ter, pois éramos em três filhos né, tinha coisas que meu pai podia dar, tinha coisas que não, meu pai e minha mãe sempre se esforçaram bastante para dar o melhor para nós, na medida do possível.

Pesquisadora: Qual a profissão deles?

Interlocutora: Meu pai era amador, já faleceu faz dez anos e minha mãe sempre foi zeladora, sempre foi da parte da limpeza.

Pesquisadora: Que idades têm os seus irmãos?

Interlocutora: Meu irmão XXXX está com 38, minha irmã XXXX está com 40 anos e eu com 37.

Interlocutora: Eu e meu irmão nascemos no mesmo ano, só que ele nasceu em janeiro e eu em novembro.

Pesquisadora: Vocês eram muito unidos?

Interlocutora: Sempre, até hoje, a gente tem as nossas brigas de irmão, um fica brabo com o outro, até a minha irmã ficou braba comigo esses tempos atrás, não conversou comigo uns dias por causa do relacionamento do marido e eu e ela ficou chateada mas agora sempre ali sabe, família unida um conta com o outro.

Pesquisadora: Como era a rotina de vocês quando eram crianças, o que vocês faziam, brincava do quê?

Interlocutora: Sempre com as brincadeiras de criança mesmo, ficava brincando na rua de bets, de vôlei, ia na escola às vezes, a gente ia para projeto que tinha pastoras sabe, aprender a fazer tricô, crochê, sempre assim.

Pesquisadora: Na pastoral da Igreja?

Interlocutora: Isso, a Pastoral do Menor que tinha na igreja, a gente aprendeu a fazer tricô, bordar, mas eu não gostava muito, essas coisinhas assim.

Pesquisadora: E na escola onde você estudou?

Interlocutora: De 1ª a 4ª série estudei no Renê Reis, daí depois fui para o Nathalia Reginato, terminei lá.

Pesquisadora: Você fez ensino médio?

Interlocutora: Terminei o terceiro ano.

Pesquisadora: Não quis fazer curso superior?

Interlocutora: Não. Não gostava muito da escola. Eu fiz assim para terminar, para mim ter sabe.

Pesquisadora: Seus colegas de escola, como era a relação com eles?

Interlocutora: Eu sempre fui assim de poucas amizades, tinha uma ou duas, mas eu nunca fui de conversar, de ter muitas amizades.

Pesquisadora: Por quê?

Interlocutora: Não sei, não porque não gostasse, mas não sei o porquê.

Pesquisadora: Como era tua relação com as professoras?

Interlocutora: Sempre foram boas, sempre foram normais assim.

Pesquisadora: Você era uma boa aluna?

Interlocutora: É fui, só não gostava muito de matemática. Eu só reprovei um ano na quinta série, o resto fui bem.

Pesquisadora: Nunca enfrentou preconceito na escola?

Interlocutora: Só tinha umas pessoas que não gostavam da gente por causa da cor mesmo, não conversava, mas eu também não converso.

Pesquisadora: E como você sabe que era por causa da cor?

Interlocutora: Porque a gente meio que sente, as pessoas meio que olham diferente, ainda mais quando era criança né, a gente vê só pelo jeito de olhar pra gente.

Pesquisadora: E a tua família, já sei que você cresceu com três irmãos, um pai e uma mãe, e no casamento quantos filhos você tem?

Interlocutora: Tenho uma menina de 8 anos e nós estamos há 10 anos juntos, eu e meu marido, ele tem uma outra menininha de um outro casamento.

Pesquisadora: É você quem cuida dela?

Interlocutora: Não, ela vem de vez em quando aqui.

Pesquisadora: E pretende ter outros filhos?

Interlocutora: Eu pretendia, mas agora já não veio, a XXXX já veio prematura, ficou dois meses internada e eu tenho medo de engravidar e passar tudo o que eu passei com ela, ela nasceu com um quilo, ficou 57 dias internada.

Pesquisadora: Foi uma gravidez difícil?

Interlocutora: Não, foi uma gravidez assim sossegada, mas eu peguei a bactéria da meningite, daí passei para ela, daí ela nasceu prematura um quilo e ficou 57 dias internada.

Pesquisadora: Ficou com sequela a menina?

Interlocutora: Não, graças a Deus não. Única coisa que nasceu foi assim o dedinho torto com um osso a mais, mas fez cirurgia para arrumar está meio torto ainda, mas só isso. Perfeitinha, agradeço a Deus todos os dias por isso, porque tem crianças que nascem prematuras, nasce com algum problema e ela não.

Pesquisadora: Me diga uma coisa, você acha que o fato de você ser uma mulher negra faz diferença na sua vida, já interferiu em algum momento?

Interlocutora: Não.

Pesquisadora: Nem na escola, nem na hora de procurar um emprego, nem com vizinhos?

Interlocutora: Não, todos os empregos que eu arrumei eu fui assim super bem tratada, não me trataram com diferença, aí me olharam assim “ai essa é negra”, não, agora esse é o terceiro emprego que eu entro registrada, nesse quesito eu não senti.

Pesquisadora: Você está no seu terceiro emprego, o que você já fez?

Interlocutora: Eu era plastificadora em uma gráfica, fiquei 11 anos, aí saí por causa da Belle, a minha nenê, daí entrei em uma reciclagem aqui embaixo, mas não era registrada e agora estou nas escolas, eu entrei na primeira empresa tem um ano e agora estou em outra, na escola também.

Pesquisadora: Sempre na mesma escola?

Interlocutora: Não, eu estava no Escola 1 que é aqui embaixo e agora estou no Escola 2 lá em cima.

Pesquisadora: Você gosta do trabalho?

Interlocutora: Gosto, é um serviço bem sossegado.

Pesquisadora: Por qual empresa você está?

Interlocutora: Estou pela Limpeza 2.

Pesquisadora: A Limpeza 2 é uma empresa nova?

Interlocutora: Não, acho que ela já tem um tempinho, porque tem meninas que trabalham treze anos já.

Pesquisadora: É que às vezes muda de empresa né?

Interlocutora: É eu estava na Limpeza 3 e ela perdeu a licitação e agora eu estou na Auxiliar.

Pesquisadora: Quando a empresa perde a licitação demite as trabalhadoras. A outra empresa que ganhou contrata as trabalhadoras?

Interlocutora: Sim, se a gente correr atrás, porque eu tive que correr atrás para trabalhar nessa, porque eles perderam a licitação, a gente ficou a ver navios, se não tivesse corrido atrás a gente tinha ficado sem emprego, daí a gente correu atrás porque a gente ficou sabendo que ela ganhou e a gente conseguiu.

Pesquisadora: E daí, é fácil a contratação?

Interlocutora: Sim.

Pesquisadora: Pelo mesmo salário?

Interlocutora: Pelo mesmo salário, agora teve um aumento, era R\$ 1210, foi para R\$ 1270.

Pesquisadora: Que outros benefícios vocês têm?

Interlocutora: Vale-alimentação, e quem pega vale-transporte, mas como a gente trabalha perto daí a gente não pega o vale-transporte.

Pesquisadora: Você considera que é um bom salário?

Interlocutora: Eu acho que é, porque a gente não trabalha tanto, não se mata tanto. Eu gosto de trabalhar lá porque tem as vantagens também, tipo nas férias a gente fica de férias, feriados a gente não trabalha, agora eu vou trabalhar só até quinta-feira e em outros trabalhos a gente tem que trabalhar no domingo e sábado, e sábado, domingo, feriado é ruim para quem tem criança sabe, fica muito largadinha, daí agora eu gosto, é um trabalho digno como qualquer outro, como eu falo para as meninas, eu não tenho vergonha, ela dizem “aí você tem estudo, o que você está fazendo aqui”, “fia é o que tem, eu vou agarrar e o importante é eu sustentar a minha filha e ajudar o meu marido”.

Pesquisadora: E você já tentou achar trabalho em outras áreas?

Interlocutora: Tentei na mesma área que é a minha, auxiliar de produção, não consegui, mandei um monte de currículos, fiquei um tempo, mas não consegui, daí apareceu esse no Sinefácil, marquei entrevista e fui lá no dia e consegui, aí eu peguei.

Pesquisadora: Por que você acha que não consegue pegar trabalho na mesma área em que você já trabalhava?

Interlocutora: Estava muito difícil, muito concorrido, a área mais concorrida era auxiliar de produção, daí as outras coisas eu não tinha interesse, vendedor essas coisas, eu queria algo na área de produção e essa área de limpeza eu nunca tinha trabalhado, foi o ano passado e agora de novo.

Pesquisadora: E você acha que você se adaptou bem?

Interlocutora: Sim.

Pesquisadora: Você acha que você é respeitada no seu trabalho?

Interlocutora: Acho que sim, mas eu não deixo abater porque eu estou na limpeza, sou negra que vão para cima de mim entendeu, eu me ponho no meu lugar, respeito as pessoas, mas se as pessoas começarem aí eu luto por mim entendeu, sabe não deixe me bater, eu falei para o diretor que eu não me sentia menor do que ninguém ali, menor que as professoras, a diretora, ninguém, se elas me respeitassem eu respeitava elas, se eu estiver certa eu debato, sabe eu procuro os meus direitos, sou ruim nessa parte.

Pesquisadora: E as professoras você se relaciona bem, tem alguma amiga entre as professoras?

Interlocutora: Tenho, tenho umas amigas aqui do Escola 1, a vice-diretora era bem minha amiga, a coordenadora também, bem gente boa, a Professora 1, a Professora 2 aqui do Escola 1. Agora as professoras do Escola 1 também passam dando bom dia meninas, acho que eles tratam eu igual as outras meninas.

Pesquisadora: E as crianças têm proximidade com elas?

Interlocutora: Algumas, vem e diz “oi tia da limpeza”, eu acho tão bonitinho quando elas falam tia da limpeza.

Pesquisadora: Você gosta?

Interlocutora: Sim, eu acho tão bonitinho, esses dias uma mandou um bilhetinho para nós, está no meu celular, a gente se sentiu assim sabe, é bom a gente ser reconhecida, a menininha mandou para nós e deixou lá entregou para a gente, eu acho que antigamente tinha mais assim “aí aquela lá trabalha na limpeza” coisas assim, mas agora eu acho que não tem tanto.

Interlocutora: Nossa a gente ficou tão feliz, pronto ganhamos o dia, eu coloquei no meus status, as meninas colocaram no Facebook.

Pesquisadora: Que bom né, mas isso aconteceu só dessa vez ou acontece com frequência?

Interlocutora: De um ano que eu estava nunca tinha acontecido, aconteceu agora no Escola 1, mas as crianças sempre respeitam “a tia da limpeza e não sei o que, dava tchau, abraçava” nunca as crianças trataram mal a gente sabe, nessas duas escolas que eu estou, não sei nas outras, no Escola 1 as crianças são mais amorosas. No Escola 2 elas são mais recatadas, vem abraçá a gente, assim chama a gente quando derruba alguma coisa para poder limpar.

Pesquisadora: Você gosta?

Interlocutora: Eu gosto bastante.

Pesquisadora: E quais os seus planos para o futuro, o que você pretende da vida?

Interlocutora: Assim como você diz?

Pesquisadora: Assim você deve projetar planos de trabalho, de família?

Interlocutora: Criar minha filha, ela ter os estudos que nem a gente teve, ter as minhas coisinhas, trabalhar para ter minhas coisas, que tenha o melhor que sempre a gente quer e é isso ir vivendo, trabalhando, vivendo, se caso sair desse e arrumar um outro emprego sabe, não sei quanto tempo eu vou ficar na escola, mas sair

arrumar outro emprego, tentar se arrumar um emprego melhor bem, se continuar na mesma área também bem.

Pesquisadora: Como é o relacionamento de vocês com a empresa, você acha que a empresa respeita os direitos de vocês, pagam salários certinho?

Interlocutora: Essa empresa que eu estou vai fazer um mês agora dia cinco a outra empresa que a gente estava, aquela era feroz, aquela atrasava vale-alimentação, atrasava pagamento, agora essa que eu estou dizem que ela é muito boa, que ela é muito certinha, ela paga tudo certinho, eu não tenho como dizer porque não recebi nenhum salário ainda, mas a princípio ela está tratando a gente bem, pois está em processo pela outra empresa, o rapaz disse que se a gente precisasse sair para a gente resolver o problema da outra empresa podia, mas não todas juntas, porque ela está na Justiça agora para a gente receber.

Pesquisadora: Ah, vocês não receberam, tiveram que entrar com uma ação na Justiça?

Interlocutora: O sindicato entrou com uma ação na Justiça, depois a gente foi sacar o nosso dinheiro do FGTS, cinco meses em atraso que eles estavam depositando.

Pesquisadora: Eles não depositaram? Ficaram devendo salário?

Interlocutora: Eu só saquei aqueles 500 reais que tinha, só que de um ano agora foi na última vez sacar tinha umas mulheres que não tinha nada para receber, tinha uns que tinha só 98 reais. Daí tá no sindicato, pegaram a causa de todas, fizeram a rescisão, mas também não recebemos o valor da rescisão, tá esperando, dizem que a Prefeitura pagou para a empresa e a empresa não pagou e agora a Justiça bloqueou os bens da empresa até pagar nós.

Pesquisadora: Mas essa empresa fechou?

Interlocutora: Tá aberta ainda. Tão trabalhando também, porque eles têm o posto de saúde, têm as escolas e os posto de saúde, agora não sei como é que vai fazer, se eles vão continuar com o posto, ou se vão perder.

Pesquisadora: É que são secretarias diferentes acho que são licitações diferentes.

Interlocutora: Sim.

Pesquisadora: Então eles receberam e não pagaram os direitos trabalhistas de vocês.

Interlocutora: Teve uma vez que eles estavam demorando para pagar o nosso salário e até o sindicato estava entrando com ação, mas daí eles disserem “até a hora vai cair”, mas eles são bem ruim para pagar.

Pesquisadora: Você trabalhou em outros lugares, você era auxiliar de produção, agora trabalha na escola, você acha que é diferente trabalhar o ambiente de trabalho em escola e trabalhar em outros lugares?

Interlocutora: Aí eu acho que é né porque na escola eu trabalho com pessoas, muito mais pessoas e eu trabalhar na gráfica era eu e uns seis só dentro da gráfica e é só o serviço lá dentro, e aqui não, é tudo assim você vai na secretaria, vai nas salas, vai no pátio vai em tudo né e lá onde eu trabalhava na gráfica só dentro da gráfica, só via só aquelas pessoas todo dia e ali você vê gente todo dia.

Pesquisadora: Você acha que qual dos dois é melhor?

Interlocutora: Para falar a verdade eu gosto dos dois, porque ali na escola eu me sinto à vontade sabe, pois não tem aquela pegação no pé da gente, a gente faz as coisa sossegada, até na outra escola ali é sossegada.

Pesquisadora: Quando tem evento na escola, que tem festa ou reunião vocês são chamados para participar ou não?

Interlocutora: Somos, nessa escola a gente foi bem tratada, a diretora chamou a gente para tomar um café do começo assim sabe, chamou a gente para tomar café junto com eles, tudo o que eles comeram, elas deram para nós. As meninas falou assim “nossa a gente aqui junto dos professor”, e eu fiquei de boa, não vou me sentir porque sou da limpeza, não vou ficar escondida não.

Pesquisadora: Mais alguma coisa que você queira me contar, que você acha importante?

Interlocutora: Não.

Conversa com Odete no dia 21/09/2019

Pesquisadora: Qual é o seu nome?

Interlocutora: Meu nome é Odete.

Pesquisadora: Odete se você tiver que declarar a sua raça ou cor vou te dar cinco opções: branca, preta, parda, amarela ou indígena?

Interlocutora: Me considero preta.

Pesquisadora: E qual que é a tua data de nascimento?

Interlocutora: 17/04/71.

Pesquisadora: Nasceu onde?

Interlocutora: Nasci em Assis Chateaubriand.

Pesquisadora: No interior do Paraná?

Interlocutora: Isso.

Pesquisadora: Faz tempo que você está por aqui?

Interlocutora: Vim para cá com 5 anos de idade.

Pesquisadora: Veio com a família?

Interlocutora: Com a família.

Pesquisadora: Cinco anos era criança ainda.

Interlocutora: Criança.

Pesquisadora: Como é que foi, como é que foi essa tua infância? Pois os primeiros anos de vida você passou lá em Assis Chateaubriand e como que era?

Interlocutora: Bem, que na verdade a minha infância não me recordo muito mais eu me lembro mais o adulto, criança não lembro muito.

Pesquisadora: Você morava com seu pai, com a sua mãe?

Interlocutora: Morava com a minha família.

Pesquisadora: Quantos irmãos?

Interlocutora: A gente é em quatro.

Pesquisadora: E daí veio a família toda para cá?

Interlocutora: Veio a família toda por causa do problema no meu rosto né, vieram para cá por causa do recurso que seria melhor para cá né, do que onde a gente morava, para poder fazer o tratamento, só que chegando aqui a gente descobriu que a minha idade não dava para fazer cirurgia, porque eu era muito pequena. Daí foi indo, foi indo e a gente continua morando aqui nunca mais voltamos para o nosso lugar.

Pesquisadora: Eles vieram para tratar a sua saúde e vieram com a família toda?

Interlocutora: Vieram com a família toda!

Pesquisadora: E a profissão dos seus pais?

Interlocutora: Meu pai era lavrador e minha mãe também.

Pesquisadora: E daí chegaram em Curitiba foram trabalhar em quê?

Interlocutora: Foram trabalhar como lavador também, que antigamente tinha algumas roças ainda por aqui, e hoje não tem mais.

Pesquisadora: Em que lugar?

Interlocutora: Boa pergunta, agora não me lembro bem.

Pesquisadora: E seus irmãos moram aqui ainda?

Interlocutora: Dois sim e o resto são falecidos.

Pesquisadora: Seus pais estão vivos?

Interlocutora: Não, falecidos também.

Pesquisadora: Moram perto de você seus irmãos?

Interlocutora: Meu irmão mora perto.

Pesquisadora: Vocês são bem unidos ou não?

Interlocutora: Somos.

Pesquisadora: Você lembra das brincadeiras de infância?

Interlocutora: A de brincadeira assim me lembro que eu pulava elástico, amarelinha, água, essas brincadeiras eu lembro, de Roda Cutia.

Pesquisadora: E a vida de vocês era boa, tranquila, tinha condições assim nunca passaram necessidade?

Interlocutora: Bem difícil. Passar eu posso dizer que não, mas era bem difícil.

Pesquisadora: Teus irmãos são mais velhos, mais jovens?

Interlocutora: Eu sou a mais velha.

Pesquisadora: Então se você chegou com 5 anos os outros eram bebês ainda.

Pesquisadora: Mais alguma coisa da infância que você se lembre?

Interlocutora: Não, que eu me recorde assim não e tenho a cabeça meio né.

Pesquisadora: Você nasceu com esse problema?

Interlocutora: Nasci com este problema.

Pesquisadora: O que que os médicos diziam sobre isso?

Interlocutora: Que é uma carne esponjosa né, que cresceu ali e a cirurgia tinha que ser aqui em Curitiba.

Interlocutora: Que a situação daqui seria melhor. Mas acabou que fiz tratamento um tempo acabei desistindo e não quis seguir mais.

Pesquisadora: Mas cirurgia então nunca chegou a fazer?

Interlocutora: Nunca cheguei a fazer, eu fiz tratamento um tempo que daí quando eu fazia tratamento depois de adulta eu engravidei e tive que parar, acabei engravidando, e eu tomava anestesia geral, então tive que desistir depois eu não tive mais coragem de voltar.

Pesquisadora: Por que era doloroso o tratamento?

Interlocutora: Era doloroso. Na época que eu fazia era doloroso. Hoje pode ser se eu voltar não é mais, se não mudou, mais agora não preciso mais dele não.

Pesquisadora: Não teve mais interesse?

Interlocutora: Não tenho mais interesse, porque acho que tudo que eu tinha que fazer foi feito meio caminho andado né, agora voltar depois de bem velha já né, mexer numa coisa que Deus me deixou assim né, para tentar consertar vai que eu estrago, fica pior.

Pesquisadora: Você tem medo?

Interlocutora: Não é medo.

Pesquisadora: Acostumou-se?

Interlocutora: Acostumei essa é a palavra.

Pesquisadora: Não te incomoda?

Interlocutora: Não me incomoda.

Interlocutora: Nem o preconceito das pessoas não me atinge, então nasci, cresci, então é uma parte da minha vida que não me atinge.

Pesquisadora: E dá e da escola você lembra alguma coisa?

Interlocutora: Da escola, sim eu lembro que na época que eu estudava a tiração de sarro né que toda vida existiu né, mais disso.

Pesquisadora: Das crianças?

Interlocutora: Das crianças mais, mas eu sempre tentei levar minha vida se não tivesse nada que eu fosse perfeita.

Pesquisadora: Você estudou até que série?

Interlocutora: Esse eu estudei pouquinho. Até o segundo ano....

Interlocutora: Esse foi pouco.

Pesquisadora: Aprendeu a ler e escrever?

Interlocutora: Não, a ler leio tudo, na escrita num vai.

Pesquisadora: É e assim e por que que você não estudou mais?

Interlocutora: De preguiça né. (risos)

Pesquisadora: É

Interlocutora: De preguiça.

Pesquisadora: Teus pais insistiam para você ir para a escola?

Interlocutora: Insistiam muito, porque o que eles eram lá atrás eles não queriam para os filhos né.

Interlocutora: Mas os filhos muito teimosos né, num seguiu em frente, e na verdade nenhum dos filhos deles teve uma capacitação assim né, seguiu adiante, nos estudos no caso.

Pesquisadora: Você lembra de alguma coisa das suas professoras, da escola, onde você estudou?

Interlocutora: Lembro vagamente, assim eu acho que é uma professora de matemática que eu tive, que ela parece que gostava mais de mim, tudo que ela fazia era ao meu redor, eu não sei, ela tinha um carinho especial por mim, disso eu lembro mas não me recordo o nome dela, mas foi no bairro mesmo ali onde eu moro.

Pesquisadora: Lembra o nome da escola?

Interlocutora: Acho que foi no que é novo agora Andreta...

Pesquisadora: Andreta...

Interlocutora: Andreta ali eu estudei.

Pesquisadora: Que acho que não é municipal né deve ser estadual?

Interlocutora: Eu não sei que o que ela era, não sei que escola que era.

Pesquisadora: É então essa professora foi especial?

Interlocutora: Foi especial, mas eu não me recordo o nome dela foi especial, mas não me recordo o nome.

Pesquisadora: E das lições se lembra alguma coisa se era fácil ou difícil?

Interlocutora: Era fácil.

Pesquisadora: E os colegas?

Interlocutora: Tinha bastante colegas assim que era bem próximo, mas tinha aqueles uns que também não se enturmavam, não ficava ali junto.

Pesquisadora: Provavelmente os colegas da escola eram os vizinhos ou não?

Interlocutora: Da vizinhança, a maioria era da vizinhança mesmo.

Pesquisadora: E nem depois de adulta você quis estudar mais?

Interlocutora: Pois é, agora está me dando vontade de voltar, mas não sei se tenho coragem.

Pesquisadora: Por quê?

Interlocutora: Porque quando eu tive meu filho eu achei que não ia porque meu filho era pequeno, agora já dá para deixar em casa sossegado que dá para confiar, deixar ele só, agora está dando vontade, mas eu não sei se eu quero isso.

Pesquisadora: Bem, eu fiquei muito tempo sem estudar né e voltei a estudar agora estou gostando bastante.

Interlocutora: Tá gostando?

Pesquisadora: Dá trabalho, mas é bom a gente aprende um monte de coisas novas.

Interlocutora: Então tô com vontade, mas não sei se é de boa né.

Pesquisadora: São quatro irmãos, seus irmãos morreram de quê?

Interlocutora: Não sei.

Pesquisadora: Ah não sabe também?

Interlocutora: Um foi assassinado aqui no bairro onde a gente mora.

Pesquisadora: Adulto já então?

Interlocutora: Adulto.

Interlocutora: Agora o restante eu não sei.

Pesquisadora: É só mais um né daí que faleceu?

Interlocutora: Nós éramos em cinco na verdade.

Pesquisadora: Um então deve ter falecido criança?

Interlocutora: Um deve ser criança.

Pesquisadora: E teu pai e tua mãe como é que eram, muito bravos, bonzinhos como é que era a educação?

Interlocutora: A mãe era boa, o pai era meio rígido.

Pesquisadora: Rígido?

Interlocutora: O pai era, bem rígido, a mãe era pessoa boa.

Pesquisadora: O que ele exigia de vocês, o pai?

Interlocutora: O pai? A que estudasse, que não ficasse na rua, não conversar com qualquer um, esse negócio de pai, pai e mãe, que antigamente não tinha esse negócio de violência, mas ele já não gostava muito, que levasse a criança para dentro de casa, coisa assim.

Pesquisadora: Que tipo de mulher é a Odete?

Pesquisadora: Pensa um pouquinho.

Interlocutora: Ai meu Deus.

Pesquisadora: É se você tiver que explicar quem que é a Odete, do que você gosta, o que você faz, o que você acha certo ou errado?

Interlocutora: Agora tu me pegou muié.

Interlocutora: Que que eu acho errado, é pegar as coisas dos outros, no caso tá precisando de alguma coisa vai lá empresta ou pede não pegar nada dos outros, deixa eu ver que mais que eu não gosto, ai minha filha essa pergunta é muito difícil.

Pesquisadora: Difícil?

Interlocutora: Risos, difícil.

Pesquisadora: Você disse para mim que na escola algumas crianças tiravam sarro né de você.

Interlocutora: Sim.

Pesquisadora: Você já percebeu que algumas pessoas tinham preconceito ,que tipo de preconceito é?

Interlocutora: A eu não sei se era por causa da minha cor, se era por causa do meu defeito que eu tenho, não sei te explicar.

Pesquisadora: Tem alguma situação assim que você lembre, mais assim... mais forte, tem uma lembrança de uma situação concreta que aconteceu com você?

Interlocutora: Deixa eu ver se eu me recordo.

Pesquisadora: Pensa, nós temos tempo.

Interlocutora: Eu acho que é por causa da pobreza.

Pesquisadora: É você se lembra de alguma situação de preconceito por causa da pobreza?

Interlocutora: Eu acho que é mais por causa da pobreza.

Interlocutora: Primeiro a cor e a segunda, a pobreza.

Pesquisadora: Primeiro a cor e a segunda, a pobreza.

Pesquisadora: Você acha que a cor e a pobreza ... você sofreu mais preconceito por causa da cor e da pobreza do que por causa do teu problema no rosto?

Interlocutora: Eu acho que sim.

Pesquisadora: Tem alguma situação por causa da tua cor que você se lembra de alguém ter falado alguma coisa ou alguém ter impedido que você fizesse alguma coisa ou fosse em algum lugar?

Interlocutora: Não de ir em algum lugar não, não lembro disso, não me recordo.

Pesquisadora: Como é que você sentiu, como é que você sabia que você estava sofrendo um preconceito?

Interlocutora: Porque quando se juntava alguém sempre me deixava de fora, vai fulano e beltrano e você fica aí, então as vezes não me deixavam participar né.

Pesquisadora: Mais isso na escola, com os amigos, no trabalho?

Interlocutora: Não no trabalho não nunca tive isso daí, essa dificuldade aí, porque hoje eu trabalho em grupo, mas toda vida eu trabalhei só, hoje eu trabalho em grupo né, antigamente eu era diarista.

Interlocutora: Então nunca tive esse preconceito com a equipe de trabalho no caso.

Interlocutora: Onde que eu trabalho não sinto isso, entre as salas, nas amizades não sinto isso.

Pesquisadora: Você acha que a cor e a pobreza prejudicam ou não prejudicam uma pessoa?

Interlocutora: Não prejudica! Em meu ponto de vista não interfere em nada. As minhas amizades toda vida foi de branco. Toda vida convivi com pessoas de pele mais clara né. E daí eles usavam aquele tom “a negra”, as palavras que eles usam né, sobre o tom de pele. Outro detalhe que as pessoas sempre tinha dinheiro pra lanche, compravam lanche e eu nunca tinha, por isso eu me refiro a isso entendeu? Que é a cor e a pobreza.

Pesquisadora: Os dois juntos provocam preconceito?

Interlocutora: Isso.

Pesquisadora: Você acha por exemplo que se você fosse rica, mesmo sendo negra, você acha que se você fosse rica, você não ia sofrer preconceito?

Interlocutora: Talvez.

Interlocutora: Então você acha que a cor e a pobreza fazem ou não fazem diferença na trajetória de uma pessoa?

Interlocutora: Depende do ponto de vista da pessoa, daí eu tipo assim pela cor eu já me senti mal e pela pobreza também, não é meu ponto de vista eu assim transmitir entendeu, mas eu me acolhendo sobre isso. Entendeu.

Pesquisadora: Como é que é assim esse negócio de você se acolhendo?

Interlocutora: É eu pensando, tipo assim, eu pensando de você para mim não muda nada, mas os outros pensam de mim entendeu, você pensando em mim, no caso.

Pesquisadora: Alguma vez você já esteve em algum lugar assim onde o fato de você ser negra ou ser pobre te deixasse mais tímida, por exemplo?

Interlocutora: Já, eu só não posso citar se é pela pobreza ou pela cor.

Pesquisadora: Ou as duas talvez??

Interlocutora: Isso mesmo.

Pesquisadora: Você lembra de alguma história dessas?

Interlocutora: Assim, assim, não, não me recordo não.

Pesquisadora: Você começou a trabalhar com que idade?

Interlocutora: Acho que 13,14 anos, eu já comecei na lida.

Pesquisadora: Começou fazendo o quê?

Interlocutora: Quando eu tinha 13, 14 eu trabalhava de ajudar as pessoas idosas na beira de casas do meu bairro onde morava. Não tinha a água e nem luz e a bica de água para ir buscar água era longe e as pessoas idosas não podiam, então eu fazia aquilo e ganhava uns dinheirinhos para ir baldear água para eles.

Pesquisadora: Eles te davam dinheiro...

Interlocutora: Davam um trocadinho e eu buscava água para eles, pois antigamente no bairro não existia água. Só existia uma mina e a mina era longe, daí eu fazia esse tipo de serviço, daí dos 15 anos em diante eu comecei a cuidar de crianças, e virei babá.

Pesquisadora: Na tua casa ou na casa das patroas?

Interlocutora: Às vezes na casa das patroas, as vezes era em casa mesmo, e daí eu fiquei um par do tempo cuidando de criança dos outros, daí com o tempo fui trabalhar de doméstica e trabalhei de doméstica um par de tempo também, daí virei diarista, foi quando em 2011 eu consegui esse emprego daí, que é o do CMEI, daí depois eu não saí mais.

Pesquisadora: Qual que é a empresa que você trabalha?

Interlocutora: Limpeza 1.

Pesquisadora: As outras funcionárias também fazem tempo que estão lá?

Interlocutora: Tem uma que é mais velha do que eu ainda. Daí o restante delas são novas.

Pesquisadora: É comum as suas colegas de trabalho ficarem bastante tempo num emprego assim como você e sua amiga?

Interlocutora: Antigamente era, hoje não muito né, hoje é mais por contrato. Faz um contrato fica ali um ano ou você volta ou você não volta mais.

Pesquisadora: Ai eles vão renovando os contratos, como é que é?

Interlocutora: Antes era fixo em carteira assinada hoje é mais o contrato, você tem o contrato por um ano, um ano, suponhamos daí ali tem muitos que voltam e muitos que não voltam, despedida e não voltam mais. Entendeu.

Pesquisadora: É um ano e no final desse contrato elas são demitidas...

Interlocutora: Isso...

Pesquisadora: E algumas são recontratadas de novo e outras não?

Interlocutora: Isso mesmo.

Pesquisadora: Contrato só dura mais um ano?

Interlocutora: Mais um ano.

Pesquisadora: E qual é a diferença?

Interlocutora: Como assim?

Pesquisadora: É assim vocês ganham mais ou ganham a mesma coisa?

Interlocutora: Na verdade, agora que eu estou com contrato, mas dizem que ganha menos, eu não sei.

Pesquisadora: Por contrato ganha menos?

Interlocutora: Ganha menos. Que daí tem o contrato ali quando você é despedido você pode voltar ou não. Diz que o governo está fazendo isso para diminuir os gastos, não sei se é verdade porque é o primeiro ano que eu estou em contrato aí não sei.

Pesquisadora: Há quantos anos você trabalhou fora desse contrato no regime tradicional de trabalho?

Interlocutora: Eu trabalhei de 2011 até o ano passado.

Pesquisadora: Foi você quem quis fazer isso?

Interlocutora: Não, foi eles. A firma né, a empresa.

Pesquisadora: E o que que eles disseram para você?

Interlocutora: Que eles estavam fazendo manda embora, mandou todo mundo embora, eu não sei se a firma tinha perdido a licitação o que que aconteceu, daí quando mandaram a gente embora eu e as duas mais velhas e as outras duas mandaram de manhã e no outro dia ele vai contratar de volta, ligaram para nós de volta e recontrataram nós duas e a encarregada também, a encarregada tinha uns 3 anos de casa, então eu não sei porque eles estão fazendo isso, mas tão fazendo agora.

Pesquisadora: Vou voltar um pouquinho. Você trabalhou como babá, depois foi trabalhar como mensalista, como empregada doméstica.

Interlocutora: Como empregada doméstica.

Pesquisadora: E daí você era registrada tudo direitinho ou não?

Interlocutora: Empregada doméstica eu fiquei um par de tempo deixa eu ver, fiquei, entrei lá quando meu filho mais velho tinha acho que 3 anos ou a menina dela

tinha 3 anos, eu cuidava da menina dela, eu fiquei lá acho que foi por volta de uns 12 anos por aí.

Pesquisadora: No mesmo lugar?

Interlocutora: No mesmo lugar. E daí quando eu acabei entrando nessa firma que daí eu fui uns tempo assim para ela de diarista, de sabadeira, daí não quis mais, acabei cansando, falei: “ah não adianta e ir por ir e ganhar pouco não resolve” e acabei desistindo de vez, daí não fui mais e hoje em dia eu só tô nesse serviço mesmo.

Pesquisadora: Quantos filhos você tem?

Interlocutora: Eu tenho três filhos, mais só que de gestação eu tive 4, eu tive um aborto espontâneo que seria do filho mais velho, e daí eu tenho três meninos.

Pesquisadora: Que idade eles têm?

Interlocutora: O mais velho tem 24, tem um que vai fazer 18 agora em novembro e um de 16.

Pesquisadora: Tão crescido já.

Interlocutora: Tudo grande.

Pesquisadora: Você é casada?

Interlocutora: Mãe solteira.

Pesquisadora: Criou eles sozinha ou os pais ajudaram?

Interlocutora: Sozinha, mais sozinha.

Pesquisadora: E os pais, me conta essa história, como é que eles são filhos de três pais diferentes?

Interlocutora: Não. O primeiro é de um que já falecido, os dois pequenos é de um único pai.

Pesquisadora: Foram teus namorados?

Interlocutora: Ah, foi um caso só né. Foi um caso curto, que eu considero curto.

Pesquisadora: O que é um caso curto?

Interlocutora: Que não durou muito.

Pesquisadora: Por que você acha que não durou?

Interlocutora: Não durou, ah, não sei, não durou.

Pesquisadora: E você não gostava dele?

Interlocutora: Eu gostava.

Pesquisadora: O que aconteceu? Não quer me contar a história desse romance?

Interlocutora: É assim ó: cada vez que eu dava uma saída que eu ia num baile e daí se encontrava e a gente ficava junto, se encontrava de novo e ficava junto e daí teve um tempo que a gente ficava junto mais tempo, foi aí que rolou as crianças.

Pesquisadora: Eles assumiram essas crianças, cuidaram delas ou deixaram você sozinha com eles?

Interlocutora: Sozinha, o pai dos dois menores era um pai mais presente assim, mas acabou arrumando outra e acabou também outro e do mais velho tive pouco contato que daí em seguida ele já morreu também...

Pesquisadora: Ele morreu logo que o menino nasceu?

Interlocutora: Morreu quando ele tinha acho que 3 anos de idade, 3 para 4 anos.

Pesquisadora: Você sofreu muito nesses relacionamentos?

Interlocutora: Dos dois mais pequenos sim. Eu acho que sofro até hoje.

Pesquisadora: Ainda está apaixonada?

Interlocutora: Eu acho que ainda gosto.

Pesquisadora: E você sabe dele, não conversa, não tem contato?

Interlocutora: Antigamente tinha, hoje em dia não.

Pesquisadora: Ele nem procura os meninos?

Interlocutora: Procura, vem pra cá, procura, leva com ele, ele não mora aqui também.

Pesquisadora: Não mora em Curitiba?

Interlocutora: Não mora, ele foi embora daqui. Tem outra família.

Pesquisadora: Você não pensa em arrumar um outro namorado?

Interlocutora: Deixa ficar quietinha no meu canto.

Pesquisadora: Por quê?

Interlocutora: A não sei, não me apego a mais ninguém.

Pesquisadora: Me conta sobre seus meninos, o que eles fazem?

Interlocutora: Só estudam. O mais velho é casado, o mais velho trabalha...

Pesquisadora: Estuda também?

Interlocutora: Estudava, agora ele desistiu.

Pesquisadora: Você já é avó?

Interlocutora: Já sou avó.

Pesquisadora: Como é que é ser avó?

Interlocutora: É uma maravilha.

Pesquisadora: Tem quantos netinhos?

Interlocutora: Eu vou ter dois, tem um de quatro meses, tem um agora do filho mais velho.

Interlocutora: A menina acho que está grávida de uns quatro ou cinco meses.

Pesquisadora: Então não nasceu ainda.

Interlocutora: Não nasceu.

Pesquisadora: Então os meninos só estudam?

Interlocutora: Só estudam.

Pesquisadora: Tão fazendo o quê?

Interlocutora: Ensino médio.

Pesquisadora: Os dois. Um está no 1º e outro no 2º.

Pesquisadora: Vamos voltar a falar de trabalho. Quando começou na Limpeza 1, sempre trabalhou no mesmo CMEI?

Interlocutora: Isso. A gente trabalha em outro para só para fazer cobertura, quando chega o final do ano ou na metade do ano se eles não quiserem dar férias, eles te mandam fazer cobertura em outro lugar, já trabalhei em abrigo, já trabalhei CELEPAR, já trabalhei no Bosque do Papa, já trabalhei no IML, nesses lugares aí.

Pesquisadora: Ah, mas daí é só cobrindo férias?

Interlocutora: Fazendo cobertura só.

Pesquisadora: As férias de vocês é o mesmo período das férias escolares?

Interlocutora: Tem pessoas que tem a sorte que sim, tem algumas que não, se você tiver direito eles te deixam, senão eles te mandam para outro lugar.

Interlocutora: Então quando a diretora concorda de abrir para nós a gente fica ali mesmo. Se ela não concordar em abrir, eles mandam a gente para outro lugar, mas dificilmente fica em casa.

Pesquisadora: Você escolheu essa profissão? Como é que foi?

Interlocutora: Eu acho assim que era como ganhar a minha renda na verdade, já não tenho estudo para trabalhar no que, e foi o que surgiu para mim tipo assim nessas que eu acabei gostando.

Pesquisadora: Você acha melhor trabalhar no CMEI do que trabalhar em casa de família, por exemplo?

Interlocutora: Olha como eu nunca tinha trabalhado CMEI é bem melhor, bem melhor do que casa de família.

Pesquisadora: Por quê?

Interlocutora: Aqui você tem descontração, você chega irritada, se já olha na carinha da criança tira tudo aquela carga sua é assim. Se tem um como que eu posso dizer, a eu não sei te explicar mais se chega ali se chega com uma cara e sai com outra, ou se sai bem-humorado ou mal humorado, se briga com o colega ali, o colega te fala alguma palavra, já vem uma criança, já te acolhe.

Pesquisadora: O que você acha melhor coisa do CMEI então?

Interlocutora: Envolvimento com as crianças né.

Pesquisadora: É as crianças?

Interlocutora: As crianças.

Pesquisadora: Você se relaciona bem com elas?

Interlocutora: Com certeza!

Pesquisadora: Eu imagino, deve ter maior carinho né.

Interlocutora: Tenho bastante.

Pesquisadora: E com as professoras.

Interlocutora: Com as professoras também.

Pesquisadora: A diretora?

Interlocutora: A diretora, nossa! um amor de pessoa, ali não tem palavras.

Pesquisadora: Você sente que seu trabalho é valorizado, respeitado?

Interlocutora: A essa parte não né, são poucos que valorizam são bem pouquinhos.

Pesquisadora: Por que, quando é que você se sente valorizada no seu trabalho?

Interlocutora: Se não é para ficar limpo ali, não é que nem a casa da gente e tem que ficar em ordem ali, mas eu penso comigo assim a coisa que você fez acabou de fazer vai um ali e estraga, é na parte manter cuidar mais assim se eu acabei de fazer uma coisa ali que fique mais um pouquinho organizado, não tem de uma hora para outra, já vira tudo essa parte, aí que eu acho.

Pesquisadora: Nisso que você acha que não é valorizada.

Interlocutora: Não.

Pesquisadora: Ninguém diz assim para você: Nossa Odete! Que bom trabalho você fez! Alguém já disse isso para você?

Interlocutora: Já tive bastante elogio.

Interlocutora: Tem elogio também.

Pesquisadora: Então, então as pessoas não cuidam das coisas como deveriam. Você acha que elas poderiam ajudar mais?

Interlocutora: Acho que sim, com certeza, porque dá para ver aquelas que cuidam e aquelas que não cuidam, entendeu então tem como tá cuidando no caso.

Pesquisadora: E vamos comparar se você acha por exemplo que é onde que você acha que tem mais respeito, que você foi mais valorizada trabalhando na casa de uma família como empregada doméstica ou no CMEI.

Interlocutora: No CMEI.

Pesquisadora: Por quê?

Interlocutora: Não sei explicar, mas no CMEI é bem mais valorizado do que na casa como empregada doméstica.

Pesquisadora: Onde você acha ganha mais, ganha melhor?

Interlocutora: No CMEI também.

Pesquisadora: Se você tivesse que escolher uma outra profissão uma outra coisa?

Interlocutora: O que eu faria?

Interlocutora: Eu viveria de plantas. Gosto de plantar.

Pesquisadora: Herdou dos pais esse talento?

Interlocutora: Não sei se foi, mais é uma coisa que eu gosto muito.

Pesquisadora: Você chegou a trabalhar na lavoura essas coisas?

Interlocutora: Num digo trabalho, mas já ajudei, fazia uma coisinha ou outra com eles.

Pesquisadora: No CMEI você faz horta, plantas coisas ou não?

Interlocutora: Planto, se as professoras trouxerem uma mudinha e falarem o Odete essa aqui é sua, além de me deixarem bem alegre planto também, se precisar eu planto também.

Pesquisadora: Quando eles vão fazer uma atividade educativa para as crianças, eles chamam você para participar junto ou eles pedem sua opinião?

Interlocutora: Depende do professor, sim.

Pesquisadora: Alguns professores.

Interlocutora: Bastante pedem.

Pesquisadora: Já chamaram você para ajudar?

Interlocutora: Já chamaram para ajudar já, pra elaborar alguma coisa já pediu minha opinião. Qual é a forma que ficava melhor se daria pra fazer daquele jeito, pedem, tem algumas que pedem sim.

Pesquisadora: Você acha que por você trabalhar dentro do espaço educativo você tem uma função de ajudar a educar as crianças?

Interlocutora: Com certeza.

Pesquisadora: Como é que se faz isso?

Interlocutora: No caso se você ver uma criança ali, que esses dias aconteceu que as cadeirinhas ficam todas erguidas em cima da mesa né e rolou uma atividade que as crianças ficam circulando no salão e estava parada na parede e uma criança bem pequenininha passou e me levou a cadeira, na hora que ela bateu naquela cadeira e a criança era bem menor do que a mesa e as cadeiras junto eu fiz um movimento brusco minha fia que eu um par de dias com as costas tudo fuzilada eu não conseguia segurar nem a criança nem a cadeira uma das duas coisas eu consegui, mas só a minha agilidade que eu tive ali pra mim eu fiquei meio que com as costas fuzilada, mas valeu a pena, que a hora que a criança saiu daí eu vi que não aconteceu nada com ela.

Pesquisadora: Então você acha que o cuidado com as crianças também é tua responsabilidade?

Interlocutora: Eu acho com certeza.

Pesquisadora: E a diretora, a pedagoga da escola. Elas dizem isso para você ou você faz de iniciativa própria?

Interlocutora: Eu faço por mim. Eu acho que eu tô ali, eu não sou a menina da limpeza, se eu tô ali e tem alguma coisa acontecendo de errado eu tenho que... as vezes chamar o professor e contar que está acontecendo isso ou aquilo, ou as vezes eu mesmo mando sair dali, tem alguns que obedecem alguns que não, alguns que continuam teimam e continuam, eu vou e chamo o professor, “ó fulano tá lá vai lá ver o que você pode fazer”.

Pesquisadora: E quando tem reunião da equipe essas coisas chamam vocês para participar também, vocês participam das reuniões?

Interlocutora: Depende da reunião, não todas, que algumas a gente participa.

Pesquisadora: E você gostaria de participar mais?

Interlocutora: Eu não.

Pesquisadora: Não, por quê?

Interlocutora: Eu não gosto muito de reunião.

Pesquisadora: Você me deixa perguntar mais algumas coisinhas ainda que a gente vai e volta né.

Interlocutora: ah...

Pesquisadora: Você mora ali, ah... teve teus filhos foi morar sozinha com eles e se virou sempre assim?

Interlocutora: Sempre me virei só, porque eu morava com a minha mãe, a minha mãe faleceu e acabei ficando lá na casa dela né, e daí veio os filhos e continuei ali, e batalhando aí eu que sustento eles, eu que visto eles, eu que dou estudo, tudo só eu.

Pesquisadora: Eu vou fazer uma pergunta a você se você não quiser responder não precisa, mas assim qual que é o teu salário?

Interlocutora: No CMEI? É um mil acho que um mil e trezentos.

Pesquisadora: E você acha que esse dinheiro é o suficiente para você sustentar dois adolescentes e a casa.

Interlocutora: Na verdade, teria que ser mais, mas é o que eu ganho, teria que ser mais.

Pesquisadora: Como é que você se vira, como é que você se planeja, para esse dinheiro dar o mês todo?

Interlocutora: Tudo na ponta da caneta né.

Pesquisadora: Tudo na ponta da caneta?

Interlocutora: Um mês que eu posso gastar mais eu gasto mais com eles, o mês que eu posso gastar menos.

Pesquisadora: Eles fazem muita exigência?

Interlocutora: Não são exigentes não, graças a Deus não.

Pesquisadora: Eles já estão pensando em trabalhar ou ainda não?

Interlocutora: O do meio sim né, o do meio faz 18 agora já dá para trabalhar né, e é o do meio que tem uma criança né.

Pesquisadora: Ele é o pai do neném que vai nascer ou que já tem?

Interlocutora: O que já tem.

Interlocutora: Teve uma namorada e saiu a criança, então esse já precisa trabalhar na verdade já era para estar trabalhando já, mas ele está em fase do quartel então não consegue ainda.

Pesquisadora: Difícil né, e daí e a mãe da criança não exige pensão essas coisas?

Interlocutora: Eu fui uma boa sogra né, eu cheguei, coloquei o pingão no i e falei assim o que puder ajudar eu ajudo, se estiver dentro do meu alcance, não vou te falar que vou te dar o mundo que também eu não posso, pois tenho eles também, então se ela precisa de um pacote de fraldas, de um remédio, ela chega até mim e pergunta se eu posso comprar, eu vou lá e compro, porque pensão, pensão mesmo não tenho condições é tirar de um santo e dar para outro né. Que não é justo.

Pesquisadora: Tá ansiosa? Está muito difícil?

Interlocutora: Não, eu achei que era mais difícil, não está não.

Pesquisadora: Você trabalha, cuida da casa, cuida dos filhos e para você se divertir o que que você faz?

Interlocutora: Quando eu quero me divertir ah eu tomo um gole eu vou para o baile, boteco. De vez em quando eu vou, muito raro, mas vou.

Pesquisadora: Tá certo, quer me contar mais alguma coisa?

Interlocutora: Acho que não né.

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE CONVERSA



A mão da limpeza: memórias de trabalhadoras negras em unidades educacionais

Pesquisadora: Lucia Helena Xavier
Orientadora: Lucimar Rosa Dias



1. **Dados pessoais:**

Nome:

Como prefere ser chamada?

Data de nascimento:

Local de nascimento:

2. **Infância**

Como era sua vida quando era criança?

3. **Escola**

Quais suas lembranças sobre a escola?

4. **Família**

Conte-me sobre sua família.

5. **Identidade racial e de gênero**

Você acha que ser uma mulher negra interfere na sua vida?

De que forma?

Pode contar em que situações isso fez diferença?

6. **Trabalho**

7. Onde você já trabalhou?

8. O que faz atualmente?

9. Como escolheu esta profissão?

10. Você acha que recebe um tratamento justo no seu trabalho?

ANEXO 1 - ALÉM DA MÃO DA LIMPEZA

PROTAGONISTAS NA LUTA PELOS DIREITOS DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NO BRASIL

Nair Jane de Castro Lima



Imagem do documentário Colcha de Retalhos, escrito e dirigido por Yasmin Getirana e produzido pelo Núcleo de Audiovisual do CPDOC, FGV-RJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xVIZxOHhnmw&t=2s>. Acesso 30/11/2021.

Nair Jane de Castro Lima, nasceu na cidade de Imperatriz, no Maranhão, em 15 de abril de 1932. Começou a trabalhar como trabalhadora doméstica ainda na infância em troca de abrigo e alimentação. Trabalhando como doméstica teve possibilidades de estudo, fez viagens ao exterior com as famílias que a empregaram, vivenciou realidades muito diversas, aprendeu diferentes idiomas e ampliou seu repertório cultural. Tais experiências somadas à sua atuação na Juventude Operária Católica foram fundamentais em sua militância sindical e política. Participou ativamente na construção da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Além disso, foi uma das fundadoras da Confederação Latino-Americana e do Caribe das Trabalhadoras Domésticas (CONLACTRAHO) em 1988 e do sindicato da categoria na Baixada Fluminense. Em 2003, recebeu o Prêmio Bertha Lutz, do Senado Federal, e em 2019 foi homenageada com o “Diploma Mulher-Cidadã Leolinda de Figueiredo Daltro”, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

Odete Maria da Conceição



Disponível em: <https://fenatrad.org.br/2018/07/14/nota-de-pesar-2/>. Acesso: 30/11/2021

Odete Maria da Conceição lutou com outras mulheres pela criação do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, no Rio de Janeiro, fundado em 1989.

Odete denunciava a ausência de garantia de direitos trabalhistas nas relações entre as trabalhadoras e suas empregadoras, por estas entenderem que as profissionais eram sua propriedade. Ela defendia que a participação de trabalhadoras em eventos coletivos seriam o caminho para a ampliação dos direitos da categoria.

Laudelina de Campos Mello



Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/2a-edicao-de-livro-sobre-herois-negros-depender-de-campanha-para-ser-publicado/>. Acesso em: 30/11/2021.

Laudelina nasceu em Poços de Caldas, Minas Gerais, no dia 12 de outubro de 1904. Aos sete anos de idade, já executava a função de babá, foi educada para o trabalho doméstico. Aos dezesseis anos, foi presidente do Grupo Negro “13 de Maio”, que tinha finalidades recreativas e de acolhimento. Entre os anos de 1925 e 1928, participou da Associação “Saudades de Campinas”, um grupo cultural negro com objetivos recreativos. Seu marido era o secretário e ela a oradora oficial e vice-presidente. Em 1936, Laudelina filiou-se ao Partido Comunista e fundou a primeira Associação Beneficente das Domésticas com o objetivo de protegê-las das violações de seus direitos fundamentais.

Além de ser trabalhadora doméstica ela foi governanta, administradora de fazenda, dona de pensão, microempresária da cozinha, promotora cultural e de eventos.

Mirtes Renata de Souza



Foto: Reprodução/ Redes Sociais. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2020/11/apos-perda-do-filho-mae-de-miguel-se-matricula-em-curso-de-direito.html>. Acesso em: 30/11/2021.

Após a morte do filho de cinco anos em edifício do Recife, a ex-empregada doméstica Mirtes Renata de Souza tornou-se ativista na luta contra o racismo no Brasil. Matriculou-se em um curso de Direito e quer se tornar advogada.

Pernambucana do Recife e mãe solo, em 2016, foi trabalhar como empregada doméstica na casa da família Corte Real, onde ficou até a morte de seu filho em 2020.

Venceu o prêmio “Faz a diferença” na categoria Diversidade do jornal “O Globo” em julho de 2021, se tornou um símbolo na luta contra as desigualdades sociais e o racismo.

Sandra Soares



Foto: Arquivo/Ponte. Disponível em: <https://ponte.org/trabalhadoras-domesticas-reivindicam-direito-a-quarentena-e-salario-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 30/11/2021.

Sandra Soares, de 38 anos, é empregada doméstica em Recife no estado de Pernambuco. No percurso de casa para o trabalho e do trabalho para casa precisa de quatro ônibus, o que aumentava suas chances de ser contaminada com o vírus da Covid-19. Durante a pandemia do Covid-19, após ser dispensada do trabalho pelos seus patrões sem prejuízo para seus rendimentos, decidiu gravar um vídeo para colocar nas suas redes sociais em defesa de outras trabalhadoras domésticas para que reivindicassem o mesmo direito adquirido por ela, provocando um debate sobre o tema.